



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Maria Angela Gomes Gonçalves

**“Meio”, raça e homoerotismo em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha
(1895)**

São Gonçalo

2021

Maria Angela Gomes Gonçalves

“Meio”, raça e homoerotismo em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha (1895)



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Território da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em Formação de Professores; Área de concentração: Identidade e Representação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Huguenin Pereira

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

São Gonçalo

2021

Ficha Catalográfica

Maria Angela Gomes Gonçalves

“Meio”, raça e homoerotismo em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha (1895)

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Território da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em Formação de Professores; Área de concentração: Identidade e Representação.

Aprovado em *** de ***** de 2021.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Ana Carolina Huguenin Pereira (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva (Co-orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dr. Daniel Pinha Silva (Examinador Interno)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Dra. Dominichi Miranda de Sá (Examinador externo)
Fundação Oswaldo Cruz

São Gonçalo

2021

DEDICATÓRIA

À lembrança de meu amigo e psicólogo Luis Eduardo Miranda.
Espero que, de onde estiver, este trabalho lhe encha de orgulho.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Dr.^a Ana Carolina Huguenin e Dr.^a Ana Paula Barcelos, por toda dedicação e crescimento que me proporcionaram.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História Social do Território da UERJ-FFP e aos professores da banca examinadora.

Ao professor Dr. Marcelo Loureiro, por tanto incentivo e companheirismo desde o princípio.

Ao pastor Dr. Misael Henrique Silva do Amaral, por me impulsionar a seguir na vida acadêmica e me alimentar com a paz de Deus em todas as conversas.

A minha família, meu irmão Luis Antonio e minha cunhada Monique, por serem minha inspiração. A meus pais por todo amor nas suas diversas formas.

Aos meus amigos, essenciais para que este trajeto se tornasse um pouco mais leve, no trabalho e nos diversos ciclos, em especial minha amiga Dayane Araujo por todo apoio.

Agradeço imensamente a Deus por ter sido um Pai presente nos dias mais difíceis.

Concluir esta etapa durante um período de tanta dor, tantas mortes e tanta solidão, tornou-se uma vitória em meio ao caos e também uma missão, a fim de reafirmar a necessidade da pesquisa, da ciência e da história.

O que a literatura faz é o mesmo que ascender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor.

William Faulkner, citado por Javier Marías - A bibliotecária de Auschwitz.

GONÇALVES, Maria Angela Gomes. “Meio”, raça e homossexualidade na obra *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha (1895). 2021. 149f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro em Formação de Professores, São Gonçalo, 2021.

RESUMO

O romance naturalista *Bom-Crioulo*, publicado em 1895 por Adolfo Caminha (1867-1897), explora as temáticas do cientificismo em voga no final do século XIX e como as influências determinantes do “meio” incidiriam sobre o comportamento humano. A obra explora ainda temáticas que fugiam daquilo que era socialmente aceito no período, como aquelas relacionadas a gênero, ao desejo sexual e à homossexualidade. O objetivo deste trabalho é identificar as teorias científicas presentes em *Bom-Crioulo*, analisar a trajetória literária de Adolfo Caminha, o contexto histórico em que o romance foi escrito e publicado e a sua recepção. A obra aborda a paixão de Amaro, um homem negro e ex-escravo, por Aleixo, um jovem branco. A narrativa homoerótica termina com o assassinato de Aleixo pelas mãos de Amaro. Este trabalho procura observar como a obra traz abordagens revolucionárias dentro de uma sociedade conservadora, ao explorar, de forma direta e explícita, temáticas então consideradas grandes tabus. Ao mesmo tempo, o romance promove a criminalização de um ex-escravo homossexual, ao partir de pressupostos cientificistas segundo os quais haveria, como fatores que impulsionam as ações dos personagens, teorias ligadas ao racismo, à criminologia científica oitocentista e à ideia de que a homoafetividade seria um desvio ou uma doença.

Palavras-chave: Adolfo Caminha. História e Literatura. Homoafetividade. Naturalismo.

GONÇALVES, Maria Angela Gomes. Environment, race and homosexuality in *Bom-Crioulo* by Adolfo Caminha (1895). 2021. 149 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro em Formação de Professores, São Gonçalo, 2021.

ABSTRACT

The naturalist romance *Bom-Crioulo*, published in 1895 by Adolfo Caminha (1867-1897), explores themes of scientism in trend at the end of the 19th century and how the determining influences of the “middle” would affect human behavior. The work also explores themes that escaped from what was socially accepted at the time, such as those related to gender, sexuality. This work speaks how to identify the scientific theories present in *Bom-Crioulo*, analyze the literary trajectory of Adolfo Caminha, the historical context in which the romance was written and published and its reception. The work addresses the passion of Amaro, the black man and former slave, for Aleixo, the young white man. The homoerotic narrative ends with the murder of Aleixo at the Amaro's hands. This research (repetiu muito "trabalho" mudei para pesquisa) seeks to observe how the work brings revolutionary approaches within a conservative society, by exploring, in a direct and explicit way, themes then considered great taboos. In the same time, that love promotes the criminalization of a former homosexual slave, based on scientific assumptions according to which there would be, the factors that drive the characters' actions, theories linked to racialism, nineteenth-century scientific criminology and the idea that the homoaffectiveness would be a detour or a disease.

Keywords: History and Literature. Homoaffectiveness. Naturalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A TRAJETÓRIA E A OBRA DE ADOLFO CAMINHA: A INFLUÊNCIA DO NATURALISMO	12
1.1 A recepção das teorias darwinistas no Brasil.....	12
1.2 A trajetória literária de Adolfo Caminha.....	28
1.3 Aspectos naturalistas e realistas em <i>A Normalista e Tentação</i>	37
2 <i>BOM-CRIOULO</i> : UM PERSONAGEM NEGRO E HOMOAFETIVO NA LITERATURA OITOCENTISTA.....	53
2.1 O determinismo do “meio”	53
2.2 O racismo	78
2.3 O “homossexualismo” em <i>Bom-Crioulo</i>	92
3 A RECEPÇÃO CRÍTICA DE <i>BOM-CRIOULO</i>	105
3.1 A popularização do livro no final do século XIX.....	105
3.2 O mercado editorial carioca	114
3.3 A recepção crítica de <i>Bom-Crioulo</i>	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	139
FONTES	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

INTRODUÇÃO

Ao pensar em uma obra literária como *Bom-Crioulo* (1895), para trazer à tona aspectos do contexto histórico brasileiro em finais do século XIX, utilizamos a Literatura enquanto fonte de pesquisa. No âmbito da afirmação da História Cultural no século XX, estabeleceu-se uma série de transformações no modo de pensar a história – “influenciada pelo surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa histórica, pelos novos objetos visando temáticas originais e pela abundância das novas abordagens”¹. Surgiu então a necessidade de se incorporar novas fontes de pesquisa historiográfica para além de documentos oficiais relacionados ao contexto socioeconômico, e aos grandes acontecimentos militares, diplomáticos e políticos.

A partir dessa ampliação de elementos que integram a Historiografia, a Literatura tornou-se fonte palpável para o historiador. Com os cuidados cabíveis, respeitando suas especificidades, é possível reconhecer que “a literatura é produto do seu tempo e é reflexo das condições socioculturais do meio em que os autores se inserem”².

Todo autor faz parte do seu tempo, logo, as obras e escolas literárias se inserem, sempre, em determinado contexto histórico – em suas disputas, conflitos, projetos e esperanças. É seguindo tal premissa que este estudo volta seu olhar para uma escola literária cuja proposta é descrever, a partir de uma estética ultrarrealista e de pressupostos científicos, aspectos diversos do contexto social: o Naturalismo. Na escola naturalista, o escritor pretendia colocar-se diante do objeto em sua essência, registrando cientificamente, em tese, as noções que viriam a construir seu próprio texto em uma “transposição direta da realidade”³, como afirma Antonio Candido.

O autor naturalista, portanto, ao escrever sobre o contexto que o cerca, e procurar capturá-lo com precisão e suposta isenção, produz uma reflexão, através da escrita criativa, sobre a sociedade na qual e sobre a qual escreve. O que nos leva a destacar outro ponto relevante: a diferença entre o Naturalismo brasileiro e o Naturalismo europeu. Ainda que inspirado no modelo europeu, o Naturalismo no Brasil foi marcado pelas especificidades de um

¹ SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e Literatura: uma relação possível. *Revista Científica, Curitiba*, jan-dez. v.2, 2007. p.1-2.

² SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 29.

³ CANDIDO, Antonio. *O Discurso e a Cidade*. Cidade da editora? Editora Ouro, 5ª ed, 2015, p. 107.

país ainda escravocrata e monarquista, que caminhava para a abolição e para a instauração do regime republicano.

Adolfo Caminha, ao elaborar, a partir da estética e de pressupostos naturalistas, um romance entre dois marinheiros na sociedade oitocentista, não revela somente aspectos relacionados à sociedade, mas sua percepção acerca da temática homoafetiva. Revela-se ainda e a influência do racismo no Brasil, através de um enredo cujo protagonista é um homem negro, antigo escravo de uma fazenda de café, representado enquanto um sujeito brutal, de inteligência limitada e violento. O romance homoafetivo se desenrola, também de acordo com perspectivas científicas da época, sob o signo de uma suposta perversão sexual, do crime e da violência.

O título desta dissertação, “*Meio*”, *raça e homoerotismo na obra Bom-Crioulo de Adolfo Caminha (1895)*, expõe as principais temáticas que o autor procurou abraçar em sua narrativa científica e ficcional: o meio, como agente influenciador dos personagens; a raça, como parte de teorias evolucionistas reapropriadas no contexto brasileiro; o homoerotismo, como suposta perversão, envolvendo a sedução de um jovem branco por um homem negro, e que termina em um assassinato. A narrativa contextualiza-se em um final de século marcado por teorias científicas e sua apropriação, múltipla, em um país marcado pelo regime escravocrata. Assim, nossa intenção neste trabalho é demonstrar como a análise da obra faz-se relevante para pensar criticamente a construção de padrões de comportamento sexual e a cientificação de antigas hierarquias raciais. Objetiva-se uma leitura sobre as ideias do século XIX através de uma pesquisa histórica pautada na literatura, desde a construção da obra até sua recepção.

O primeiro capítulo, construirá um panorama histórico acerca da recepção do darwinismo no Brasil e das temáticas que pautaram os romances naturalistas. Em um segundo momento, será apresentada a trajetória literária de Adolfo Caminha, escritor cearense, republicano e abolicionista. Por último, neste capítulo, será feita uma breve análise de duas outras obras significativas na produção do autor, uma que antecede a publicação de *Bom-Crioulo* e outra posterior: *A Normalista* (1893) e *Tentação* (1896).

No segundo capítulo, faremos uma análise de *Bom-Crioulo* dissecando a obra de forma a destacar os pressupostos da estética naturalista presentes em suas páginas. Além disso, apresentamos ao longo do capítulo algumas comparações com *O Cortiço*, obra do autor naturalista Aluísio Azevedo, a fim de tecer uma narrativa que apresente os aspectos científicos comuns aos autores. O capítulo será organizado a partir de três seções. A primeira trata do

determinismo do “meio”, como instância que determinaria o comportamento dos personagens segundo teorias científicas em voga no final do século. A segunda abordará a influência das teorias racialistas em *Bom Crioulo*. Na obra, o protagonista Amaro, enquanto homem negro, seria quase predestinado ao crime e a um suposto “desvio” ou perversão sexual. Na última parte do capítulo, abordaremos o “homossexualismo”, que refletirá as interpretações científicas da homoafetividade como doença, muitas vezes, destino daqueles que as teorias evolucionistas consideravam inferiores, no caso, o homem negro.

O último capítulo abordará o contexto de publicação de *Bom-Crioulo* e sua recepção, iniciando-se por uma análise do período de popularização do livro no Rio de Janeiro. Sequencialmente, abordaremos o mercado editorial carioca então em expansão e a recepção crítica de *Bom-Crioulo* no ano de sua publicação. A interpretação da obra como um ensaio homoerótico, escandaloso e pornográfico gerou críticas ao autor e levantou discussões sobre suas verdadeiras intenções ao publicar o romance. Para a construção desta análise, utilizaremos periódicos que contêm críticas ao autor e à obra por parte dos críticos literários do período, sendo o mais assíduo Valentim Magalhães, membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Em contrapartida, apresentaremos também os defensores do romance, que, mesmo em menor número, apresentavam uma visão menos condenatória e corroboravam com a defesa do próprio Caminha, que afirmava ter escrito uma obra científica inspirada no que havia de mais moderno nos estudos europeus.

1 A TRAJETÓRIA E A OBRA DE ADOLFO CAMINHA: A INFLUÊNCIA DO NATURALISMO

1.1 A recepção das teorias darwinistas no Brasil

O final do século XIX é marcado tanto pela resistência quanto pela aceitação das ideias de Darwin no Brasil e em outros países. Uma questão muito específica aos brasileiros, no que concerne à recepção das teorias darwinistas no país, é a escravidão, alvo de debate em pesquisas e teorias oitocentistas. O confronto entre vários autores, como afirmam Heloísa Maria Bertol Domingues e Magali Romero Sá, leva-nos a concluir que sua recepção instaurou debates e polêmicas, “além de dividir a opinião dos que com ela se envolviam, deixaram claro que, no caldeirão do conhecimento, como ‘darwinismo’ confundiram-se as várias interpretações da ideia da evolução”⁴. Foi dentro desse turbilhão de interpretações, que envolvem questões socioculturais para além de questões científicas que os romances naturalistas surgiram, despontando quase no mesmo período de instauração da Primeira República.

Angela Alonso afirma que os romances científicos da geração de literatos brasileiros de 1870 formularam personagens e enredos que “rompiam com a estetização da sociedade imperial”.

Os romances científicos, que muitos membros dos grupos de contestação redigiram, alçaram à matéria literária os homens livres, pobres, os mulatos, como nos romances de Aluísio de Azevedo (*O homem*, 1887); os estudantes, de *O Ateneu* (1888); as mulheres cultas, de *A carne* (1888). Criaram novos tipos nacionais, incluindo a gama de alijados na autoimagem do regime monárquico. Esses romances, minuciosamente descritivos, sociológicos, rompiam com a estetização da sociedade imperial que os romances de Alencar tinham nutrido.⁵

Os romances naturalistas surgiram como uma oposição ao Romantismo, apropriando-se de teorias e temáticas científicas sem seguir um roteiro linear. A exemplo das teorias evolucionistas, as obras do movimento naturalista não seguiram direção unívoca, nem tiveram a pretensão de fazê-lo. Desse modo, “[...] não é possível compreender plenamente a estética

⁴ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. *Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX. A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003. p. 119.

⁵ ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento - A geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001. p. 242.

naturalista sem considerar a sua ligação com esse ‘desmonte confuso’⁶, ou seja, sem considerar a multiplicidade da recepção das teorias evolucionistas no Brasil.⁷

A respeito da influência do cientificismo nos romances naturalistas, Auerbach afirma:

O romance teria ganho em amplitude e em importância, seria a forma mais séria, apaixonada e viva do estudo literário e da pesquisa social [...] tornar-se-ia pelas suas análises e investigações psicológicas, uma *Histoire morale contemporaine*; ter-se-ia imposto os métodos e os deveres da ciência e poderia também, portanto, reivindicar os seus direitos e as suas liberdades.⁸

Os romances naturalistas, portanto, surgiram em um período de expansão das ideias científicas incorporadas aos enredos das obras de ficção a partir de variadas vertentes de interpretação, inclusive, no que tange a uma abordagem múltipla da ideia de evolução.

No Brasil, os romances naturalistas divulgaram modelos cientificistas, com personagens condicionados pelas máximas deterministas relacionadas a uma perspectiva fisiologista e biologizante. Segundo Lilia Schwarcz, “a moda cientificista entrou no país por meio da literatura e não da ciência mais diretamente”⁹. Desse modo, a percepção dos literatos, diante dos novos conceitos científicos, tendia a uma esperança de que a ciência trouxesse mudanças na construção política e social do país.

Era preciso olhar de uma outra forma para esse país, “encará-lo de forma científica”, tarefa que implicou não apenas a absorção das interpretações estrangeiras como sua utilização enquanto matrizes de pensamento. Enquanto “homens de ciência”, esses pensadores encontravam-se dispostos a adaptar as novas ideias e pensar uma saída científica para a nação.¹⁰

O período de surgimento dos romances naturalistas no Brasil, não por coincidência, é o mesmo em que uma série de transformações políticas culminou na crise do sistema monárquico e na abolição da escravidão, ainda em finais do século XIX. O Naturalismo é, como apontamos, parte do avanço e da influência do pensamento científico desenvolvido na Europa e incorporado pela sociedade brasileira daquele período. Angela Alonso afirma que “as obras dos anos 1870

⁶ FARIA, Maráisa Gabriela de. *As barbas espantadiças do público: uma história da edição, circulação, recepção e fortuna crítica de Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, 2016, p. 94.

⁷ Ibidem. p. 94.

⁸ AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971, p. 433.

⁹ SCHWARCZ, Lilia. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 32.

¹⁰ Ibidem. p.153.

giram, sobretudo, em torno da cisão inraelite: discutem as reformas propostas pelo Partido Liberal e as efetivadas pelo gabinete Rio Branco”¹¹. Ainda que focado em questões políticas nacionais, o movimento intelectual que se produz a partir da segunda metade do século XIX incorpora parâmetros ideológicos e intelectuais europeus, de modo que “o movimento da geração de 1870 seria uma duplicação, adaptação ou reação às doutrinas europeias”¹², ou seja, seria inspirado no que se produzia além-mar, em países que passaram por mudanças significativas em sua conjuntura política, socioeconômica e cultural.

Ao longo do século XIX, o clima europeu de turbulência e ativismo político produziu uma reflexão intelectual colada à conjuntura, visando à intervenção política. A conjunção entre ensaísmo histórico e ativismo político é característica de outras gerações 1870, como a espanhola, a francesa e a portuguesa.¹³

Alonso afirma que vigorava no país uma tradição político-intelectual escorada em três núcleos: o indianismo romântico, o catolicismo e o liberalismo estamental, que tinham o objetivo de definir a nacionalidade, representar a sociedade hierárquica e limitar a cidadania.¹⁴ Confrontando-se de diversas formas com tais tradições, “muitos membros da geração de 1870 apresentavam suas conclusões como ‘científicas’ ou se reputavam como ‘pensadores da política’”. Isto não autoriza, todavia, afirmar que visassem a produção de conhecimento acadêmico”¹⁵. A partir de seu ativismo político, tal geração readaptou o evolucionismo e as produções intelectuais do século XIX no período em que as ideias de Darwin foram incorporadas independentemente, de acordo com a adesão de autores e cientistas que adotavam um posicionamento parcial, criando diversas vertentes interpretativas a partir da publicação de *A origem das espécies* (1859).

Sobre a reapropriação e a ressignificação de ideias científicas no Brasil e no contexto histórico em que se desenrolou, Karoline Carula afirma:

Em 1850, o fim efetivo do tráfico de escravos africanos acabou com a reprodução da mão de obra oriunda da África influenciando na transição do cativo para a liberdade. A Lei do Ventre Livre, de 1871, acentuou as discussões acerca da proximidade do fim da escravidão e da mão de obra a ser utilizada após a abolição. O término da guerra do Paraguai enfraqueceu a opinião pública acerca do poder Imperial. O manifesto republicano de 1870 e a criação do partido republicano, que propunham a mudança de regime político, também colaboraram para a

¹¹ ALONSO, Angela. Op. Cit. p. 167.

¹² Ibidem. p. 165.

¹³ Ibidem. p. 170.

¹⁴ Ibidem. p. 167.

¹⁵ Ibidem. p. 166.

desestabilização monárquica. Os debates que despontaram neste momento eram, muitas vezes, permeados pelas novas teorias científicas/cientificistas europeias – positivismo, evolucionismo, darwinismo, naturalismo, dentre outros ismos – que eram lidas, ressignificadas e apropriadas pela camada letrada brasileira.¹⁶

Ao afirmar que as teorias científicas europeias eram “lidas, ressignificadas e apropriadas pela camada letrada brasileira”¹⁷, Carula corrobora as afirmações de Alonso em *Ideias em Movimento*. Segundo esta autora, o cientificismo europeu associado à experiência nacional nos anos 1870 acabou por produzir um discurso próprio. Alonso afirma ainda que “este caráter pragmático e moderado da elite imperial deu conteúdo novo ao repertório europeu e a experiência brasileira particularizou os esquemas mentais estrangeiros”¹⁸, de modo que discursos de caráter evolucionista e determinista foram apropriados de forma a justificar e encaminhar certas contradições e dilemas internos do país.

Teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo, “um cinematographo em ismos”, começam a se difundir a partir dos anos 70, tendo como horizonte de referência o debate sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial.¹⁹

Segundo Regina Cândido Ellero Gualtieri, “[...] na década de 1860, para ser um darwinista, bastava rejeitar a criação especial, aceitando, em vez disso, a descendência comum das espécies e a incorporação do homem no curso geral da evolução”²⁰. Gualtieri afirma ainda que “as teses darwinistas tiveram uma adesão parcial dos cientistas que rejeitaram as concepções conflitantes com as suas concepções e valores e admitiram em seus trabalhos apenas aquelas com as quais se identificavam”²¹, portanto, reinterpretando e ressignificando.

Heloísa Maria Bertol Domingues e Magali Romero Sá afirmam que o Brasil, diante das teorias darwinistas, se torna um país “*sui generis*”²², ou seja, único em seu gênero. As autoras colocam como os pontos principais dos debates de aceitação e negação das ideias de Darwin

¹⁶ CARULA, Karoline. *Darwinismo, Raça e Gênero: Conferências e Cursos Públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo 2012, p. 9.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ ALONSO, Angela. Op. Cit., p. 56.

¹⁹ SCHWARCZ, Lilia. Op. Cit. p. 28.

²⁰ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *Evolucionismo do Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008, v.1 p. 198.

²¹ Ibidem. p. 195.

²² Ibidem. p.101.

uma relação triangular: o imperador, os cientistas brasileiros e os pares europeus, incluindo o próprio Darwin. A valorização da ciência no Brasil, nos marcos de uma “cientificidade difusa”²³, se relaciona à adoção do discurso cientificista em voga na Europa, o que significaria buscar legitimidade no plano internacional, isto é, reconhecer o país como uma nação moderna e “civilizada”, não mais associado à dominação colonial, ao ponto do próprio imperador se afirmar como um entusiasta dos avanços científicos, aproximando-se, inclusive, do pensamento evolucionista, ainda que não concordasse com Darwin acerca da origem dos homens. Para Lilia Schwarcz:

Um primeiro exemplo dessa postura pode ser encontrado na própria figura de Dom Pedro II, na época denominado “mecenas na ciência”. Para além da influência política e do papel centralizador que o monarca exercia, o imperador também ficou conhecido como assíduo frequentador de exposições, expedições e reuniões de cunho científico nacionais e internacionais.²⁴

O Brasil e outros países da América eram vistos como objetos de estudo por pesquisadores estrangeiros. O próprio Darwin, em sua passagem pelo Rio de Janeiro, visitou o Jardim Botânico e, sobre ele, escreveu:

[...] cresciam plantas muito conhecidas pela grande quantidade de suas propriedades. As folhas da cânfora, da canela e do cravo desprendiam um aroma muito delicioso; e a fruta-pão, a jaca e manga disputavam a primazia da magnificência da folhagem. A paisagem dos arredores da Bahia quase que se caracteriza por estas duas últimas árvores.²⁵

Domingues e Sá ressaltam que, “apesar de Darwin ter visitado o Jardim Botânico e ter exaltado a natureza do país, não fez referência aos naturalistas brasileiros nem tampouco visitou o Museu Nacional que, na época, já possuía uma exposição de história natural aberta ao público”²⁶. E acrescentam que, naquele período, a importância atribuída ao país não se resumia a um campo de observação, porque o Brasil também era visto como terra fértil à aceitação e ao suporte das novas ideias: “[...] o Brasil não foi somente o palco da elaboração da teoria da evolução por seleção natural; também foi neste país que nasceu imediatamente um suporte a

²³ SCHWARCZ, Lilia. Op. Cit., p. 30.

²⁴ Ibidem.

²⁵ DARWIN, 1890: 23 apud DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 99.

²⁶ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 99.

ela. Aqui, surgiu uma das mais importantes interpretações da teoria na área da biologia: a de Fritz Müller²⁷.

Utilizando crustáceos marinhos como objeto de estudo, Müller testou as ideias de Darwin em campo. “Em 1864, ficou conhecido no meio científico internacional pela publicação de um pequeno livro, *Für Darwin*, no qual demonstrou, através de estudos embriológicos em crustáceos, a teoria de Darwin”.²⁸ O livro de Müller repercutiu imediatamente pela Alemanha e pela Inglaterra e teve sua tradução para o inglês sugerida pelo próprio Darwin em 1869. Segundo Domingues e Sá²⁹, “Müller tornou-se amigo e colaborador de Darwin, com quem trocava correspondências, abordando seus estudos sobre diferentes grupos de animais e vegetais e a inter-relação entre eles, como quando enviava material para estudo”³⁰.

O pesquisador alemão defendia que a capacidade intelectual dos negros não era inferior à dos brancos. Na época, segundo Thomas Glick, “houve um debate sobre o fato de Cruz e Sousa ser um homem negro, como Müller mencionou numa carta a seu irmão Hermann, o que reforçou sua opinião de que a capacidade intelectual dos negros não era inferior à dos brancos”³¹. O autor afirma ainda que o poeta, diante das teorias darwinistas, precisaria reafirmar sua capacidade intelectual: “Cruz e Sousa estava numa posição pouco invejável, pois tinha de confrontar sua inferioridade social como negro que era, mesmo aceitando as insinuações darwinistas de sua proximidade racial com seus ancestrais simiescos”³². A raça, portanto, tornou-se um ponto importante no que diz respeito às discussões e à recepção das ideias científicas no Brasil. Domingues e Sá afirmam, neste sentido, que o eixo orientador para a interpretação do cientificismo no Brasil baseava-se na raça e no evolucionismo: “No Brasil, nas últimas décadas do século XIX, tanto o evolucionismo quanto a teoria racial eram eixos orientadores das ciências naturais e moldavam o pensamento dos intelectuais que idealizaram a nação”³³.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

³¹ GLICK, Thomas. O positivismo brasileiro na sombra do darwinismo: o grupo ideia nova em desterro. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero (Org.). *A recepção do Darwinismo no Brasil*, Rio de Janeiro, ed. FIOCRUZ, 2003. p. 185.

³² Ibidem. p. 186.

³³ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 97.

Na segunda metade do século XIX, a escravidão já era uma instituição desmoralizada e combatida no cenário internacional. Portanto, o regime escravista do país comprometia suas pretensões no sentido de fazer parte dos círculos “civilizados”. Angela Alonso explica que, enquanto os negros eram vistos como um empecilho para a civilização brasileira, os indígenas tornaram-se alvo de positivistas abolicionistas que “[...] resgatavam o indianismo que novos liberais e federalistas científicos afastavam”³⁴. Domingues e Sá afirmam que, no núcleo dos positivistas “teóricos das raças”, acreditava-se que inserir os índios na sociedade seria uma alternativa à mão de obra escrava:

[...] para os teóricos das raças e construtores da civilização “nacional”, a questão do século XIX, não foi inserir os negros escravos na sociedade, pois estes eram considerados estrangeiros. A questão foi inserir os índios nessa construção social do país, pois eles se apresentavam como alternativa à mão-de-obra escrava, e, além disso, conheciam o interior do país, que se pretendia explorar.³⁵

Portanto, a partir da questão da raça, podemos compreender a inserção das teorias darwinistas no Brasil, ao menos em um sentido social, que não foi único, “uma vez que teve repercussão na biologia”³⁶. As ciências naturais tomaram forma em diversas áreas, mas foram, principalmente, a antropologia e a geologia “que abordaram a questão da evolução”³⁷.

Depois de Müller, uma série de pesquisadores e teorias acerca do evolucionismo ganharam um sentido mais amplo e, por consequência, se separaram do darwinismo, este, em contrapartida, encontrou muitos contestadores.

Na década de 70, começaram a se esboçar as posições dos brasileiros em relação ao darwinismo; E, embora a teoria tivesse defensores no meio científico brasileiro, encontrou muitos contestadores. Porém, o mesmo não aconteceu em relação à ideia de evolução. Essa ideia ganhou um sentido mais amplo no Brasil nessa época e apresentava-se dividida entre o que se chamou darwinismo (tido como um sistema de ideias relativo aos princípios característicos da evolução entendida por Darwin) e o que foi simplesmente evolucionismo.³⁸

Um contestador importante do darwinismo foi o próprio imperador que, como dito anteriormente, se colocava como um homem da ciência³⁹, mas concordava com teses

³⁴ ALONSO, Angela. Op. Cit. p. 218.

³⁵ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 98.

³⁶ Ibidem.

³⁷ Ibidem.

³⁸ Ibidem. p. 100.

³⁹ “Pedro II foi um dos únicos a ser eleito para um dos oito lugares reservados a sócios estrangeiros na Academia de Ciências de Paris e o único brasileiro a ser admitido” (DOMINGUES, SÁ, p. 101).

antidarwinistas. Segundo Domingues e Sá, em correspondência, o imperador escreve: “A doutrina da evolução é muito decepcionante, embora se apoie sobre muitos fatos”⁴⁰. Em outra missiva, datada de 1891, ele diz:

Eu temo lhe dizer o quanto a leitura de Van de Ghegn me interessou. Mas eu continuo a crer que o primeiro homem não foi negro, nem descendente do macaco. Eu repetiria com o autor que vale mais a ignorância cega do que a ilusão na ciência.⁴¹

As questões acerca da origem da espécie humana despertaram o interesse de pesquisadores da década de 1870 – questões que, no Brasil, foram influenciadas pelos franceses Paul Broca⁴² e Quatrefages⁴³, através da antropologia craniométrica e antropométrica⁴⁴. A teoria de Quatrefages tem parte de sua base nos fósseis enviados pelo imperador, que foram encontrados pelo dinamarquês Lund⁴⁵ em 1840, na chamada Lagoa Santa, região centro-leste da província de Minas Gerais. Tais fósseis “[...] foram um dos pontos fortes da controvérsia entre os que professavam o darwinismo e os resistentes à sua aceitação”⁴⁶.

No Brasil, os médicos João Batista de Lacerda e Rodrigues Peixoto se vinculavam às mesmas perspectivas teóricas de Quatrefages com o método craniométrico, tanto que, em 1878, o trabalho ganhou o reconhecimento da comunidade francesa de antropologia, quando, na ocasião, os médicos foram homenageados na Exposição Antropológica de Paris⁴⁷. Segundo Santos, um dos objetivos de Lacerda era “difundir os estudos antropológicos, ainda que não houvessem fervorosos adeptos entre os homens científicos do Brasil”⁴⁸. Esses estudos iam de encontro a uma importante discussão para o país: a utilização da mão de obra africana.

⁴⁰DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit, p. 101. Fonte: Agassiz (1885).

⁴¹ Ibidem. p. 102.

⁴² Pierre Paul Broca: cientista, médico, anatomista e antropólogo francês.

⁴³ Jean Louis Armande de Quatrefages de Bréau: naturalista francês, filho de fazendeiros protestantes. Estudioso da área das ciências naturais, onde se especializou.

⁴⁴ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 103.

⁴⁵ Peter Wilhelm Lund foi um dos naturalistas dinamarqueses, dos mais notáveis do século XIX, é considerado o pai da paleontologia e arqueologia no Brasil.

⁴⁶ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit, p. 103.

⁴⁷ Ibidem. p. 104.

⁴⁸ SANTOS, Ricardo Ventura. Mestiçagem, Degeneração e a Viabilidade de uma Nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). *Raça como Questão*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010, p. 88.

Santos também destaca uma afirmação feita por Lacerda durante a Exposição Antropológica de 1882 no Museu Nacional sobre os indígenas. Referindo-se aos Botocudos, Lacerda afirmou: “[...] eles são ferozes, sem arte de espécie alguma e sem pendor para o progresso e para civilização [...] Como trabalhador braçal, o índio é inquestionavelmente inferior ao negro [...]”⁴⁹. A afirmação de Lacerda foi baseada em estudos acerca da força muscular do indígena e ele a justifica da seguinte maneira: “medimos com o dinamômetro a força muscular de indivíduos adultos [...] e o instrumento denunciou uma força abaixo da que se observa geralmente em indivíduos brancos ou negros [...]”⁵⁰. Sobre a capacidade auditiva do povo Botocudo, a pesquisa concluiu: “[...] o seu sentido mais fino e apurado é o da audição. Entretanto, os sons combinados, quer de pequenas variações, quer de simples frases melódicas, dificilmente se retém no ouvido indígena”⁵¹. Assim, os pontos defendidos por Lacerda se alinham às correntes científicas difundidas em sua época, principalmente em relação ao branqueamento, que analisaremos adiante.

Outro pesquisador reconhecido por Quatrefages foi Ladislau Netto, que “[...] foi, de fato, uma figura fundamental no debate sobre o darwinismo no Brasil, porém, diferentemente de Lacerda e Peixoto, manifestava-se muito ambigualmente sobre as questões da evolução”⁵². Sobre Netto, Domingues e Sá afirmam que o estudioso “[...] se mostrou simpático às teorias transformistas sem ser essencialmente um darwinista”⁵³, chegando a discordar de Darwin acerca da origem das plantas trepadeiras. Sobre o evolucionismo, Netto afirmou:

A doutrina da evolução que espanta a ignorância, irritando a superstição do fanatismo vai ganhando terreno no campo dos refratários ao invés de novas legiões de ciência que, com crescente entusiasmo professam, porque é mais lógica, a mais natural, e por isso mesmo a mais atrativa de todas quantas até agora se apresentaram para explicar a admirável epopeia da criação.⁵⁴

⁴⁹ Ibidem. p. 89.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Ibidem. p. 108.

⁵³ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 108.

⁵⁴ NETTO, 1882: 6-7 apud DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol, SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 110.

A partir da década de 1880, Netto assumiu uma postura mais inclinada aos estudos arqueológicos, preocupando-se com a “evolução social”, principalmente com a mestiçagem. Sobre o tema ele disse:

Já desapareceram numerosas tribos e com elas sua língua, suas cerimônias bárbaras, suas tradições e muitos outros documentos que seriam hoje para nós tão preciosas bases de estudo etnográfico. É preciso, portanto, que nos atemos a salvar o pouco que resta, para não sermos condenados por nossos sucessores, como dizemos agora que nossos predecessores negligenciaram o passado.

A preocupação de Netto situa-se no contexto das discussões e teorias a respeito da mestiçagem no Brasil, o que o aproxima de Lacerda. Netto preocupava-se com o desaparecimento das tribos indígenas e “não admitia comparar os índios a bestas. Para ele, os antigos habitantes do país descendiam de uma cultura superior”⁵⁵. Já Lacerda, “[...] argumentava que o Brasil era um país racialmente viável pelo fato de sua população estar no caminho de vir a se constituir em uma ‘raça branca’”⁵⁶. Vale ressaltar que a pesquisa de Lacerda acerca dos Botocudos, mencionada anteriormente, concluía ser de difícil reversão as condições intelectuais da tribo. Contudo, o autor mudou seu posicionamento em estudos subsequentes, como afirma Gualtieri: “Esse posicionamento (referindo-se ao posicionamento de Lacerda acerca dos Botocudos), mudou-se em escritos subsequentes e ele se afastou dos preceitos poligenistas, abandonando a ideia de criação em centros separados”⁵⁷.

A partir da mudança de percepção, Lacerda enumerou alguns obstáculos que deveriam ser enfrentados com a finalidade de tornar o Brasil um país próximo à evolução das civilizações do homem branco. Baseado nas ideias de Lacerda, Santos afirmou que “o primeiro [obstáculo] era quanto ao destino dos índios e negros, e destes em particular, cujos vícios ‘foram inoculados na raça branca e nos mestiços’”⁵⁸. O segundo desafio dizia respeito aos mestiços, qualificados “como fisicamente inferiores aos negros, além de moralmente instáveis; intelectualmente, porém, comparavam-se aos brancos”⁵⁹. No entanto, quanto à capacidade intelectual dos mestiços, complementa:

⁵⁵ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 113.

⁵⁶ SANTOS, Ricardo Ventura. Op. Cit. p. 90.

⁵⁷ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 206.

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ibidem.

Não que os mestiços em geral fossem naturalmente tão viáveis em termos de inteligência: “os generosos proprietários de escravos” é que por meio do processo de “seleção intelectual”, haviam estimulado aqueles mais dotados intelectualmente a participar na vida social, gerando uma população de mestiços diferenciada.⁶⁰

Roquette-Pinto, antropólogo que sucedeu a Lacerda no Museu Nacional, também era adepto de teorias sobre a miscigenação de raças, no entanto se vinculava a outra vertente, segundo a qual o meio exerceria influência determinante sobre o desenvolvimento dos povos. Em um discurso proferido em 1944, ele diz:

Durante mais de trinta anos de minha modesta vida de naturalista e professor, dediquei o meu renitente entusiasmo ao estudo da raça, da gente, dos tipos do Brasil (...) os dados objetivos da ciência, livres de qualquer influência sentimental, me convenceram de que os problemas humanos não derivam, no Brasil de influências nocivas de cruzamento ou ativismos biológicos, e são exclusivamente questões de meio, de herança social e de cultura (...) Foi a minha velha antropologia que me abriu esse novo caminho, no desejo de ser útil, única ambição veemente de minha alma brasileira (...) Julguei encontrar na ciência e na técnica os dois “anjos da guarda” que devem marcar a estrada do nosso povo.⁶¹

Ou seja, diferente de Lacerda, na visão de Roquette-Pinto, os índios não exibiam traços biológicos que os impedissem de ser “civilizados”, de tal forma que as barreiras para evolução, no entendimento do pesquisador, estariam na cultura e no meio social.

A visão de Roquette-Pinto, segundo Santos, é diretamente influenciada pelo positivismo⁶². Nas palavras do autor, “os positivistas valorizavam a proposição de uma função social para o conhecimento técnico-científico mediante estratégias como o conhecimento objetivo da realidade social com vistas a revelar seus problemas e potencialidades e encaminhar soluções práticas”⁶³. Glick complementa a definição de positivismo afirmando que “o positivismo não é uma filosofia estrito senso, mas é principalmente um conjunto de princípios gerais apropriados por indivíduos ou grupos para legitimar objetivos ideológicos intelectuais específicos ou políticos”⁶⁴. Portanto, para Roquette-Pinto, o ideal civilizador no Brasil não estaria apenas na mistura das raças e no branqueamento, mas em medidas de instrução: “a antropologia prova que o homem no Brasil precisa ser educado e não substituído”⁶⁵.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ ROQUETTE-PINTO apud Ribas, 1990: 81 apud SANTOS, Ricardo Ventura. Op. Cit. p. 91.

⁶² SANTOS, Ricardo Ventura. Op. Cit. p. 95.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ GLICK, Thomas. Op. Cit. p. 181.

⁶⁵ ROQUETTE-PINTO, 1929, apud SANTOS, Ricardo Ventura. Op. Cit. p. 91.

Gualtieri chama atenção para o fato de que Darwin reconheceu a existência da influência do meio sobre os seres:

[...] [através da] ação direta do meio sobre o organismo e que o hábito ou uso e não-uso de partes dos seres vivos tinham um papel na transformação do mundo vivo, processos identificados com o lamarckismo, [assim] Darwin acabava por colocar a seleção natural como um mecanismo principal, mas não exclusivo para dirigir a evolução dos seres vivos.⁶⁶

A autora diz que “esse reconhecimento favoreceu ainda mais a incorporação diferenciada do evolucionismo darwinista”⁶⁷, ou seja, as correntes que interpretavam o processo evolucionista através do meio, encontravam refúgio no lamarckismo, teoria do século XIX proposta pelo biólogo francês Jean-Baptiste Lamarck, que acreditava que alterações no ambiente causavam mudanças nas necessidades dos organismos que ali viviam e, por consequência, no seu comportamento. Tal teoria, “tinha seus mecanismos vistos como expressão de luta dos organismos para se adaptarem à vida”.⁶⁸ Por outro lado, ao lamarckismo, se impunha outra questão: a seleção natural. “Aceitar a seleção natural, de outro modo, implicava reconhecer a impossibilidade de o indivíduo se aperfeiçoar pelos seus próprios esforços, uma vez que os não aptos eram simplesmente eliminados”⁶⁹.

Ladislau Netto foi um exemplo de pesquisador que não negava a ocorrência da seleção natural. Seus textos contribuía para interpretações lamarckistas que, por sua vez, se aproximavam de uma visão criacionista. “As ideias lamarckistas possibilitavam com mais facilidade conciliar o evolucionismo com a existência de Deus, orientando o processo de transformação”⁷⁰. Lacerda também não negava a existência de Deus no processo evolutivo e chegou a afirmar ser a “Religião irmã gêmea da Ciência”⁷¹, ou seja, “as crenças religiosas deveriam preencher as lacunas insupríveis da ciência”⁷². Nesse sentido, Gualtieri observa que a visão de Netto não só se aproxima da religião, mas cria um pensamento otimista no que diz

⁶⁶ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 198.

⁶⁷ Ibidem.

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ Ibidem. p. 199.

⁷⁰ Ibidem. p. 202.

⁷¹ LACERDA, João Baptista apud GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 205.

⁷² GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 205.

respeito à evolução e ao futuro da humanidade e salienta a importância da evolução intelectual e social, entendida como desenvolvimento psicológico. Segundo o autor:

As ideias evolucionistas de Ladislau se, por um lado, permitiam conciliar ciência e religião, por outro favoreciam um posicionamento mais otimista quanto ao futuro da humanidade. Preocupava-se com a evolução da espécie humana e criticava o fato de que “os mais ilustres expositores das leis da evolução não se comprometeram especialmente com a parte mais importante desta ciência, que é a seleção intelectual do gênero humano, ou seja, seu desenvolvimento psicológico, que, com mais propriedade poderíamos chamar de evolução social”.⁷³

Sendo assim, a percepção de Netto tinha reflexo direto na educação⁷⁴. Em contrapartida, na década de 1880, August Weismann, biólogo alemão considerado o segundo teórico evolucionista mais notável do século XIX depois de Darwin, iniciou uma série de estudos sobre a hereditariedade e concluiu que “as alterações nos tecidos somáticos (do corpo) não interferiam no germe, eram transitórias e desapareciam com os indivíduos, sem serem transferidas para os descendentes”⁷⁵. Ou seja, a possibilidade colocada por Weismann refutava hipóteses lamarckistas quanto à existência de mecanismos que contribuíssem para originar modificações nos organismos, de modo que, na concepção de Weismann, as variações resultariam de causas internas e não de influência do meio⁷⁶.

Diante da negação sobre a influência do meio nos seres, as teorias de Darwin perdem a flexibilidade tornando-se mais dogmáticas aos olhos de alguns críticos. Contudo, é importante perceber que o próprio autor de *A Origem das Espécies* não nega a influência de aspectos externos no processo de evolução, como afirma Gualtieri:

O fato é que Darwin nunca desconsiderou a importância da herança dos caracteres adquiridos e, em sua obra *Variação dos animais e plantas domésticas* (1868), apresentou um mecanismo de hereditariedade – a pangênese – compatível com as ideias lamarckistas. Aliás, esse texto, como lembra Bowler (1922:66), era frequentemente mencionado pelos defensores das ideias de Lamarck como prova de que Darwin estava se voltando para o lamarckismo, provavelmente por estar cedendo aos argumentos antisselecionistas nada incomuns depois de 1859; nesse trabalho de 1868, havia um capítulo inteiramente dedicado a discutir a influência direta das condições ambientais sobre o desenvolvimento das variações nos seres vivos.⁷⁷

⁷³ NETTO, Ladislau, 1882:148 apud GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 203.

⁷⁴ Nas palavras de Gualtieri, “Ladislau Netto acreditava, com efeito, no papel civilizador da educação”. (NETTO apud GUALTIERI, p. 203).

⁷⁵ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 208.

⁷⁶ Ibidem.

⁷⁷ Ibidem. p. 209.

Diante de tais interpretações, surge o que Gualtieri aponta como neodarwinismo⁷⁸ e neolamarckismo. O neodarwinismo seria uma “designação para o movimento que aceitou a exclusividade do selecionismo para gerir o processo evolutivo, tal como proposto por Weismann [...]”⁷⁹, ou seja, sua intenção não era promover as ideias darwinistas, mas incorporá-las a novos estudos. Já o neolamarckismo é definido pela autora nas seguintes palavras:

[...] um movimento heterogêneo que em linhas gerais, desdobrava-se em duas grandes tendências: a que recuperava a noção lamarckista de que entre os seres vivos havia uma tendência inerente que os forçava a se modificar, vinculando-a a ideia de evolução regular e linear (ortogênese), e a vertente que aceitava a herança dos caracteres adquiridos como um mecanismo intencional, mas não capaz de gerar padrões regulares de evolução.⁸⁰

O neodarwinismo e o neolamarckismo são ramificações de teorias pré-existentes, nas quais se verificam elementos ligados às vertentes haeckilianas e spencerianas. Estes, contudo, “[...] são considerados pela historiografia como neolamarckistas da segunda tendência, por defenderem a manutenção da herança dos caracteres adquiridos como um mecanismo pelo menos tão importante quanto a seleção natural”⁸¹.

Os haeckilianos, termo advindo de Haeckel, naturalista alemão e partidário do darwinismo, têm Augusto Cezar de Miranda Azevedo, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, como representante no Brasil. Azevedo tinha sua pesquisa relacionada à concepção biológica de Darwin e direcionada pelo pensamento haeckiliano. Para ele, “Darwin foi, no terreno zoológico e botânico, o revolucionário que produziu a mesma reforma que Lyell na geologia, assim baqueou nas ciências naturais a absurda hipótese teleológica sustentada por Cuvier e, ultimamente, por Louis Agassiz”⁸².

Azevedo foi um dos quadros mais empenhados em defender as ideias de Darwin no Brasil, além de atribuir os problemas do período monárquico ao pensamento científico do imperador, que negava as teorias darwinistas. Domingues e Sá afirmam: “Ele [Azevedo] não somente defendeu o darwinismo, como também, através dessas ideias, defendeu a política republicana contra o imperador, alegando que a causa principal dos problemas sociais era a

⁷⁸ Termo criado por George J. Romanes, em 1896.

⁷⁹ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 209.

⁸⁰ Ibidem. p. 210.

⁸¹ Ibidem.

⁸² DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 114.

ignorância daquela teoria pelos que legislavam”⁸³. Uma das críticas de Azevedo diz respeito à seleção dos homens enviados ao exército, pois esta colocaria em isolamento “homens fortes, vigorosos”⁸⁴, que poderiam se reproduzir nos núcleos familiares, contribuindo para a evolução da espécie.

Por todo mundo civilizado atualmente está grassando a preocupação do predomínio militar, e qual a causa dessa preocupação? A ignorância nas leis de Darwin na maneira porque são confeccionadas as legislações militares. Procuram para o exército os entes sadios, fortes, vigorosos e desprezam, deixam para construir a família, para organizar sociedade aqueles que têm defeitos, que são fracos fisicamente. Qual a consequência desse fato? A consequência lógica e imediata de uma lei de Darwin da hereditariedade [...] não será muito mais vantajoso conformemo-nos às consequências das teorias de Darwin do que formularmos odiosas leis militares que só servem para armar o despotismo e os caprichos dos que governam? ⁸⁵

Domingues e Sá apontam, no pensamento de Azevedo, o que viria a ser o darwinismo social. Por sua vez, para Haeckel, de quem Azevedo era discípulo, a causa orgânica e a variação do meio sobre o indivíduo eram fatores que deveriam ser incorporados às pesquisas científicas, o que o classificava como lamarckista. Segundo Gualtieri:

[...] para Haeckel, era inadmissível a causa orgânica da variabilidade permanecer desconhecida; a variação deveria ter uma causa e ser explicada de uma maneira completamente mecânica, e a solução por ele encontrada foi abraçar a herança dos caracteres adquiridos. O seu modelo recapitulacionista, de fato, harmonizava-se perfeitamente com a explicação lamarckista. A variação surgida do esforço em se adaptar ao meio era incorporada ao padrão de crescimento dos indivíduos. As sucessivas incorporações explicavam a evolução das espécies. ⁸⁶

O naturalista alemão deixou clara sua rejeição às ideias de Weismann, como relata Gualtieri: “Haeckel justificou sua rejeição às ideias de Weismann, afirmando que negar a ‘herança progressiva’ seria voltar ao misticismo, e concluiu ‘melhor faríamos então, aceitar o mistério da ‘criação isolada de cada espécie’”⁸⁷.

Enquanto Azevedo professava as ideias de Haeckel no Recife, através de Sylvio Romero, as ideias de Spencer ganhavam projeção no restante do país. Herbert Spencer, filósofo, biólogo e antropólogo inglês, foi um profundo admirador de Darwin, que procurou aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana. Romero era um adepto da mestiçagem,

⁸³ Ibidem. p. 115.

⁸⁴ AZEVEDO, 1876: 41 apud DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol, SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 115.

⁸⁵ Ibidem. p. 115.

⁸⁶ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 211.

⁸⁷ Ibidem. p. 212.

acreditava que o futuro do Brasil era o branqueamento⁸⁸ e criticava as ideias de Haeckel. Segundo ele, “[...] a fórmula haeckeliana – ‘Cada povo que se desenvolveu recapitula as fases anteriores da evolução da espécie humana’ – aplicada à sociedade era exagerada e não muito acertada”⁸⁹.

Outro pesquisador que deve ser mencionado é Hermann von Ihering, alemão que morou no Brasil com a finalidade de aprofundar suas pesquisas naturalistas. Ihering “[...] deixou clara sua oposição à ideia de seleção natural e sua identificação com a tendência teórica que admitia a existência de uma força intrínseca ao organismo, que dirigia o processo evolutivo, à semelhança da ortogênese”⁹⁰. O filho de Ihering chegou a afirmar que “suas convicções eram filiadas às de Darwin e Haeckel, sem, contudo, serem darwinistas”⁹¹. Gualtieri complementa afirmando que, “talvez, para ser mais preciso, devesse escrever: ‘sem, contudo, serem darwinistas ou haeckelianas’”⁹², a autora indica ainda um ponto de discórdia entre Haeckel e Ihering: a concepção religiosa, pois “Haeckel era ateu e Ihering, diferentemente, era luterano”⁹³.

As teorias mencionadas tornaram-se pauta dos romances naturalistas, que, ao se debruçar sobre os debates científicos em voga na segunda metade do século, trouxeram à cena, através de enredos que suscitavam polêmica e escândalo, personagens que fugiam aos padrões morais e comportamentais vigentes – como homossexuais, criminosos ou prostitutas. Ainda que corressem o risco de rejeição por apresentarem personagens fora do padrão, ao fazê-lo, despertaram a atenção do público, que não permanecia indiferente. Auerbach afirma que os romances naturalistas “são cheios de realidade e de gênio, mas pobres de humor e de calma interna”⁹⁴ e causaram sensação entre o público leitor, contornando, assim, o “perigo da indiferença”:

Na década de sessenta do século passado (século XIX), diante de um público anônimo e não claramente delimitado, um escritor podia se arriscar a tanto. É claro que com isto contava com a sensação que o prefácio deveria despertar; pois o pior perigo que a obra corria não era a resistência, a crítica malévola, nem sequer as medidas de opressão das autoridades – todas estas coisas, embora pudessem

⁸⁸ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero. Op. Cit. p. 117.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 218.

⁹¹ IHERING. Rodolpho von apud GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 218.

⁹² GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Op. Cit. p. 218.

⁹³ Ibidem. p. 220.

⁹⁴ AUERBACH, Erich. Op. Cit. p. 433, p. 442.

ocasionar desgosto, dilações, inconvenientes pessoais, não eram insuperáveis e favoreciam muito frequentemente a publicidade da obra atingida – o pior dos perigos que ameaçavam uma obra de arte era a indiferença.⁹⁵

Bom-Crioulo, como será analisado em capítulo posterior, se por um lado sofreu pesadas críticas de cunho estético e moral, certamente contornou o “perigo da indiferença” ao circular amplamente entre um público leitor em expansão no Brasil. Antes deste romance, contudo, Adolfo Caminha publicou outras obras literárias. Analisaremos, adiante, uma obra anterior a *Bom-Crioulo* e outra posterior: *A Normalista*, obra que pode ser considerada a estreia do autor no Naturalismo, e *Tentação*, sua última obra. Antes, porém, de nos debruçarmos sobre tais romances, a fim de esclarecer melhor o posicionamento político e as filiações intelectuais e literárias do autor, faremos, a seguir, um breve apanhado de sua trajetória.

1.2 A trajetória literária de Adolfo Caminha

Nascido em 29 de maio de 1867 na cidade de Aracati, Ceará, Adolfo Caminha teve uma morte precoce, aos 29 anos, por tuberculose. Passou boa parte de sua breve vida servindo à Marinha brasileira, sem deixar de revelar temperamento combativo ao defender valores antiescravagistas, republicanos e até mesmo o direito ao divórcio, sendo este último possivelmente motivado por seu romance com Isabel Jataí de Paula Barros, esposa do alferes Fausto Augusto de Paula Barros. Isabel abandonou o marido para viver ao lado de Caminha, conforme relata Pablo Biglia: “[...] todo romance proibido começa com encontros secretos, dissimulações e outras cautelas e, vivendo um casamento falido, Isabel abandonou o marido para viver ao lado de Caminha, que a aceitou e, em pleno dia, atravessou a cidade com sua amada pelo braço”⁹⁶. Isabel, inclusive, foi apontada como o principal motivo pelo qual Caminha abandonou o serviço militar em fevereiro de 1890, três meses após a Proclamação da República. Isso porque o romance entre um jovem de 19 anos e uma mulher de 22 anos, já casada, não era aceito socialmente e, “sob tremenda pressão, o escritor teve que pedir baixa da Marinha para ficar com Isabel”⁹⁷.

⁹⁵ Ibidem. p. 436.

⁹⁶ BIGLIA, Pablo Ferreira. *Adolfo Caminha e Caio Fernando Abreu: a hermenêutica literária pelo viés da sexualidade*. Dissertação de mestrado. Ponta Grossa. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, 2015, p. 38.

⁹⁷ MENDES, Leonardo. O crítico Adolfo Caminha e as batalhas pelo reconhecimento literário. *Revista Fronteira Z*, São Paulo, n. 8, 2012, p. 2.

Fora do serviço militar, Adolfo Caminha tornou-se essencialmente um homem de letras e, sobre essa transição de militar a escritor, Bezerra levanta um prudente questionamento: “como um homem de Marinha tornou-se um homem de letras?”⁹⁸ Ao procurar uma resposta, o autor afirma não ser possível acessar a formação de Caminha no serviço militar por não existirem muitas informações disponíveis, porém, levantou nomes de outros homens de letras de sua época que também estavam inseridos em contextos militares, como Euclides da Cunha e Visconde de Taunay, ambos integrantes do Exército brasileiro. E. Bezerra conclui que “[...] o destino do mar parece ter, de algum modo, banhado a obra de Adolfo Caminha”⁹⁹.

Em terra, mais precisamente em Fortaleza, Caminha iniciou seus trabalhos como escritor, com passagens pelos jornais da cidade e pela Padaria Espiritual, uma agremiação de jovens artistas que surgiu em 30 de maio de 1892 prometendo “estremecer e escandalizar a provinciana Fortaleza de então, acostumada ao aluá, à seca e à política”¹⁰⁰. O intuito da Padaria Espiritual era debater assuntos inerentes à sociedade à luz da ciência, conforme afirma Cícero João da Costa Filho:

[...] a Padaria Espiritual pretendia ser uma “coisa nova” diferente dos movimentos anteriores, onde a retórica bacharelesca e científica carregava as formalidades literárias das letras cearenses. Daí a irreverência boêmia e a pretensão de “sacudir” com a pacata e provinciana Fortaleza de então onde as discussões se voltavam para as maquinações políticas e, sobretudo, sobre a temática das secas.¹⁰¹

Sobre o surgimento da agremiação, Caminha escreveu:

[...] perguntas-me, entre curioso e tímido, como é que nasceu a Padaria Espiritual. Sei lá! Quem sabe a verdadeira origem das cousas? O que desde logo posso te ir dizendo é o seguinte: Aos tantos de maio de 1892, foram ao escritório do Diário jornal em que trabalhava, dois rapazes (lembra-me que um deles trazia um pince-nez) convidar-me para fundar uma sociedade literária cujo nome fosse Padaria Espiritual.

-Qual o programa? Inquiri depois de estranhar o título.

⁹⁸ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: Um polígrafo na Literatura Brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009, p. 29.

⁹⁹ *Ibidem*.

¹⁰⁰ O Pão... da Padaria Espiritual. Ano I, n. 2, 17 de julho de 1892. Ed. Fac-similar. Fortaleza: EUFC/BNB, 1892, p.1 apud COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007. p. 96.

¹⁰¹ COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007. p. 13.

-Isso veremos. A primeira sessão preparatória realizar-se-á no Café Java, ali à Praça do Ferreira. Você está designado para escrever uma carta a Guerra Junqueiro.

-Como uma carta a Guerra Junqueiro?

-O Sales vai se dirigir a Ramalho Ortigão, o Tibúrcio a Eça de Queiroz, o Lopes Filho, a Antonio Nobre. A você, coube-lhe Guerra Junqueiro.

-Mas, expliquem-se!!

-Não é nada: uma ousadia, um escândalo, o que você quiser! Trate de fazer a correspondência para ser lida amanhã, no forno.

Ri-me embaraçado, com um ar tolo...

-Que devo escrever então?

-Fale ao Guerra sobre a Padaria e diga-lhe que queremos um exemplar da “Morte de d. João”, outro de Musa em Férias, outro da “Velhice”, enfim, um exemplar de cada obra dele para a nossa futura biblioteca. Uma cousa assim...

No dia marcado, ai pelas sete da noite, inaugurou-se publicamente a Padaria. Antonio Sales desenrolou o programa, que fez rir muito a burguesia curiosa e leu a carta ao Ramalho.

Estava, enfim, criada a Padaria Espiritual, essa Padaria de que hoje se fala na Rua do Ouvidor e a quem o sr. Afonso Celso dedicou ultimamente o seu Um Invejado.

Eis meu amigo como nasceu a Padaria (...) ¹⁰²

No jornal *O Pão*, publicado a cada domingo entre 1892 e 1896, Adolfo Caminha assinava com o pseudônimo de Félix Guanabarino. As páginas do jornal ora enalteciam os benefícios da ciência e do “progresso”, ora denunciavam os prejuízos ao homem do campo. Em muitas páginas, eram encontradas referências à linguagem científica tratando, por exemplo, da criminologia. Cícero da Costa Filho afirma que:

[...] a Padaria Espiritual em parte também chegou a falar a linguagem científica haja vista as colunas de Rodolfo Teófilo sobre a Influência das manchas solares ou os escritores de Clóvis Beviláqua em seus artigos sobre Criminologia e Direito, ainda muito influenciado por uma concepção etnográfica assentada em nomes como Lombroso. ¹⁰³

Muitos membros da Padaria Espiritual, embora republicanos, eram conservadores e essa é a principal divisão que marca o projeto cultural: “a divisão campo-cidade, modernidade-

¹⁰² CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*, 2º ed. Fortaleza: UFC, 1999, p. 127-128 apud COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007. p. 96.

¹⁰³ COSTA FILHO, Cícero. Op. Cit. p. 117.

atraso, cultura erudita-cultura popular”¹⁰⁴. Caminha (Félix Guanabario) situava-se do lado progressista e, segundo Costa Filho, “foi possivelmente um dos mais ácidos intelectuais comprometidos com os anseios civilizatórios de ‘progresso’ e ‘modernidade’”¹⁰⁵. Contudo, nas páginas do jornal, o que se via era que Caminha não ultrapassava os limites de Fortaleza, segundo Bezerra, “nas páginas de *O Pão*, Adolfo Caminha deteve-se na análise de Fortaleza, na sua vida cotidiana, na sua vida literária, queixando-se sempre do pouco caso da população para com os homens de letras, notadamente os Padeiros”¹⁰⁶.

Em 1893, Caminha mudou-se para o Rio de Janeiro e a Padaria Espiritual começou uma nova fase a partir de setembro de 1894, que se estenderia até sua extinção em 1898. A nova fase não agradava a Caminha, possivelmente por seu caráter mais formal, visto que por vezes era definida como “menos brincalhona e mais voltada para os trabalhos de maior fôlego”¹⁰⁷. No *Diário de Notícias* de 16 de fevereiro de 1895, em uma coluna intitulada “Diário Bohemio”, consta a seguinte narrativa:

O sr. Adolpho Caminha, carteiro literário, escreve hoje no Paíz sobre a Padaria Espiritual [...] O sr. A. Caminha, o ilustrado e correto tradutor da Amante do Galé censura hoje o medalhonismo da Padaria Espiritual. [...] E sabem por que a Padaria Cearense deflagrou? Foi porque o sr. A. Caminha – que lhe era o trigo, a água, o sal e o suor dos masseiros – deixou o Ceará. Que pena!¹⁰⁸

A postura de “padeiro rebelde”¹⁰⁹ de Adolfo Caminha, segundo Costa Filho, levou a sua expulsão em 1896 e, na edição de *O Pão* de 19 de julho daquele ano, Félix Guanabario consta como “eliminado pelo seu procedimento menos correto e menos grandemente desleal”¹¹⁰. Ainda sobre o afastamento de Caminha, Mendes observa: “Quando saiu do Ceará, [Caminha] deixou poucas saudades. A ida para o Rio de Janeiro era uma maneira de abandonar um ambiente hostil e, ao mesmo tempo, concretizar o projeto mais ambicioso de se tornar um escritor reconhecido nacionalmente”¹¹¹.

¹⁰⁴ Ibidem. p. 14.

¹⁰⁵ Ibidem. p. 81.

¹⁰⁶ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 127.

¹⁰⁷ AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza. Academia Cearense de Letras, 1976. p. 158.

¹⁰⁸ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1895, p. 2.

¹⁰⁹ COSTA FILHO, Cícero João da. Op. cit. p. 119.

¹¹⁰ *O Pão - da Padaria Espiritual*, Fortaleza, 19 de julho de 1896, p. 4.

¹¹¹ MENDES, Leonardo. Op. Cit. p. 3.

Na época, Adolfo Caminha havia sido nomeado como funcionário do Tesouro da Fazenda pelo Ministro da Fazenda¹¹², Rui Barbosa. O que lhe garantia um salário fixo, porém insuficiente para sustentar-se junto à Isabel e sua enteada na capital. Segundo Mendes, Caminha “veio para o Rio sem muitas recomendações, com um salário magro de trezentos mil réis mensais, numa época em que o aluguel de um quarto mobiliado no centro da cidade custava em torno de setenta mil réis”¹¹³. Ao chegar à capital, o escritor, a despeito das dificuldades e do relativo isolamento, teve acesso ao jornal mais importante da capital: “a Gazeta de Notícias, no qual teve a oportunidade de publicar a maior parte de seus textos”¹¹⁴.

A vida literária de Caminha, contudo, não começou fora da Marinha, embora tenha sido o período em que se consolidou. Em 1887, o escritor já havia publicado *Voos Incertos*, uma pequena obra de poesia em 40 páginas, e *Judith e Lágrimas de um Crente*. As primeiras obras de Caminha, nas palavras de Bezerra, são classificadas como “obras de principiante”¹¹⁵. Biglia afirma sobre *Voos Incertos* que “[...] era bastante bisonha, pois se tratavam de versos extremamente românticos, quando já circulavam, então, as obras parnasianas. O que nos leva a corroborar o teórico que a verdadeira vocação de Caminha era a prosa e não a poesia”¹¹⁶.

Voos Incertos foi o único livro que Caminha publicou enquanto estava na Marinha, contudo, artigos em jornais e até sonetos foram publicados pelo autor no mesmo período. Segundo Biglia, o único soneto de Caminha que teve repercussão foi *No Banho*, publicado no jornal *O Estado do Ceará* na seção *Cofre de Pérolas*. O soneto foi assinado com o pseudônimo Virgílio Lessa e era “[...] considerado a única obra-prima no quesito poesia do autor, sendo também a mais divulgada, que mescla restos do Romantismo ao prenúncio de um Parnasianismo que o autor jamais abraçaria”¹¹⁷.

1893 é o ano em que Caminha oficialmente ingressa na vida literária através da publicação de *A Normalista*, obra que veremos mais detalhadamente adiante. No ano seguinte, o autor lançou *No País dos Yankees*, “[...] uma narrativa da viagem de instrução no cruzador Almirante Barroso, em meados de 1886, que constitui um dos primeiros depoimentos de

¹¹² BIGLIA, Pablo Ferreira. Op. Cit. p. 39.

¹¹³ MENDES, Leonardo. Op. Cit. p. 3.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit., p. 328.

¹¹⁶ BIGLIA, Pablo Ferreira. Op. Cit. p. 39.

¹¹⁷ Ibidem.

escritor brasileiro sobre os Estados Unidos”¹¹⁸. Na obra, Caminha opina a respeito do castigo de chibata e afirma sempre ter se manifestado contra a aplicação do mesmo:

A guarnição do *Almirante Barroso*, disciplinada e obediente como todas as que serviam sob as ordens do comandante Saldanha, primava pelo asseio, pela ordem, pela destreza e pela atividade. Não se lhe pode fazer maior elogio. Cada marinheiro era como uma máquina pronta sempre ao menor impulso.

A chibata era nesse tempo, como ainda hoje, o terror das guarnições da armada.

Sempre manifestei-me contra esse *bárbaro castigo* que avilta e corrompe em vez de corrigir. *Um castigo de chibata é a coisa mais revoltante que já tenho visto*, mormente quando é mandado aplicar por autoridade desumana, sem noções do legítimo direito que a cada homem assiste, quem quer que ele seja, soldado ou paria.

O meu primeiro passo ao deixar a Escola e envergar a farda de guarda-marinha foi publicar um protesto contra *essa pena infamante*, e fi-lo desassombradamente, convicto mesmo de que sobre mim ia cair a odiosidade de meus superiores em geral apologistas da chibata.

A primeira vez que minha posição oficial obrigou-me a assistir um desses castigos, tive ímpetos de bradar com toda a força dos pulmões contra semelhante atentado à natureza humana.

Quem já assistiu a uma dessas pavorosas cenas do feito, magistralmente descritas por Júlio Ribeiro na sua obra *A Carne*, pode fazer idéia do que seja o castigo da chibata.

Despir-se a meio corpo um pobre homem, um servidor da pátria, pés e mãos algemados, muita vez depois de três dias de solitária a pão e água, e descarregar-lhe sobre a espinha, sobre as espáduas, sobre o peito, sobre o ventre, na cara mesmo, em todo o corpo cinqüenta, cem, duzentas chibatadas, em presença de todos os seus companheiros, me parece indigno duma geração que se preza, de uma sociedade de homens civilizados, de cidadão, de cavalheiros que ostentam triunfalmente galões dourados na farda – na farda que significa a nobreza, a coragem, o patriotismo e a honra duma nação.¹¹⁹

Bezerra também destaca outro ponto de opinião do autor na mesma obra, que estaria relacionado ao antimonarquismo:

Também *No país dos ianques* não faltaram exemplos do antimonarquismo de Caminha, como exemplificamos em duas situações, o que reforça a sua participação no movimento republicano. A primeira situação deu-se ao tratar do embarque, no Almirante Barroso, de d. Augusto, neto do imperador; na segunda, ao tratar do próprio imperador Pedro II.¹²⁰

As situações descritas por Bezerra são referentes aos seguintes trechos:

¹¹⁸ Ibidem. p. 40.

¹¹⁹ CAMINHA, Adolfo. No País dos Yanques, 1894 apud BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 145.

¹²⁰ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 145.

Pela manhã de 27 [de fevereiro] o *Barroso* sulcava as águas do Lamarrão, lento e majestoso, crivado de olhares. O povo saudava-o do cais da Lingüeta. Espalhou-se logo que o príncipe d. Augusto, neto do imperador, vinha a bordo, e toda a gente correu a recebê-lo com essa avidez instintiva das massas populares. O povo pernambucano, tradicionalmente inimigo dos imperadores, lembrava-se do tempo em que o Sr. Pedro de Alcântara dava-se ao luxo de visitar o Norte.

Mais tarde, ao desembarcar a turma de guarda-marinhas, de que fazia parte o príncipe, subiu de ponto a curiosidade pública.

– Oh! O príncipe! – Que é dele? – É um ruivo? – É aquele barbado?

O pobre moço viu-se em apuros, e mudava de cores, e fazia-se escarlate, e vociferava contra a plebe, ocultando-se entre os colegas, desapontado. Um preto velho teve a lembrança de ajoelhar-se aos pés de S. A. e suplicar-lhe uma esmola. Aconteceu, porém, que errou o alvo e foi direto a um outro rapaz, louro e rubro, como o príncipe, que se apressou em desfazer o engano.

O imperial senhor achava-se ridículo no meio de toda aquela multidão servil e anônima que o acompanhava, “como se visse nele um animal selvagem...”¹²¹

Por diversas vezes a academia de direito, pelo órgão de seus representantes, exorara a piedade imperial, mas o imperador nunca estendeu o seu magnânimo olhar de piedade até os cárceres senão em certos dias de gala natalícia para indultar os escolhidos da política dominante.¹²²

A Abolição e a República foram lutas que mobilizaram os homens de letras brasileiros no final do século XIX. Republicano convicto e engajado, Caminha foi convidado a discursar sobre o novo regime no Ceará: “Adolfo Caminha, já instalado o governo provisório republicano no Ceará, foi convidado pelos membros do Clube Republicano Cearense a discursar em comemoração ao feito que depusera a monarquia e instaurara o novo regime”¹²³.

Já na esfera internacional, Caminha não escondia sua admiração pela literatura francesa, e destacadamente, por Émile Zola. Howes, ao tratar de *Cartas Literárias*, livro de Caminha que reúne artigos publicados na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, afirma que “demonstram que ele compartilhava da admiração da elite brasileira pela cultura francesa, mas também estava ciente do potencial perigo para o Brasil do expansionismo europeu”¹²⁴. Azevedo, em concordância com Howes, menciona a abertura de um capítulo de *Cartas Literárias* dedicado ao mestre do Naturalismo francês: “Quanto mais o leio, maior é a minha admiração, maior o

¹²¹ CAMINHA, Adolfo. No País dos Yanques, 1894 apud BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 145.

¹²² Ibidem. p. 146.

¹²³ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 148.

¹²⁴ HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. *Revista Graphos*, João Pessoa, v.7, n. 1 e 2, 2005, p. 182.

meu entusiasmo por essa obra colossal que vem, desde a *Fortune des Rougon*, estuando como um rio caudaloso e límpido, até *Docteur Pascal, até Lourdes...*”¹²⁵

Em citação mencionada por Bezerra, Adolfo Caminha revela admiração não apenas pelos literatos, mas também pelos editores franceses, desejando que, no Brasil, encontrasse editores como os que havia na França, e que “soubessem compreender o seu papel” e se esforçassem “para que triunfasse o talento”¹²⁶. Ele diz:

O que eu desejaria encontrar em nosso país, era um editor inteligente e sincero, como Charpentier, Lemerre, Guillaume, Chardron e tantas outras notabilidades do gênero; um editor que soubesse compreender o seu papel, empregando a maior soma de esforços para que triunfasse o talento, a decidida vocação literária, a Arte, enfim.¹²⁷

Em 1895, Adolfo Caminha publicou *Bom-Crioulo*, que, nas palavras de Howes, é “[...] considerada como a obra-prima do autor cearense, sendo, então, o livro de sua produção que mais haveria de sofrer restrições e ataques, não se limitando apenas ao tempo de sua publicação”¹²⁸. *Bom-Crioulo* diferencia-se dos outros romances de Caminha e até mesmo dos romances naturalistas do período por tratar abertamente do homoerotismo. Antes disto, apenas Ferreira Leal abordara a temática, porém, tratou do tema superficialmente. Segundo Bezerra, “o seu antecessor, ou seja, o romance *Um homem gasto*, de Ferreira Leal, é pouco conhecido do público em geral e igualmente dos especialistas em literatura LGBTTT, além de tratar do tema superficialmente. Dele, não há sequer uma única referência ou citação nas histórias da literatura brasileira”¹²⁹.

A narrativa que aborda um romance homossexual entre um jovem branco e um escravo, ambos marinheiros, e que culmina em traição e assassinato, também traz críticas severas à Marinha e, muito acentuadamente, à aplicação de castigos físicos dentro da instituição.

Na época em que publicou *Bom-Crioulo*, Caminha não tinha relações estreitas com círculos literários da capital, “[...] não era membro de nenhuma panelinha literária no Rio”, talvez, até mesmo pelo seu temperamento:

¹²⁵ CAMINHA, Adolfo apud AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit. p. 85.

¹²⁶ CAMINHA, Adolfo apud BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 190.

¹²⁷ Ibidem. p. 190.

¹²⁸ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit. p. 42

¹²⁹ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 448.

Um hostil crítico, que o conhecia pessoalmente comentou em 1895 que “Caminha é arroubado, birrento rancoroso”, um orador de funeral referiu-se a seu “grito de desafio, um meio grito de revolta e ódio” e um amigo, lembrando-se dele alguns anos depois de sua morte, notou sua queda por fazer inimigos. Um necrológio publicado quando ele morreu no início de 1897 lembrou “Singularíssimo, o caráter do Adolfo Caminha, que poucos conheciam pessoalmente e com quem raríssimos privavam na intimidade”.¹³⁰

Conforme referido, o temperamento combativo de Caminha encontrou um campo fértil para expressar e desenvolver suas ideias no movimento naturalista. Segundo Howes, o autor “estava igualmente interessado nos aspectos estéticos do relacionamento entre ciência e literatura”¹³¹. Contudo, muitos pesquisadores da vida e da obra de Adolfo Caminha questionam se o autor poderia ser estritamente classificado como naturalista. Neste sentido, Biglia afirma:

Em 1973, Lúcia Miguel-Pereira chamou o romance [Bom-Crioulo] de o “ponto alto do Naturalismo”, enquanto Wilson Martins, em 1979, rotulou Caminha como “o naturalista envergonhado”. “Bom-Crioulo” é normalmente incluído entre as obras Naturalistas por causa de seu tema explicitamente sexual e meio social baixo e, depois de redescoberto da década de 1940, entrou para história da Literatura Brasileira como um romance Naturalista.¹³²

Cristian Abreu de Quevedo afirma que a obra de Adolfo Caminha estaria “situada” entre o Romantismo e o Naturalismo:

Acredita-se que como um filho nascido em um momento de mudanças, ele não estava “localizado” em nenhum e nem outro movimento, mas entre ambos e para além de seu tempo. Porém é preciso entender o *Zeitgeist*, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo em que Caminha estava imerso quando da escrita do Bom-Crioulo.¹³³

O que se pode afirmar é que Adolfo Caminha tinha em Émile Zola uma grande referência e que, como afirma Quevedo, “as obras naturalistas são marcadas pelo alto teor da análise social, geralmente a partir dos grupos marginalizados, valorizando o coletivo”¹³⁴. Tais aspectos são marcantes em *Bom-Crioulo* e em *A normalista*.

O final do século XIX, como vimos, é um período de explosão de novas ideias e teorias e com isso, “as incertezas em relação à república e o desfacelamento das instituições

¹³⁰ HOWES, Robert. Op. Cit. p. 173.

¹³¹ Ibidem. p. 183.

¹³² BIGLIA, Pablo Ferreira. Op. Cit. p. 42.

¹³³ QUEVEDO, Cristian Abreu de. *A homoafetividade no romance Bom-Crioulo de Adolfo Caminha: Uma leitura crítica a partir de questões de gênero e sexualidade*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Curitiba: Centro Universitário Campos de Andrade, 2017, p. 19.

¹³⁴ Ibidem. p. 24.

tradicionais, em meio ao entusiasmo das novas ideias, não poderiam criar um romance que não fosse confuso, estranho e contraditório”¹³⁵. Ainda segundo Maraísa Gabriela, “o desmonte confuso da monarquia estabelece nos textos naturalistas a convivência de sexualidades potencialmente transgressivas, da euforia com os avanços da civilização industrial do século XIX e do pessimismo diante de novos tempos feitos de velhos valores”¹³⁶.

Vale ressaltar que, além das questões relacionadas à Monarquia versus República, alguns aspectos faziam das obras naturalistas brasileiras, em tese, diferentes daquelas publicadas no exterior. A escravidão, tematizada por Adolfo Caminha em *Bom-Crioulo*, certamente não apareceria enquanto temática central em uma obra de Zola, justamente por não ser uma questão candente em seu país, por não marcar a sociedade da qual fazia parte e sobre a qual escrevia.

No capítulo seguinte, procuraremos analisar a influência do cientificismo e das teorias evolucionistas e racialistas na composição de *Bom-Crioulo*, que foram incorporadas ao enredo do romance e que, possivelmente, o inspiraram. Antes, porém, passaremos à análise de um romance que antecedeu, e outro que sucedeu a publicação de *Bom Crioulo* – respectivamente, *A Normalista* e *Tentação*.

1.3 Aspectos naturalistas e realistas em *A Normalista* e *Tentação*

Vivemos, dizem os Goucourt, numa época do sufrágio universal, da democracia, do liberalismo (merece ser lembrado que eles de maneira alguma, eram amigos incondicionais destas instituições e fenômenos); portanto é injusto excluir as assim chamadas classes mais baixas da população, o povo, do tratamento literário sério, tal como ainda acontece, assim como é injusto conservar na literatura uma aristocratização dos objetos que não mais corresponde ao nosso quadro social; deve-se admitir que não há nenhuma forma de desgraça que não seja demasiado baixo para ser representada literariamente.¹³⁷

No trecho acima, Erich Auerbach faz menção à representação, pela literatura contemporânea, das classes mais baixas, muito presente no Naturalismo. Tal representação literária se inscreve em uma série de profundas mudanças na conjuntura política dos países, na decadência de um modelo aristocrático de sociedade e na adoção do liberalismo, da democracia e do sufrágio universal. O Naturalismo, ao mesmo tempo que insere em seus enredos

¹³⁵ FARIA, Maraísa Gabriela de. Op. Cit. p. 94.

¹³⁶ Ibidem. p. 104.

¹³⁷ AUERBACH, Erich. Op. Cit. p. 433.

personagens populares antes esquecidos/escondidos, também levanta a bandeira do cientificismo¹³⁸ e, a partir do mesmo, aborda temas que ainda causavam escândalo e desconforto na sociedade do período, a exemplo da sexualidade (sem excluir de seus enredos a homossexualidade), da pobreza e da violência.

O marco inicial do Naturalismo se deu na França, em 1880, com a obra *Romance Experimental* e, em 1885, com *Germinal*, ambas de Émile Zola. As obras apresentam elementos que as tornam inconfundíveis diante das abordagens relacionadas aos avanços científicos. Zola pretendia tratar, a partir da objetividade e da exatidão científicas, de parâmetros fisiológicos e pressupostos darwinistas em temáticas variadas e complexas como: crimes, patologias humanas, sexualidade e adultério¹³⁹.

Auerbach menciona um trecho de *Germinal*, obra que trata da vida em uma comarca carvoeira no norte da França, que relata o entardecer de um dia de domingo em uma quermesse. Os trabalhadores passaram a tarde a beber, jogar boliche, e, no fim do dia, participam de um baile: “o *bal du Bom-Joyeux*, no local da viúva Désir gorda e cinquentona, mas ainda muito cheia de alegria de viver”¹⁴⁰. Ao baile, chegam mulheres de mais idade, crianças de colo e outros convidados. O local da viúva Désir, mencionado anteriormente, é uma taberna, um local de presença marcante no romance por ser utilizado para reuniões dos personagens. Segundo Auerbach, esta passagem da obra é a que mais gerou inquietação entre os leitores: “Este trecho pertence àqueles que, quando da primeira aparição das obras de Zola nos últimos trinta anos do século passado, provocaram repulsa, horror, mas também junto a uma minoria notável, grande admiração”¹⁴¹.

Ainda segundo Auerbach, Zola “[...] não apresentava a sua arte de forma alguma como sendo de ‘estilo baixo’ ou cômico; quase cada uma de suas linhas delatava que tudo era considerado da forma mais séria e moralista possível”¹⁴².

¹³⁸ “[...] o romance realista autêntico tem assumido a herança da tragédia clássica, [...] um resumo que contém um motivo especial, o do cientificismo [...]” GOMES Mônica dos Santos. *As traduções e recepção de Germinal, de Émile Zola, no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL), Programa de Pós-graduação em Literatura (POSLIT), 2013, p. 93.

¹³⁹ *Ibidem*. p. 93.

¹⁴⁰ AUERBACH, Erich. *Op. Cit.* p. 433, p. 443.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² *Ibidem*.

As obras naturalistas causaram espanto pela forma aberta como tratavam temas atípicos, conforme afirma Auerbach: “A arte do estilo renunciou totalmente a procurar efeitos agradáveis no sentido tradicional; serve à verdade desagradável, oprimente, desconsolada”¹⁴³. Ainda segundo o autor, a crueza desagradável do estilo zolaniano, seu cientificismo, sua “predileção pelo feio” não eliminaram a importância e a grandeza da obra:

Se Zola exagerou, ele fez na direção que interessava, e se tinha predileção pelo feio, fez dela o uso mais frutífero possível. *Germinal* é ainda hoje, após bem mais de meio século, cujas últimas décadas nos presentearam destinos com os quais Zola nem sonhava, um livro terrível; mas também hoje nada perdeu de sua importância quase nada de sua atualidade.¹⁴⁴

Assim como Zola, outros escritores naturalistas traziam para suas obras tal estética, e, a fim de produzirem uma obra de cunho científico, e abordavam, de forma direta e explícita, uma série de temas-tabus no século XIX, sem que estes se afastassem do cotidiano de milhares de pessoas, incluindo os autores. Auerbach afirma que Zola escrevia sobre o que conhecia; para escrever *Germinal*, o autor passou a viver entre os trabalhadores das minas de carvão, dedicando-se a uma pesquisa minuciosa:

Zola sabe como estes seres humanos pensaram e falaram. Conhece também todos os detalhes da mineração; conhece a psicologia de cada classe de operários e da administração; o funcionamento da gerência central; a luta entre os grupos capitalistas; a colaboração dos interesses capitalistas com o governo, com o exército.¹⁴⁵

Adolfo Caminha, admirador assumido, “louvando Èmile Zola como exemplo a seguir, tanto nas letras como na vida [...]”¹⁴⁶, apresentou aspectos da sociedade do século XIX em suas obras, baseando-se em suas vivências, contextos que observou a fundo e em detalhes – a exemplo de *Bom-Crioulo*, que propõe uma representação crítica da Marinha, onde o autor serviu durante anos.

Considerado o romance de estreia¹⁴⁷ de Adolfo Caminha e o primeiro dos romances publicados por Domingos de Magalhães – editor que lançaria futuramente *no país dos ianques* (1894), *Bom-Crioulo* (1895) e *Cartas literárias* (1895) –, *A Normalista* (1893) narra a vida de

¹⁴³ Ibidem. p. 447.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ Ibidem. p. 449.

¹⁴⁶ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 23.

¹⁴⁷ Ibidem. p. 126.

Maria do Carmo, uma moça do interior que, após a morte da mãe, é entregue pelo pai ao padrinho, João da Mata. Maria do Carmo é descrita como uma moça ingênua: “parecia-lhe [a João da Mata] uma criatura simples, sem essa tendência fatal das mulheres modernas para o adultério, uma menina que até chorava na aula simplesmente por não ter respondido a uma pergunta do professor!”¹⁴⁸

João da Mata mora com dona Terezinha, mas o relacionamento não o impede de, ao longo do tempo, começar a desejar a afilhada: “Maria estava-se pondo moça, entrava nos seus quinze anos e o padrinho a adorá-la cada vez mais!”¹⁴⁹. Ou ainda: “Maria punha-o doido com os seus belos olhinhos cor de azeitona. A sua imaginação criava planos fantásticos, inexecutáveis, por meio dos quais ele pudesse iludir a afilhada, e, zás! Tirar-lhe o lírio branco da virgindade. Não queria precipitar-se com risco de um escândalo comprometedor, isso não”¹⁵⁰. Paralelo ao desejo que se construía em João da Mata, Maria do Carmo inicia um namoro com Zuza, um jovem estudante de direito, filho de um dos coronéis da cidade. Contudo, o namoro entre os dois não é aprovado pelos familiares, principalmente por João da Mata: “João começou a enquizar-se com as frequentes visitas do Zuza. Por fim, notara certas tendências do estudante para a pequena, certo quebrar de olhos, uma como insistência atrevida em dizer as coisas por metáforas... isso o incomodava, punha-lhe pruridos na calva, enraivecia-o”¹⁵¹.

O relacionamento entre os jovens, de classes sociais distintas, também causava apreensão em dona Terezinha, mesmo que por motivos diferentes: “Debalde d. Terezinha aconselhava, aflita, que não desse escândalo, que fosse dormir – ‘As paredes têm ouvidos, dizia ela dentro da alcova. O moço era filho de gente graúda, e ele, Janjão, um simples empregado público’”¹⁵².

Dona Terezinha preocupava-se com os boatos e maledicências em torno do namoro, que percorriam a cidade, descrita como provinciana, de Fortaleza. A cidade em que Adolfo Caminha passou parte de sua vida é retratada por diversas vezes na obra por um viés crítico e amargo, a partir de comparações desfavoráveis em relação a outras cidades, como no trecho a seguir: “O que dizia é que o Recife está num plano muito superior a Fortaleza. Apenas estabelecia um

¹⁴⁸ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza. Verdes Mares Ltda. 1997, p. 48.

¹⁴⁹ *Ibidem*. p. 4.

¹⁵⁰ *Ibidem*. p. 67.

¹⁵¹ *Ibidem*.

¹⁵² *Ibidem*. p. 5.

paralelo”¹⁵³. Ao afirmar que Fortaleza era uma terra pobre, criticando a desigualdade de tratamento entre pobres e ricos, João da Mata diz:

E acrescentou que o Ceará era boa terra para os políticos e ricos, que o pobre em Fortaleza, ainda que pesasse quilogramas de honradez era sempre o pobre, maltratado, espezinhado, ridicularizado, perseguido, enquanto que o indivíduo mais ou menos endinheirado podia contar amplamente, largamente (e abria os braços) com a simpatia geral: tinha ingresso em todos os salões, em toda a parte, até no “santuário da família” fosse ele, embora, um patife, um grandíssimo canalha. Usava chapéu alto e gravata branca? Tinha um título de bacharel? Não fizesse cerimônia, podia entrar onde quisesse — “Uma terra de famintos, seu compadre! Fome, miséria e patifaria era o que se via.”¹⁵⁴

Em outro trecho, o provincianismo e a suposta inércia da cidade é afirmado da seguinte maneira:

A cidade permanecia na sua costumada quietação provinciana, muito cheia de claridade, bocejando preguiçosamente de braços cruzados, à espera do Progresso. Suava-se por todos os poros e respirava-se a custo, debaixo de uma atmosfera equatorial, acabrunhadora. Estalava à distância, num ritmo cadenciado e monótono, o canto estridente e metálico duma araponga, cujo eco repercutia em todo o âmbito da pequena capital cearense.¹⁵⁵

Por tal posicionamento, a obra foi compreendida pelo público como um ataque de Caminha à cidade de Fortaleza. Eduardo Bezerra afirma: “A *Normalista* foi considerada peça de vingança pelo fato de a sociedade fortalezense não ter visto com bons olhos a união do autor, então segundo tenente da Marinha, com Isabel Jataí de Paula Barros, então casada com Fausto Augusto de Paula Barros, também militar”¹⁵⁶. Sânzio de Azevedo também compartilha da ideia e afirma que *A Normalista* é uma resposta de Caminha à sociedade cearense e às críticas ao seu romance com Isabel, “[...] mostrando uma jovem seduzida pelo padrinho, atacava a sociedade hipócrita de Fortaleza dos anos 80 do século XIX, que condenou a união do escritor com uma mulher que, por ele, abandonara o marido”¹⁵⁷.

Voltando ao enredo do romance, diante da desaprovação do relacionamento vinda de ambas as famílias, o coronel envia seu filho para Recife a fim de terminar os estudos e mantê-lo longe da namorada. João da Mata aproveita-se do momento de fragilidade de Maria do Carmo

¹⁵³ Ibidem. p. 7.

¹⁵⁴ Ibidem. p. 12.

¹⁵⁵ Ibidem. p. 50.

¹⁵⁶ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 247.

¹⁵⁷ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit. p. 86.

para entrar em seu quarto e violentar a jovem. João passa então a arquitetar maneiras de se relacionar com a filha de criação sem causar escândalos na sociedade fortalezense. A jovem termina por engravidar e a reação da personagem, ao perceber os sinais da gestação, reflete mais a preocupação diante do escândalo que uma gravidez fora do casamento provocaria, comprometendo sua imagem de “gente séria”, do que com a violência sexual: “Ela com um filho, Jesus! Decididamente estava perdida para sempre no conceito honesto da gente séria. Não passaria mais de uma simples rapariga que ‘já teve filho’!”¹⁵⁸ Maria, uma jovem estuprada que engravidou do pai de criação, torna-se uma vítima de violência sexual e do conservadorismo hipócrita da sociedade que a condenaria por não ser mais virgem e por ter engravidado fora do casamento. Sobre seus sentimentos o trecho, a seguir, relata:

Vivia assombrada e não raro caía num desfalecimento que lhe tirava a ação do corpo e do espírito. Por uma espécie de instinto, previa todas as consequências do seu estado e pressentia o desprezo acerbo que havia de lhe cair sobre a cabeça implacavelmente, como uma grande mão de ferro, esse desprezo convencional e hipócrita de uma sociedade ávida de escândalos, cevando-se da desgraça alheia, banquetando-se em torno da vítima, como para torturá-la ainda mais.¹⁵⁹

Diante das críticas que enfrentaria, Maria do Carmo decide sair da cidade para evitar maiores escândalos e, com a ajuda de João da Mata, muda-se para Aldeota a “cerca de um quilômetro da cidade”¹⁶⁰, para a casa de mestre Cosme e tia Joaquina, conhecidos de João da Mata: “conhecia-os de longa data, desde a seca, por sinal naquele tempo tinham uma filha moça – também Maria (Maria das Dores) que morrera das febres em 77”¹⁶¹.

João não conta nem para o mestre Cosme, nem para a tia Joaquina sobre a gravidez de Maria, mas, inicialmente, diz a eles que ela está doente: “– É isto, mestre Cosme. A Maria, minha afilhada, tem andado doente, coitada, está fraquinha, precisa tomar um pouco de leite fora da cidade... eu queria que ela fosse passar uns tempos no Cocó, a rapariga tem um fastio que até mete pena...”¹⁶².

Em Aldeota, Maria do Carmo se sente feliz, afastada daquilo que a atormentava:

Provisoriamente instalada no seu bucólico e nemoroso retiro da Aldeota, longe de tudo que lhe arrelia o juízo, a um bom quilômetro das rabugices de d. Terezinha

¹⁵⁸ CAMINHA. Adolfo, Op. Cit. p. 99.

¹⁵⁹ Ibidem.

¹⁶⁰ Ibidem. p. 119.

¹⁶¹ Ibidem. p. 120.

¹⁶² Ibidem.

e do mau hálito de João da Mata, outra foi com efeito a vida de Maria do Carmo. O viver simples e sossegado de mestre Cosme e da tia Joaquina, o aspecto úmido da mata resplandecendo num fundo verde-claro e onde variados matizes da flora agreste punham efeitos surpreendentes, o bom leite puro e fresco bebido pela madrugada à porta do curral, e, à tardinha, quase ao anoitecer, o violão de mestre Cosme gemendo saudades de um país remoto e abençoado, a liberdade que se bebia ali na larga convivência da natureza, tudo isso robustecia-lhe o corpo e a alma, inoculando-lhe no sangue um conforto viril, ressuscitando-lhe o quase extinto amor à vida, à alegria, à mocidade, e às apagadas reminiscências do bom tempo em que ela, ainda inocente, em Campo Alegre, ia esperar o papai que voltava da vazante.¹⁶³

O capítulo XIV descreve a forma maldosa com a qual os habitantes da cidade se referem e reagem diante do afastamento repentino de Maria do Carmo:

A ausência de Maria do Carmo não passou despercebida às rodas de calçada e aos frequentadores do Café Java, cujo tema quotidiano — a política — não lhe satisfazia o prurido de entrar pela vida alheia a esmiuçar escândalos como quem procura agulha em palheiro. Nas portas de botica, nos cafés, nas repartições públicas, no mercado, em toda parte comentava-se o desaparecimento da normalista, em tom misterioso e com risadinhas sublinhadas a princípio, depois abertamente, sem rebuços, com uma ponta de perfídia traindo a sisudez convencional da burguesia aristocrata.¹⁶⁴

Os boatos sobre a mudança da jovem giravam em torno de sua relação com Zuza, diziam: “Quem, a Maria do Carmo? Aquela mesma não era mais moça, não, meu bem... Ela sempre fora muito metida a aristocrata, por isto mesmo caíra nas mãos de um Zuza. Era bem feito! Uma grandíssima orgulhosa com carinha de santa. Aí estava a santidade”.

Por fim, o bebê morre por complicações no parto e a normalista retorna para Fortaleza. O afastamento da cidade foi benéfico à jovem que, após distanciar-se do “meio” sufocante que a cercava – no espaço privado e público – se apresenta mais saudável: “Meses depois, quando Maria do Carmo apresentou-se na Escola Normal para concluir o curso interrompido, estava nédua e desenvolta, muito corada, com uma estranha chama de felicidade no olhar”.¹⁶⁵

Nas últimas páginas do livro, Caminha relata que o único fato capaz de distrair a população acerca de escândalos domésticos que se abateram sobre a protagonista foi a Proclamação da República, que os preocupava:

A esse tempo um grande acontecimento preocupava toda a cidade. Liam-se na seção telegráfica da Província as primeiras notícias sobre a proclamação da república brasileira. Dizia-se que o barão de Ladário tinha sido morto a pistola por um oficial de linha, na praça da Aclamação, e que o imperador não dera uma

¹⁶³ Ibidem. p. 122.

¹⁶⁴ Ibidem. p. 125.

¹⁶⁵ Ibidem. p. 138.

palavra ao saber dos acontecimentos, em Petrópolis. [...] Ninguém se lembrava de escândalos domésticos nem de pequeninos fatos particulares.¹⁶⁶

A obra se encerra descrevendo a revolta do perverso vilão João da Mata diante da Proclamação da República. O criminoso defende e identifica-se com a Monarquia, enquanto Maria do Carmo, já sob o novo regime, fica noiva e avista uma perspectiva de futuro:

Um homem revoltava-se, indignado com o novo estado de coisas — era João da Mata. — É boa! bradava ele na bodega do Zé Gato, esmurrando a mesa. Isto é um país sem dignidade, uma nação de selvagens! Expulsar do trono um monarca da força de Pedro II, mandá-lo para o estrangeiro doente e quase louco, é o cúmulo da ignorância e da selvageria! E Maria do Carmo, agora noiva do alferes Coutinho da polícia, via diante de si um futuro largo, imensamente luminoso, como um grande mar tranquilo e dormente.¹⁶⁷

Se levarmos em conta o posicionamento republicano de Adolfo Caminha, poderíamos supor que fazia parte de sua intenção retratar João da Mata como a representação da sociedade atrasada de Fortaleza e Maria do Carmo como o Brasil que seguiria para um futuro “imensamente luminoso”. Talvez, o autor tenha registrado suas preferências políticas de forma mais indireta e alegórica, no entanto, o mesmo não acontece em relação às críticas à cidade de Fortaleza, muito pelo contrário: as mesmas aparecem claramente ao longo do livro. Tal posicionamento, contudo, não ficou impune. A obra, segundo Costa Filho, foi, em parte, responsável por sua expulsão da Padaria Espiritual, agremiação da qual fazia parte no Ceará, já que, no romance, conforme vínhamos apontando, refere-se à Fortaleza como uma cidade “atrasada”, uma ofensa aos padeiros e aos leitores da Padaria Espiritual.

Expulso da Padaria devido a suas críticas contundentes já em *A Normalista*, onde denunciou uma “terra de aldeia”, de espírito provinciano, em contraposição ao Recife, símbolo de “civilização” e “modernidade”, onde estudava o filho do Coronel Souza Nunes, o bacharel Zuza. Fortaleza era neste momento um “arremedo de civilização”, uma ‘terra de bugres’, uma cidade “muito atrasadinha”, mais acostumada aos mexericos da vida alheia do que com as reais questões literárias.¹⁶⁸

De certo, Caminha trata da cidade como um lugar atrasado, arcaico, avessa às transformações científicas, políticas e ideológicas da modernidade.

Em determinado momento da obra, o autor relata o falecimento do presidente do Ceará, dr. Castro, homem progressista e preocupado com a modernização da cidade, possivelmente de

¹⁶⁶ Ibidem.

¹⁶⁷ Ibidem.

¹⁶⁸ COSTA FILHO, Cícero João da. Op. cit. p. 81.

febre amarela. O trecho destaca-se, inicialmente, pela narrativa detalhada da morte do personagem. Caminha escreveu:

Uma tarde em que os Mendes, o juiz municipal e a mulher tinham ido passear ao Trilho, João da Mata entrou alvoroçado, sem fôlego, com uma notícia a escapulir-lhe da boca. — Sabem quem está muito doente? Todos voltaram-se surpreendidos, com o olhar cheio de curiosidade. — Não, ninguém sabia. Algum conhecido? — O presidente, o dr. Castro, teve um ataque há pouquinho. A rua está cheia. Diz que está bem mal. — De quê, menino? Interrogou o juiz muito admirado e já nervoso. Houve logo um interesse comovido nos circunstantes. E João, sentando-se, sem apertar a mão aos Mendes, pálido, limpando a testa, foi dizendo o que sabia: — Muita gente defronte do palácio. Tinham sido chamados todos os médicos, e todos, menos o dr. Melo, eram de parecer que se tratava de um caso de febre amarela. O presidente tinha acabado de jantar e lia à cabeceira da mesa a correspondência do Sul chegada naquele momento, quando começou a sentir-se mal — embrulho no estômago, tonteira, calafrios. Imediatamente, ergueu-se lívido, e, ao dar o primeiro passo, caiu fulminado! — Ai! Fez d. Terezinha cruzando as mãos sobre o regaço. E depois? — Depois conduziram-no à cama, sem sentidos, vomitando uma coisa preta... João fez esgares de nojo. Todos cuspiram. — ... E quando os médicos chegaram já o encontraram sem pingo de sangue no rosto, vomitando ainda golfadas de bÍlis sobre a esposa que o amparava, coitada, nem sei mesmo como... — Coitado! Lamentaram num tom arrastado as duas senhoras.¹⁶⁹

Caminha prossegue a narrativa descrevendo a apreensão de Maria do Carmo com o relato de João da Mata acerca da morte do presidente. Em um trecho, afirma-se sobre ele:

Um homem superior, gabava ele, um gentleman, um fidalgo de raça, uma dessas criaturas que a gente ficava querendo bem por toda a vida. Pois não! Excelente amigo, dedicado até, jogador de florete, sabendo montar a cavalo “divinamente” e atirando ao alvo com uma perfeição ultra! E que educação, que finíssima educação social! O homem falava francês como um parisiense, entendia inglês e tinha um modo excepcional de se portar em qualquer ocasião, solene. Com tudo isto, acrescentava pigarreando, era muito bom democrata, sim senhores. Passeava sem ordenança, a pé; ia ao mercado pela manhã “ver aquilo” como qualquer plebeu, e jogava bilhar na Maison Moderne... Que queriam mais? De um homem assim é que o Ceará precisava. Ele ali estava na pessoa do Castro.¹⁷⁰

O autor complementa que se devia ao dr. Castro a modernização, ainda que tardia, de Fortaleza, “construindo açudes no sertão, reconstruindo o Passeio Público, ativando as obras do porto, facilitando a emigração, prodigalizando esmolas e introduzindo em Fortaleza certos costumes parisienses, como por exemplo, o sistema de passear a cavalo a chouto, de aparar a causa dos animais de sela”¹⁷¹.

¹⁶⁹ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit., p. 110.

¹⁷⁰ Ibidem. p. 61.

¹⁷¹ Ibidem. p. 111.

A *Normalista* possui aspectos que revelam a forma como a sociedade oitocentista tendia a lidar com assuntos que já apareciam nos romances, como a gravidez precoce fora do casamento, mas não com tantos detalhes, que abordam, explicitamente, questões referentes ao corpo, ao desejo e às práticas sexuais – aspectos presentes, de maneira geral, em obras naturalistas. Segundo E. Bezerra, as descrições realistas e detalhadas da cidade e de seus habitantes, em *A Normalista*, são também marcas da influência realista na obra:

Quem ler *A Normalista*, por exemplo, encontrará referências à cidade de Fortaleza no século XIX: a rua do Trilho; o Passeio Público; o Colégio da Imaculada Conceição; a Escola Normal, o bairro do Benfica etc. Essa resposta é coerente com a estética do naturalismo, sobretudo se o crítico considerar que Caminha foi essencialmente um naturalista.¹⁷²

Sobre a influência da estética naturalista no romance de Caminha, Biglia afirma:

A Normalista, primeiro romance de Caminha, foi considerado através dos moldes do Realismo-Naturalismo. O Realismo teve origem em 1857, com “*Madame Bovary*”, de Gustave Flaubert, que vinha contrapor o caráter subjetivo e as idealizações do Romantismo, buscando a objetividade e realidade nas obras de ficção. E foi com Émile Zola e seu “*Thérèse Raquin*”, em 1867 que o Naturalismo criou vida, através da submissão dos personagens a análises de um caráter mais voltado para a ciência, isto é, as obras Naturalistas são consideradas romances de tese, tendo por trás delas algum tipo de objeto científico.¹⁷³

A Normalista sofreu ataques da crítica, mas em medida muito menor se comparado ao próximo livro que Caminha viria a publicar, *Bom-Crioulo*. Em defesa de seu romance, Caminha escreveu no jornal *Gazeta de Notícias*, em novembro de 1893, assinando como C. A. e se apresentando como leitor:

[...] Confessando-me admirador do talento do Sr. Caminha, direito a propósito da *Normalista*, umas tantas cousas que há tempos andam-me no espírito. [...] Mas eu compreendo a intolerância da crítica sebastianista, eu compreendo a má vontade, a fingida repugnância dos adeptos da nova escola. Toda questão é que eles confundem a moda com a arte, o que é sério e grandioso com o que é banal e transitório. Na sua opinião o Sr. Eça de Queiroz está velho e fora da moda. Para eles a Arte é uma espécie de fato que veste hoje, novo em folha, sabidinho da melhor alfaiataria da rua do Ouvidor para despir amanhã, simplesmente porque está fora da moda. Tal é a visão artística dos inimigos do Naturalismo; a sua esthetica mal consegue, pelos processos de polarização, distinguir materialmente as cores do prisma newtoniano.¹⁷⁴

¹⁷² BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 461.

¹⁷³ BIGLIA, Pablo Ferreira p. 40.

¹⁷⁴ C. A. *Gazeta de Notícias*, 13 de novembro de 1893, p.1.

Nas próprias palavras, o autor explicita que a escola literária a qual passara a se vincular é o Naturalismo. Segundo Azevedo, no Naturalismo “[...] encontrou, o escritor cearense, a estética ideal para seu temperamento combativo”¹⁷⁵. A narrativa desenvolve-se em torno da vida do casal Evaristo e Adelaide de Holanda, moradores de um lugarejo chamado Coqueiros, que ambicionam mudar-se para o Rio de Janeiro. Inicialmente, a cidade do Rio de Janeiro aparece na narrativa como um lugar de crescimento pessoal e profissional. Evaristo diz: “No Rio de Janeiro a coisa é outra! Um homem adquire relações, ganha fama e, quando pensa, tem sua economiazinha... Quem vai ao Rio, vai à Europa”¹⁷⁶. Outro trecho que reflete o sentimento do personagem pela cidade do Rio como uma fonte de crescimento está a seguir:

O Rio de Janeiro atraía-o para as grandes lutas, para cometimentos estrondosos, que o celebrizassem dalguma forma. Rapazes, seus conhecidos (o Luís Furtado era um deles) viviam muito bem na Corte — formados, gozando de nomeada na advocacia, no magistério; outros, que nem sabiam o bê-a-bá do direito, elogiados na literatura, na imprensa, em tudo!¹⁷⁷

Se o posicionamento antimonarquista de Caminha não é especialmente enfatizado em *A Normalista*, no romance *Tentação*, publicado em 1896, o autor elabora fortes críticas à Monarquia, não poupando, além disso, o movimento republicano¹⁷⁸.

Luís Furtado, amigo de Evaristo, casado com dona Branca, oferece ajuda ao colega para realizar o sonho de morar na capital do Império. Evaristo era advogado e vivia uma vida simples junto à esposa na pequena cidade, enquanto Luís Furtado, nas palavras do autor, era um “quase capitalista”, enriquecido a despeito de sua mediocridade intelectual.

Luís Furtado não tinha nenhum preparatório, fora péssimo estudante de latim, na aula do Padre Lustosa, de francês, e mesmo da língua de Camões; no entanto, estava muitíssimo bem colocado no Rio - podia-se dizer que era dono de jornal, influência literária e quase capitalista! E ele, Evaristo? Formado, bacharel em direito, autor de muitos escritos, no entanto era aquilo: duzentos mil-réis — uma vergonha — casa em Coqueiros, e, quanto a futuro, temos conversado!¹⁷⁹

¹⁷⁵ AZEVEDO, Sânzio de. Op. Cit. p. 86.

¹⁷⁶ CAMINHA, Adolfo. *Tentação*, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, Domínio Público, UNAMA-Universidade da Amazônia, 1894, p.2.

¹⁷⁷ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 3.

¹⁷⁸ “[...] em seu romance *Tentação*, [...] não faltaram críticas à Monarquia, mas também ao movimento republicano”. (BEZERRA, p. 138).

¹⁷⁹ Ibidem. p. 3.

Furtado, em diálogo com Evaristo, menciona o Rio de Janeiro como um lugar civilizado, diferenciando-o de outras localidades: “Uma coisa é a gente viver na província e outra coisa é respirar numa atmosfera civilizada. Sei de mim que estou muito bem, muitíssimo bem”¹⁸⁰. Já na capital, com a ajuda de Furtado, Evaristo consegue um emprego no Banco Industrial, porém, ao se mudarem, o personagem passa a se opor ao monarquismo de Furtado, cuja esposa é amiga íntima da princesa Isabel.

d. Branca entrou em familiaridades com Adelaide, franqueou-lhe a *toilette*, mostrou-lhe o álbum de retratos, o vestido de seda com que fora ao último baile no Cassino, uma jóia que a princesa lhe dera no dia de seus anos...

— A princesa?...

Sim, eram muito amigas, o próprio imperador podia-se dizer que era amigo do Furtado; até lhe prometera uma comissão à Europa. Sim, a princesa, por que não? A princesa dava-se com muitas famílias no Rio de Janeiro, não tinha orgulho, apertava a mão a todos... Boa senhora! A mulher do desembargador Lousada era *dama* do Paço, tinha intimidade com a imperatriz; por intermédio dela é que d. Branca se relacionara com a princesa.¹⁸¹

Ao longo do romance, os diálogos entre os personagens levantam uma série de questões e interesses políticos. Em determinado diálogo, Evaristo afirma que a República é a solução para o Rio de Janeiro: “O Rio de Janeiro sem o imperador e sem os preconceitos da Monarquia, o Rio de Janeiro tal qual sonham os bons republicanos, há de ser uma coisa única!”¹⁸²

Por fim, há um conflito entre as famílias. O desconforto começa com uma fala de Evaristo diante de um brinde que, por pouco, não esboça seu posicionamento acerca do regime monárquico. Tal descômodo acontece em um piquenique entre os casais Holanda e Furtado, acompanhados do visconde de Santa Quitéria no Jardim Botânico:

O almoço correu alegre, muitíssimo alegre, cheio de risos, fermentado pelo Bourgogne e pelo champanha — um almoço leve, delicadíssimo e substancial, "aristocraticamente fino", como ideara o esposo de d. Branca. Evaristo, ao abrir-se o champanha, pediu que não se fizessem brindes.

— O brinde é a maior tolice do século dezenove — explicou ele, tragando uma roda de abacaxi. - O brinde parece até uma invenção do Valdevino Manhães ou de Mr. de La Palisse; eu sou contra o brinde como sou contra a mon... Ia dizendo monarquia, mas arrependeu-se logo, sem olhar para o visconde:

— ... Como sou contra o voto feminino!

¹⁸⁰ Ibidem. p. 7.

¹⁸¹ Ibidem. p. 11.

¹⁸² Ibidem. p. 83.

— Eu só compreendo o brinde quando é de honra, à sua majestade o imperador, à princesa... ou mesmo a um homem ilustre que se não confunda com o resto da gente.

— Qual, senhor visconde! exclamou o bacharel depondo o talher.

— O brinde, seja ele a quem for, é uma das muitas ridicularias da civilização...

Não sei como qualificar o indivíduo que interrompe a boa digestão de uma mesa, de uma sociedade, para, de taça em punho, *levantar um brinde às virtudes* de outro, não sei.

Evaristo esquecia-se do batizado da Julinha em que o diretor do Banco Luso-Brasileiro fizera diversos brindes entre os quais um a seu amigo Furtado, que por sua vez brindara à sereníssima herdeira do trono.

Adelaide fez-lhe sinal piscando o olho, mas o bacharel não percebeu e conclui dizendo catedraticamente que o brinde "era uma prova de ignorância e de tacahez intelectual",

Todos estranharam aquela franqueza perante o visconde de Santa Quitéria, na presença do respeitável amigo de Suas Majestades que ninguém ousava contrariar nas menores coisas.

Furtado disfarçou o mau efeito das palavras de Evaristo, dizendo alegremente que, para provar *ignorância e tacahez intelectual*, ia brindar à Inspetoria do Jardim Botânico e mais à Flora brasileira.¹⁸³

Em seguida, outro incômodo é gerado no passeio, em razão do interesse amoroso de Furtado por Adelaide:

Furtado queria se abrir com Adelaide agora que estavam sós, dizer-lhe tudo quanto sentia por ela desde que a vira pela primeira vez, contar-lhe as suas insônias, o muito que a estimava, a extraordinária simpatia que ela lhe inspirava; mas uma timidez amordaçava-o, uma timidez de colegial, e, no fundo, um vago sentimento de compaixão pelo amigo, pelo Evaristo, seu velho contemporâneo do Liceu, cujas qualidades, ontem como hoje, eram dignas do respeito que se deve a um chefe de família honesto e exemplar. Além disso, temia qualquer movimento de indignação por parte de Adelaide; ela talvez o repelisse, dando escândalo num lugar público, desabafando ali mesmo em face do visconde e de sua mulher, inutilizando o. Mas logo esses temores desapareciam e voltava-lhe o ânimo, a coragem de homem useiro e vezeiro nas pugnas do amor fácil.¹⁸⁴

Cortejando Adelaide, Furtado beija-lhe a mão, causando desconforto na esposa do amigo:

E no momento em que ela fechava a bolsa para continuar o passeio, Furtado abaixou a cabeça, num movimento nobre, e beijou-lhe audaciosamente a mão, oferecendo-lhe, ato contínuo, o braço.

¹⁸³ Ibidem. p. 48.

¹⁸⁴ Ibidem. p. 49.

— Senhor!...

Ia exclamando: — Senhor Furtado!... — num tom de admiração e de queixa; mas, o insólito procedimento do secretário gelou-a. Um beijo!... Faltava-lhe toda a coragem, toda a presença de espírito, para reagir no mesmo instante, lembrando ao marido de d. Branca o respeito que todo o homem deve a uma senhora casada. Penderam-lhe os braços, curvou a cabeça, e em vez de uma explosão de palavras que demonstrassem a Furtado a sua indignação e o seu assombro, ela deixou que as lágrimas corressem como pérolas de rosário desfiado. Nunca homem algum se atrevera a tanto, nunca o seu pudor de mulher fora tão cruelmente magoado como naquela ocasião e por um homem que devia ser o primeiro a respeitá-la.

— Adelaide... — murmurou Furtado numa voz suplicante. — Zangou-se? A jovem senhora não respondeu. Ia calada, muda, abafando o seu ódio, enxugando as lágrimas. Compreendia agora os zelos do secretário para com ela, a sua fingida dedicação ao Evaristo; compreendia tudo...¹⁸⁵

Após o passeio, Adelaide cogita mudar-se, afastar-se de Furtado “antes que estalasse algum escândalo”¹⁸⁶. Ao mesmo tempo, Evaristo, já, decepcionado com a vida na capital do regime monárquico, cogita deixá-la, insatisfeito que estava com o sistema político e as instituições imperiais: “E enquanto Adelaide pensava nessas coisas, sem nada dizer ao marido, o bacharel premeditava o arrasamento das instituições, ao mesmo tempo que lia, com avidez, os artigos revolucionários *d'A Folha*”.

Diante da situação que se instaura, o casal decide sair da casa dos Furtado. Contudo, o autor não deixa claro se permanece no Rio de Janeiro ou se retorna para Coqueiros, mas expõe categoricamente a insatisfação do personagem com a monarquia e a capital do regime: “ – Mais que resolvido. Não podemos continuar nesta terra... tu, porque andas com a saúde arruinada, eu, porque tenho arruinado o espírito... de um lado o corpo, doutro lado a alma. O Rio é muito bom, sim, senhores, mas para quem tem flexível a espinha dorsal e o caráter. Preparemos a trouxa!”¹⁸⁷.

Analisando ambas as obras, percebemos que os monarquistas Furtado e João da Mata são personagens medíocres e de caráter duvidoso; enquanto os personagens de caráter íntegro e inteligentes são republicanos – Maria e Evaristo. Nesse sentido, as escolhas, no que diz respeito à elaboração da obra e à criação dos personagens, revelam muito sobre o posicionamento político do autor.

¹⁸⁵ Ibidem. p. 51.

¹⁸⁶ Ibidem. p. 56.

¹⁸⁷ Ibidem. p. 86.

Os Furtado conquistam uma posição invejável no Rio de Janeiro por manterem relações com integrantes da monarquia, o que pode ser entendido como uma associação do regime inadequado (na visão de Caminha) a pessoas sem mérito.

Enquanto *A Normalista* critica veementemente a cidade de Fortaleza, *Tentação* traz referências elogiosas ao Rio de Janeiro, ainda que estas tenham um caráter crítico à medida que Eusébio se decepciona e decide por abandonar a cidade. Pode-se afirmar, portanto, que o retrato de ambas as cidades faz parte das vivências do autor atrelada às suas experiências com as duas localidades. O Rio de Janeiro, de fato, se tornou o centro comercial do Brasil, a capital da República, um lugar que os escritores ganharam espaço entre editores e livreiros, nas palavras de E. Bezerra: “porto da esperança dos homens de letras do seu tempo”¹⁸⁸.

Ainda segundo E. Bezerra, *Tentação* pode ter sido ofuscada pelo fato de a obra ter sido publicada logo após *Bom-Crioulo*, romance que gerou enorme repercussão: “Talvez, por tratar-se de um romance publicado postumamente, ele quase não recebeu a atenção dos críticos”¹⁸⁹. Sobre sua fortuna crítica, o autor afirma ainda que *Tentação* não foi considerada uma obra naturalista, mas realista, diferente daquelas que a antecedem: “[...] Para os críticos literários que dele se ocuparam, *Tentação* é mais uma narrativa ao gosto realista do que propriamente naturalista”¹⁹⁰. Contudo, o autor complementa que, em sua opinião, a obra não se enquadra nem no Realismo nem no Naturalismo: “há nesse romance um conflito interno que não permite que ele seja enquadrado numa ou noutra escola”¹⁹¹. Bezerra considera que *Tentação* seja “um olhar para a vida no Rio de Janeiro”¹⁹² oitocentista, fervilhando em meio a um período de transformações, confrontos e impasses políticos que antecederam a República.

Caminha possuía um olhar atento ao contexto de transição política do país e acreditava, a exemplo de muitos intelectuais de sua geração, na contribuição da ciência, ou de novos parâmetros científicos, para a transformação (a “evolução” e o “progresso”) do país. Tais percepções transpareciam em suas obras e em sua adesão ao movimento literário naturalista, e estão presentes em sua obra mais famosa e de maior repercussão: *Bom Crioulo*, que analisaremos a seguir.

¹⁸⁸ *Ibidem*.

¹⁸⁹ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 21.

¹⁹⁰ *Ibidem*. p. 385.

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² *Ibidem*.

2 *BOM-CRIOULO: UM PERSONAGEM NEGRO E HOMOAFETIVO NA LITERATURA OITOCENTISTA*

2.1 O determinismo do “meio”

A obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, publicada em 1895, tem seu enredo baseado nos encontros e vivências de duas personagens: Amaro, que tem a alcunha de Bom-Crioulo, e Aleixo, ambos marinheiros. O autor não deixa explícito o período histórico em que o romance se passa, porém, é possível identificar elementos que remetem ao contexto anterior à abolição. Sugere, inclusive, o período da Guerra do Paraguai (1864-1870), momento em que o recrutamento de homens de qualquer estrato social era extremamente necessário, permitindo, dessa forma, que um escravo conseguisse se alistar nas Forças Armadas. As informações coletadas durante a leitura levam-nos a esse período específico justamente pelo fato do alistamento de escravos não ser autorizado pelo governo do Império, uma vez que o escravo não alforriado estava sob a posse de seu senhor. No entanto, a linha tênue entre a lei e a necessidade de homens abria brechas no sistema. Álvaro Nascimento afirma que, em princípio, havia três formas de alistar homens para o serviço da Armada: o voluntário, o recrutamento forçado e o alistamento de menores:

Os voluntários para os pontos de marinheiros e soldados eram os que se apresentavam de livre e espontânea vontade às juntas de alistamento [...] No entanto, se a quantidade de voluntários para preencher as lacunas abertas nas fileiras era insuficiente, uma saída que restava aos ministros era caçar recrutas. [...] Uma terceira possibilidade era o alistamento de menores, brasileiros, entre dez e dezessete anos, ou até mais novos que eram entendidos como voluntários, desde que tivessem “suficiente desenvolvimento físico para os exercícios do aprendizado”.¹⁹³

Ao longo do romance de Caminha, é possível identificar o perfil no qual Amaro e Aleixo podem se encaixar em seus alistamentos. Aleixo é narrado como um jovem de apenas quinze anos, ou seja, um menor alistado, “[...] o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos [...]”¹⁹⁴, e também de família pobre: “Era filho de uma pobre família de pescadores que o tinham feito assentar praça em Santa Catarina, e estava se pondo rapazinho”¹⁹⁵. O alistamento de

¹⁹³ NASCIMENTO, Álvaro. *A Ressaca da Marujada*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999, p. 67.

¹⁹⁴ CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Editora Escala, 2010, p. 24.

¹⁹⁵ *Ibidem*.

menores, segundo Nascimento, era a forma que as famílias pobres encontravam para garantir uma ocupação aos menores ou garantir que os mesmos não passassem fome. Além disso, existia uma recompensa financeira para aqueles que entregassem seus filhos de forma voluntária.

Embora uma parte desses menores fosse órfã, havia outra que era enviada pelos pais para adquirir ensino profissional e algumas garantias. As possibilidades de se encontrar uma instituição que mantivesse, educasse e providenciasse ocupação para os menores eram pequenas na maior parte do século XIX. Enviá-los aos artesãos ou às companhias e arsenais representava nas parcas esperanças dos pais, a possibilidade de garantir um ofício para os filhos, além de se tornarem também menos uma boca para alimentar. Esses profissionais e escolas haviam de lhes proporcionar casa, alimento e alguma remuneração. Afora essas garantias, as companhias de aprendizes apresentavam uma saída para os problemas financeiros dos pais, já que havia um “prêmio” de 10\$000:00 para aqueles que entregassem seus filhos voluntariamente, que poderia ser revertido para o jovem aprendiz se assim quisessem os pais tutores. Caso estes voltassem atrás e quisessem ter novamente a guarda do filho, deveriam restituir ao erário público, tostão por tostão, tudo aquilo gasto com o aprendiz no período de internação, somando ao prêmio recebido na ocasião do alistamento.¹⁹⁶

Por sua vez, o ex-escravo Amaro, não possuía legalidade para se encaixar em nenhuma forma de alistamento, contudo, a necessidade de homens levava os oficiais a procurarem nas ruas homens para preencher a corporação, conforme afirma Nascimento: “Para preencher as vagas de soldados no Exército era preciso caçar nas ruas, aceitar escravos, recrutar ‘vagabundos’ que perturbavam o sossego público, os egressos daquela sociedade”¹⁹⁷.

O autor ainda complementa que não foi encontrado um registro sequer de um homem branco rico ou protegido que tenha se alistado por livre e espontânea vontade:

Com certeza, o alistamento militar via recrutamento forçado era uma punição ministrada pelas autoridades civis, que viam em comandantes como Guillobel¹ a possibilidade de corrigir, moralizar mesmo, aqueles que não se enquadravam nos ditames criados na esfera legislativa e executiva do Estado. Portanto servir a uma força armada era sinônimo de estar preso por anos a um rígido regime de disciplina e hierarquia, ordenado, como vimos, através das pancadas de chibata.¹⁹⁸

A trajetória de Amaro se desdobra em três ambientes ao longo do romance: o navio Corveta, no qual o autor inicia a narrativa; a pensão de dona Carolina, localizada na rua da Misericórdia; e o couraçado, para o qual o personagem é transferido posteriormente.

Os seis primeiros capítulos abordam o dia a dia de Bom-Crioulo em um “esquife agourento”¹⁹⁹, o navio Corveta. A primeira apresentação do livro é a do próprio navio, descrito

¹⁹⁶ NASCIMENTO, Álvaro. Op. cit. p. 78.

¹⁹⁷ Ibidem. p. 85.

¹⁹⁸ Ibidem. p. 72.

¹⁹⁹ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 9.

como um “grande morcego apocalíptico”²⁰⁰, pouco parecido com a enorme “garça branca” que fora um dia, marcado pela tristeza e pela nostalgia em alto mar, é nessa atmosfera fúnebre que as sexualidades e os desejos dos protagonistas serão revelados. Ainda no quinto capítulo, Amaro passa por uma mudança de ambientes em alto-mar. Ele é:

[...] surpreendido com a notícia de que estava nomeado para servir noutro navio – um de aço, muito conhecido pelo seu maquinismo complicado e pela sua formidável artilharia; belo conjunto de forças navais, que fazia desse couraçado um dos mais poderosos do mundo.²⁰¹

Transferido para um couraçado, Amaro sai de uma barqueta humilde, caindo aos pedaços, para servir numa embarcação de guerra moderna e luxuosa, “onde o hábito da chibata não está abolido. Pelo contrário, é ainda mais intenso. As duas embarcações dividem o mesmo mar e não se diferenciam quando se trata do batente e das injúrias”²⁰². Amaro lamenta a mudança: “– Por isso é que um marinheiro fica relaxado”, no entanto, “[...] não tinha remédio senão obedecer calado porque marinheiro e negro cativo, afinal de contas, vem a ser a mesma coisa”²⁰³.

A desilusão do personagem em relação ao sistema em que está inserido altera seu comportamento, considerado exemplar assim que ingressa no serviço militar. Caminha não detalha a vida de Amaro antes do alistamento, apenas afirma que “estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio ninguém sabe donde [...] ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e superficial como era a Corte”²⁰⁴.

O único medo de Amaro era regressar à fazenda de onde fugira, voltar ao seio da escravidão. Em sua primeira viagem em alto mar, tomado pela sensação de liberdade, já se sentia verdadeiramente um homem como os outros e esbanjava felicidade, ainda que com saudades e certo pesar pela família e amigos que deixara nos cafezais. Uma das poucas informações sobre seu passado é o nome da mãe: Sabina.

²⁰⁰ Ibidem. p. 9.

²⁰¹ Ibidem. p. 49.

²⁰² SCHIFFNER, Tiago Lopes. *A cicatriz dos pobres e a sorte dos ricos: A representação do trabalho e a mobilidade social em O Cortiço (1890) e em Bom-Crioulo (1895)*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. 2018, p. 103.

²⁰³ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 49.

²⁰⁴ Ibidem, p.18.

Pela alegria e pelo entusiasmo que sentia diante da liberdade recém-conquistada, Amaro se dedicava muito ao serviço e passou a ser conhecido como Bom-Crioulo. O apelido lhe foi atribuído porque o personagem, além de ser um homem forte e grande, comportava-se de forma dócil e obedecia a todas as ordens sem hesitar: “Nunca, durante esse primeiro ano de aprendizagem, merecera a pena de um castigo disciplinar”²⁰⁵.

Para o Bom-Crioulo, os castigos disciplinares aplicados pela Marinha não se comparavam aos castigos na fazenda, ao regimento do tronco e do chicote. “Ali ao menos, na fortaleza, ele tinha sua maca, seu travesseiro, sua roupa limpa e comia bem, a fartar, como qualquer pessoa”²⁰⁶. O Bom-Crioulo é retratado como um homem rude do mar que só ficava irreconhecível quando bebia e adotava comportamento violento e irracional.

A vida do Bom-Crioulo seguia tranquilamente, enquanto o personagem conquistava a afeição dos oficiais, que se agradavam daquela figura “rude como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaré”²⁰⁷. E assim foi ganhando fama em todos os navios: “um pedaço de bruto aquele Bom-Crioulo! Diziam os marinheiros”. Até que, com o passar do tempo, os rumos de Amaro começam a desandar. Bom-Crioulo passou a ser o último a se apresentar, sempre atrasado e com algum obstáculo que o impedia de cumprir suas tarefas. Alguns diziam que o motivo seria a cachaça, outros que ele perdera o interesse no trabalho desde que conheceu Aleixo, o grumete de olhos azuis que terminaria por enlouquecê-lo. Porém, antes de nos concentrarmos nos reais motivos que levaram à mudança de comportamento de Amaro, o narrador nos oferece outra versão da história, sob a perspectiva do próprio personagem:

Contava então cerca de trinta anos e trazia a gola de marinheiro de segunda classe. Por sua vontade não sairia mais barra fora: em dez anos viajar quase o mundo inteiro, arriscando a vida cinquenta vezes, sacrificando-se inutilmente - Afinal a gente aborrece... um pobre marinheiro trabalha como besta, de sol a sol, passa noites acordado, atura desaforo de todo mundo, sem proveito, sem o menor proveito! O verdadeiro é levar a vida ‘na flauta’[...].²⁰⁸

Não fosse pela citação acima, o espaço de tempo de 12 anos, que vai dos 18 aos 30 anos do personagem, ficaria obscuro, visto que o narrador dá a entender que foram anos de trabalho

²⁰⁵ Ibidem. p.20.

²⁰⁶ Ibidem.

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ Ibidem. p. 23.

árido e sem compensações. Amaro percebeu, ao longo dos anos, que o trabalho fora do seio da fazenda também poderia se tornar uma espécie de escravidão. Neste sentido, a alegria pelo alistamento, com o passar dos anos, transforma-se em revolta.

Ao longo do romance, fica claro que o autor não segue uma ordem cronológica no que diz respeito ao desencadeamento dos fatos, ao menos não a princípio. Percebe-se já no primeiro capítulo, uma cena na qual três personagens são castigados: Herculano e Sant’Ana, que se envolveram em uma briga corpo a corpo após Sant’Ana flagrar Herculano “sozinho junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados”²⁰⁹; e Amaro, o Bom-Crioulo, que se envolveu em uma briga com outro marinheiro que maltratara Aleixo. A cena seguinte, em que Amaro é castigado, pode ser lida como um dos momentos mais fortes do livro:

A chibata não lhe fazia mossa; tinha as costas de ferro pra resistir como um Hércules ao pulso do guardião Agostinho. Já nem se lembrava do número das vezes que apanhara de chibata...

– Uma! Cantou a mesma voz. – Duas! ... Três! ...

Bom-Crioulo tinha despido a camisa de algodão, e, nu da cintura pra cima, numa riquíssima exibição de músculos, os seios muito salientes, as espáduas negras reluzentes, um sulco profundo e liso de alto a baixo do dorso, nem sequer gemia, como se estivesse a receber o mais leve dos castigos.

Entretanto já iam cinquenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. Viam-se unicamente naquele costão negro as marcas do junco, umas sobre outras, entrecruzando-se como uma grande teia de aranha, roxas e latejantes, cortando a pele em todos os sentidos.

De repente, porém, Bom-Crioulo teve um estremezimento e soergue um braço: a chibata vibrava em cheio sobre os rins, empolgando o baixo ventre. Fora um golpe medonho, arremessado com uma força extraordinária.

Por sua vez, Agostinho estremeceu, mas estremeceu de gozo ao ver, afinal, triunfar a rijeza de seu pulso.

Marinheiros e oficiais, num silêncio concentrado, alongavam o olhar, cheios de interesse, a cada golpe.

– Cento e cinquenta!²¹⁰

A riqueza de detalhes, a partir da qual se descreve a aplicação do castigo, pode ser atribuída, ao menos em parte, à experiência do próprio autor na Marinha. Adolfo Caminha, com treze anos, foi internado na Escola Naval, em 27 de novembro de 1885. Uma de suas vivências

²⁰⁹ Ibidem. p.14.

²¹⁰ Ibidem.

pode ser identificada no trecho a respeito dos castigos de chibata: “nenhum frêmito de comoção da marinagem, testemunha habitual daquelas cenas que já não logravam produzir efeitos sentimentais, como se fora a reprodução banal de um quadro muito visto”²¹¹. Tal afirmação, também pode ser sustentada pelo artigo “*A Chibata*”²¹², publicado em 1888 pelo autor no jornal *Gazeta de Notícias*, no qual Caminha relata a morte de um marinheiro que sofria de febre amarela, após o castigo de 25 chibatadas e defende, de forma crítica, a necessidade de abolir a chibata da Armada:

Referindo-nos ontem à necessidade de se desterrar para sempre a bárbara prática de supliciar a chibata as praças da armada, recordamos o fato recentíssimo de ter baixado ao hospital um marinheiro, logo após o castigo que sofreu de 25 chibatadas, e de ali ter falecido horas depois, de febre amarela.²¹³

O autor explica em detalhes o que teria ocorrido na corveta *Amazonas*, e culpa as autoridades pelo fato:

Eis o que nos referem as informações: Um marinheiro da corveta *Amazonas*, sentindo-se doente no dia 9 do corrente, recusou-se a efetuar um serviço que lhe fora ordenado a bordo, acusando ao mesmo tempo grandes dores e peso de cabeça, mal-estar geral e prostração de forças.

Viram n’essa recusa ao serviço um simples pretexto, não quiseram prestar crédito às alegações do enfermo, e ele foi posto a ferros por desobediente.

No dia seguinte, dada a parte do ocorrido ao comandante da corveta, este ordenou que fosse castigado o delinquente; e a pena cominada foi logo a máxima permitida pelos regulamentos de marinha: a de 25 chibatadas.

No dia seguinte 11 do corrente, o marinheiro- que havia dois dias se queixava de moléstia- foi submetido no rigoroso castigo, e isso na ausência do médico de bordo. Para a tarde d’esse dia apresentava-se mal, atribuíram esse estado aos efeitos do castigo, e assim ficou ele até o dia 13, dois dias depois, dia que foi examinado pelo médico de bordo e por este enviado para o hospital, onde faleceu 24 horas depois e de febre amarela.

É curta a história, mas é plenamente denunciadora da desídia, senão maldade com que se houvera em relação a misera praça da armada nacional.²¹⁴

O artigo é longo e o autor ocupa praticamente uma lauda do jornal, apontando, após a narrativa diversos erros no procedimento, como a aplicação do castigo na ausência do médico,

²¹¹ Ibidem. p. 17.

²¹² CAMINHA, Adolfo. “A Chibata”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 24 de abril de 1888, p. 1.

²¹³ Ibidem.

²¹⁴ Ibidem.

a imprudência do comandante e do médico de bordo que não constavam a doença imediatamente. Sobre este último, Caminha escreve:

Mas ainda no seu ofício o médico de bordo confessa que reconheceu a espécie mórbida de que se tratava; mas para não alarmar a população de bordo, simulou o atestado, escrevendo na caderneta febre biliosa, o que equivale a uma confissão, e seria, que faltou a verdade, e num caso grave como esse.²¹⁵

Ao final, Caminha aponta sua intenção com a publicação: responsabilizar as autoridades e cobrar ao Ministro da Marinha providências sobre o caso:

Esta simples exposição de fatos basta para evidenciar a culpabilidade das autoridades em relação ao fato. Entretanto, estamos certos de que o Sr. Ministro da Marinha dará as providências que o caso exige, por isso mesmo que já ordenou a mais séria pesquisa, e porque os seus sentimentos, de justiça são para nós e para o público a melhor garantia para casos como este.²¹⁶

O artigo provocou reações por ser assinado por um oficial da Marinha, com a responsabilidade das suas funções e o testemunho de sua patente. No entanto, cabe ressaltar o contexto pelo qual o Brasil estava passando, especialmente na época da publicação do artigo. Na mesma data em que Caminha o publica, 24 de abril de 1888, consta a seguinte mensagem informativa por parte do editorial: “Sua Majestade, d. Pedro II, imperador do Brasil, acaba de partir para Bolonha”²¹⁷. Fato este que levaria a Princesa Isabel a assumir o trono e dias depois assinar a lei de abolição da escravidão. Compreende-se, portanto, que o contexto em que Caminha publicou o texto já se tratava de um período em que os ideais abolicionistas fervilhavam no Brasil, o que, de certa forma, atinge a marinhagem, que tinha seus castigos comparados aos dos escravizados, como a chibatada, por ele mencionada.

Após o castigo de Amaro no primeiro capítulo, no segundo, o narrador observa: “Nunca, durante esse primeiro ano de aprendizagem, merecera a pena de um castigo disciplinar”²¹⁸, o que sugere que Adolfo Caminha abre seu livro com o relato de um castigo não por ordem cronológica, mas por ter a intenção de preparar o leitor para a violência que ainda há de vir. Outro indício da ordem não cronológica é a relação com Aleixo. Enquanto Amaro é castigado, no primeiro capítulo, por defender Aleixo, no segundo, o autor narra como foi o início da relação entre os personagens: “Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ S. M. O Imperador. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, nº 115. 24 de abril de 1888, p. 1.

²¹⁸ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 20.

as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez”²¹⁹. Contudo, o autor não esconde que se tratava de uma relação amorosa, inclusive, destacando a feminilidade de Aleixo e a “atração animal”, entre as personagens:

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexo contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsionam o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um imã.²²⁰

O primeiro diálogo entre Aleixo e Amaro justifica a atitude de Bom-Crioulo em defendê-lo no primeiro capítulo. Amaro promete ao grumete proteção dizendo: “– Pois olhe: eu me chamo Bom-Crioulo, não se esqueça. Quando alguém o provocar, lhe fizer qualquer cousa, estou aqui eu, para o defender, ouviu?”²²¹.

A mudança no comportamento de Amaro, o encontro com Aleixo e o primeiro castigo sofrido pelo personagem ao defendê-lo, se passam no ambiente da corveta, um ambiente fúnebre, marcado pela decadência, pela precariedade e pela violência, retratados desde o início do romance. Trata-se de uma obra Naturalista, que parte de pressupostos segundo os quais o “meio” exerce influência direta ou mesmo determina o comportamento humano. Campedelli afirma que, “para os naturalistas, o homem é um animal cujo destino é determinado pela hereditariedade, pelo efeito de seu ambiente e pelas pressões do momento”²²². Em outras palavras, na concepção naturalista, os personagens estão à mercê das circunstâncias e não de si mesmos, cabendo ao autor desenvolver um ambiente em torno daquilo que os cerca e que justifique seus atos por influência no limite por determinação, do “meio”. Desse modo, a impessoalidade do autor naturalista tem forte relação com a do cientista, afinal, ambos estariam trabalhando com a realidade crua e bruta. Campedelli afirma:

A frieza do narrador em relação às suas personagens responde à exigência do romancista como um observador dos acontecimentos, mero captador da realidade

²¹⁹ Ibidem. p. 24.

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Ibidem.

²²² CAMPEDELLI, Samira Youssef. Uma moderna história sobre a paixão. In: CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série bom livro), p. 3.

circundante. — Qual então o seu papel? — O de registrar tão desapaixonadamente quanto possível essa realidade. E tentar, pretensamente, imitar a impessoalidade de um cientista.²²³

György Lukács, em seu ensaio *Narrar ou Descrever?*, difere o Realismo do Naturalismo como método de escrita, sendo o Realismo marcado pela narração e o Naturalismo pela descrição. O autor chama a atenção para uma percepção acerca dos autores naturalistas que, segundo ele, são “filhos da época em que vivem”. Ele afirma:

Em suas opiniões subjetivas e em seus objetivos como escritores, Flaubert e Zola não são, de modo algum, defensores do capitalismo. Mas são filhos da época em que viveram e, por isso, a sua concepção do mundo sofre constantemente a influência das ideias do tempo. Isso é válido principalmente para Zola, cuja obra foi decisivamente marcada pelos preconceitos banais da sociologia burguesa. Essa é a razão pela qual a vida se desenvolve nele quase sem saltos e articulações, podendo mesmo ser considerada, da sua perspectiva, como socialmente normal. Todos os atos dos homens aparecem como produtos normais do meio social.²²⁴

Com o termo “sociologia burguesa”, Lukács se refere ao Positivismo e ao Darwinismo Social, correntes que influenciaram o Naturalismo, cujos pressupostos, nos marcos do cientificismo oitocentista, colocavam o ser humano não como sujeito da história, mas como objeto das forças da natureza e da influência determinante do “meio” (social e natural).

No Brasil, o “racismo científico”, em voga na Europa da segunda metade dos oitocentos, conforme vimos, foi disseminado, readaptado e reapropriado de diversas maneiras, inclusive, através de romances naturalistas como *O Cortiço* e *Bom-Crioulo*. Intelectuais influentes, a exemplo de Silvio Romero, defendiam o branqueamento da população como medida eficaz contra o atraso econômico e civilizacional. Acreditava-se que uma suposta “evolução racial”, promoveria a “evolução” do capitalismo e a modernização do país.

O trecho a seguir explicita a ideia de hierarquização racial na obra de Caminha. O autor afirma que Amaro, por ser negro, apresentaria uma inclinação “natural” maior às perversões sexuais, algo que se comprovaria, inclusive, através de sua homossexualidade.

Afinal de contas era homem, tinha suas necessidades, como qualquer outro: fizera muito em conservar-se virgem até os trinta anos, passando vergonhas que ninguém acreditava, sendo muitas vezes obrigado a cometer excessos que os médicos proibem. De qualquer modo, estava justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam coisas medonhas no tocante à vida particular. Se os brancos

²²³ Ibidem.

²²⁴ LUKÁCS, György. “Narrar ou descrever?”. In: _____. *Marxismo e teoria da literatura*. 2ª Edição, São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 160.

faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana...²²⁵

A partir do texto, percebemos que homens brancos teriam, de acordo com pressupostos racistas, maior capacidade “natural” de resistir aos impulsos sexuais e os homens negros estariam mais sujeitos à máxima: “a natureza pode mais que a vontade humana”.

Uma mudança significativa de ambientes acontece no quarto capítulo do livro, que se passa quase todo em terra firme, no Rio de Janeiro, quando entra em cena outra personagem importante: dona Carolina, a portuguesa que aluga um quarto para Amaro. Ex-prostituta, com uma história de vida cheia de altos e baixos, dona Carolina alugava seus quartos para “pessoas de ‘certa ordem’, que não se fizesse de muito honrada e de muito boa”²²⁶. Quando era uma jovem moça de vinte anos, se entregou aos luxos que a prostituição lhe trazia, até ficar doente e acabar na miséria. Aos quarenta anos, dona Carolina vivia do aluguel de seus quartos na pensão, que adquiriu com o dinheiro da prostituição, suas despesas eram pagas por seu companheiro, um açougueiro casado, que aparecia uma vez por mês deixando cento e cinquenta mil-réis para o aluguel do sobradinho e a carne que mandava diariamente.

O Cortiço e *Bom-Crioulo*, publicados no intervalo de cinco anos, respectivamente em 1890 e 1895, situam-se justamente no ponto alto do Naturalismo brasileiro. Se compararmos a personagem de dona Carolina, com personagens de *O Cortiço*, notaremos que a ascensão social de Pombinha²²⁷ também é marcada pelos lucros da prostituição. No entanto, a nacionalidade de dona Carolina, portuguesa, se comparada a de João Romão²²⁸, pode refletir um comportamento ambicioso até às últimas consequências. Pois, assim como dona Carolina, João Romão também se desfaz – ainda que por debaixo dos panos – de empecilhos éticos e morais. Enquanto dona Carolina adota a prostituição como forma de enriquecer, a ponto de adquirir sua pensão e dali tirar seu sustento, João Romão esconde seus desvios morais que também o levam a adquirir o cortiço, do qual também tirará seu sustento e riqueza.

²²⁵ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 37.

²²⁶ Ibidem. p. 31.

²²⁷ Pombinha: Moradora do cortiço; moça culta aguardava a primeira menstruação para se casar. Seduzida pela prostituta Léonie, abandona o marido e vai viver com a amante, prostituindo-se também. Da mesma forma que Léonie a toma como afilhada, futuramente Pombinha põe-se a cuidar da filha do português Jerônimo. Ver: AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2ª ed. 2018.

²²⁸ João Romão: português ambicioso, torna-se dono da venda, do cortiço e da pedreira. Explora a amante Bertoleza (escrava que se pensa alforriada, engada por João Romão), mas acaba se casando com Zulmira por motivos financeiros.

A narrativa de Aluísio Azevedo percorre dois ambientes contrastantes: o cortiço São Romão e o sobrado do Miranda. O cortiço é habitado pelas classes mais baixas: operários, imigrantes recém-chegados ao Brasil, lavadeiras – graças à abundância de água e ao espaço para estender as roupas –, prostitutas. No cortiço, são narrados casos de violência, homoafetividade, prostituição e traição, já no sobrado do Miranda, lugar típico da burguesia em ascensão, a vida é sossegada, o tempo é dedicado à cultura e ao lazer²²⁹.

Na obra de Adolfo Caminha, o único ambiente situado em terra firme é a pensão de dona Carolina, descrita pelo autor da seguinte forma:

[...] um sobradinho com persianas, de aspecto antigo, duas varandolas de madeira carcomida no primeiro andar, e lá em cima, no telhado, uma espécie de trapeira sumindo-se, enterrando-se, dependurada quase. Embaixo, na loja, morava uma família de pretos d'Angola; ouvia naquele momento, no escuro interior desse coito africano a vozeria dos negros.²³⁰

Caminha não se refere ao sobrado de dona Carolina como um local repugnante, pelo menos não na mesma intensidade que Aluísio de Azevedo ao descrever o cortiço, a ponto de o local ganhar vida e seus habitantes serem animalizados e comparados às larvas que se desenvolvem em um ambiente imundo e repugnante, “no esterco”: “E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco”²³¹.

Entre os moradores da pensão da rua da Misericórdia estão um casal negro, que surpreende Aleixo e Amaro com sons do “coito africano”, o que remete à promiscuidade, mais uma vez associada à raça, uma ex-prostituta e, agora, um casal homoafetivo.

As habitações coletivas representadas por Azevedo e Caminha são parte da realidade do Rio de Janeiro oitocentista. Sidney Chalhoub, em *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial*, inaugura o primeiro de seus capítulos narrando a destruição dramática do célebre cortiço carioca Cabeça de Porco, em 26 de janeiro de 1893. Utilizando-o como ponto de partida para obter os argumentos que justificariam a derrubada de diversos cortiços cariocas no mesmo período, o Cabeça de Porco foi derrubado sob a presença de um médico e diversos higienistas. Médicos do período estavam convencidos de que as habitações coletivas eram um terreno fértil

²²⁹ CANDIDO, Antonio. A passagem do dois ao três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). In: *Revista de História*. Ano 25, tomo 3, volume 50, n.º 100, São Paulo, out/dez. 1974. p. 791.

²³⁰ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 40.

²³¹ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2ª ed. 2018, p. 16.

para propagação de diversos vícios e doenças, dentre eles as epidemias, conforme a afirmação de Chalhoub: “E houve então um diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para propagação de vícios de todos os tipos”²³².

A associação das classes pobres às “classes viciosas” revela um contexto de transformação das relações de trabalho no final do século XIX, em que a pobreza é associada ao vício da ociosidade e da incapacidade de acumular e poupar. Chalhoub encontra tais termos em debates parlamentares e afirma que:

[...] a principal virtude do bom cidadão é o gosto pelo trabalho e este leva necessariamente ao hábito da poupança, que por sua vez, se reverte em conforto para o cidadão. Dessa forma o indivíduo que não consegue acumular, que vive na pobreza, torna-se imediatamente suspeito de não ser um bom trabalhador. Finalmente, e como o maior vício possível em um ser humano é o não-trabalho, a ociosidade, segue-se que, aos pobres, falta a virtude social mais essencial; em que cidadãos nos quais não abunda a virtude, grassam os vícios, e logo, dada a expressão “classes pobres e viciosas”, vemos que as palavras “pobres” e “viciosas” significam a mesma coisa para os parlamentares.²³³

As classes pobres rapidamente foram associadas às “classes perigosas”, cujos vícios produziriam malfeitores e criminosos, conforme afirma Chalhoub:

[...] os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos. Por conseguinte, conclui decididamente a comissão, “as classes pobres [...] são [as] que se designam mais propriamente sob o título de – classes perigosas.”²³⁴

O autor chama atenção para o fato de que os negros seriam os suspeitos preferenciais na lógica das “classes perigosas”, uma vez que o contexto histórico os colocaria entre as classes ociosas, já que a abolição fora assinada sem respaldos que garantissem trabalho e moradia. Para além disso, estavam em voga as teorias deterministas, que sinalizavam que o negro, ainda que liberto, teria um caráter imutável, ligado a supostos determinantes raciais, conforme afirma Chalhoub: “Os negros se tornaram suspeitos preferenciais também devido àquilo que os ex-senhores e atuais patrões imaginavam ser o caráter dos indivíduos egressos do cativeiro”²³⁵.

²³² CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo. Cia das Letras. 2006. p. 29.

²³³ Ibidem. p.22.

²³⁴ Ibidem.

²³⁵ Ibidem. p. 24.

Os cortiços cariocas estavam diretamente relacionados à luta dos negros contra a escravidão, pois eram por eles habitados até mesmo antes da abolição, quando era possível que vivessem “sobre si”, conforme explica Chalhoub:

[...] o problema do controle social na cidade se agravava pelo fato de os próprios senhores frequentemente autorizarem que seus cativos vivessem “sobre si”. Na verdade, obter permissão “para viver sobre si” era algo pelo qual os escravos da Corte se empenhavam bastante. Viver longe da casa do senhor era uma maneira de adquirir maior autonomia nas atividades produtivas e representava ainda a possibilidade de levar uma vida praticamente indiferençável em reação à população livre da cidade. Para os senhores, este tipo de arranjo era muitas vezes vantajoso, pois permitia arrancar jornais mais elevados aos cativos, além de desobrigá-los das despesas com o sustento dos negros. Para os escravos, a maior autonomia de movimento tinha ainda a vantagem adicional de facilitar jornadas extras de trabalho com o objetivo de amealhar dinheiro suficiente para comprar sua liberdade aos senhores. ²³⁶

As habitações coletivas passaram a evidenciar, nas últimas décadas da escravidão, alternativas viáveis de moradia, por seu baixo custo e acessibilidade, de modo que os cortiços chegaram a ser um possível refúgio em caso de fuga, conforme afirma Chalhoub:

São vários os exemplos de escravos que moravam em cortiços, ou que tinham suas amásias morando em cortiços; além disso, encontram-se famílias de ex-escravos que conseguiam se reunir e passar a morar juntos em habitações coletivas após a liberdade. Com frequência, era nestas habitações que os escravos iam encontrar auxílios e solidariedades diversas para realizar o sonho de comprar a alforria a seus senhores; e, é claro, misturar-se à população variada de um cortiço podia ser um ótimo esconderijo, caso houvesse a opção de fuga. ²³⁷

O fato das classes pobres do Rio de Janeiro habitarem os cortiços justifica a afirmativa de dona Carolina em não se importar com a cor ou a profissão de seus inquilinos: “Não fazia questão de cor e tampouco se importava com classe ou profissão do sujeito”. É nesse ambiente acolhedor, tanto às classes de Amaro e Aleixo, quanto à cor de Amaro, que um relacionamento harmonioso se constrói: “Ele (Aleixo), d. Carolina e Bom-Crioulo eram como uma pequena família, não tinham segredos entre si, estimavam-se mutuamente”²³⁸. Até que Amaro é transferido para um navio, um couraçado, onde há “um horror de trabalho” ²³⁹ e sente profunda revolta contra seus superiores. O motivo da revolta de Amaro diz respeito ao tempo que passará longe de Aleixo. O pequeno quarto na rua da Misericórdia era o espaço onde a relação entre

²³⁶ Ibidem. p. 27.

²³⁷ Ibidem. p. 28.

²³⁸ CAMINHA, Adolfo. Op. cit., p. 47.

²³⁹ Ibidem. p. 57.

Amaro e Aleixo poderia ocorrer com mais tranquilidade, longe da vigilância do código da Marinha: “Não sonhava melhor vida, conchego mais ideal: o mundo para ele resumia-se agora naquilo: um quartinho pegado às telhas, o Aleixo e... nada mais! Enquanto Deus lhe conservasse o juízo e a saúde, não desejava outra coisa”²⁴⁰.

Contudo, enquanto Amaro se mantém cada vez mais afastado da pensão, dona Carolina empenha-se em conquistar Aleixo:

Começou a fazer-se muito meiga para o rapazinho, guardando-lhe doces, guloseimas, passando a ferro ela própria, seus lenços, gabando-se na presença de estranhos, fingindo-se distraída quando queria mostrar-lhe a exuberância de suas carnes – perna braço ou seios...²⁴¹

Na obra, percebemos a negação dos sentimentos de Aleixo que, em um primeiro momento, não aceita a atração que sente pela portuguesa, porém, ao perceber dona Carolina através de uma porta entreaberta, “o grumete voltou o rosto depressa, todo cheio de respeito, como se aquilo fosse uma profanação”²⁴² e, em seguida, revela-se: “[...] ao lembrar-se do caso, tinha sempre uns arrepios voluptuosos, não podia evitar certa quebreira, certo desfalecimento acompanhado de ereção nervosa”²⁴³.

A relação se concretiza a partir da iniciativa de dona Carolina que convida Aleixo para seu quarto, “mais fresco”²⁴⁴, diante do calor excessivo do Rio de Janeiro e o convida para dormir, após admitir estar apaixonada:

-Pois é isto minha flor: o que tinha a dizer é que estou apaixonada por ti!

-Ora! ...

-Estou falando sério; não vais dizer a Bom-Crioulo que eu lhe quero tomar o amigo... Olha que o negro é capaz de estrangular-me...²⁴⁵

O diálogo entre os personagens chama atenção para dois fatores importantes: a feminilidade de Aleixo, que permanece registrada, mesmo nos quadros de uma relação heterossexual, quando dona Carolina se refere a ele como “flor”; e o receio que dona Carolina

²⁴⁰ Ibidem. p. 54.

²⁴¹ Ibidem. p. 53.

²⁴² Ibidem. p. 54.

²⁴³ Ibidem.

²⁴⁴ Ibidem.

²⁴⁵ Ibidem. p. 55.

quanto à reação de Amaro caso descubra a relação que está prestes a se formar, já indicando ao leitor sua face violenta.

A feminilidade de Aleixo já havia sido observada por dona Carolina, quando fez referência ao processo de puberdade pelo qual Aleixo passava, mas não com traços masculinos e sim do sexo oposto:

Achava uma graça infinita naquele pedacinho de homem vestido de marinheiro, alvo e louro, sempre muito bem penteado, o cabelo sedoso, os borzeguins lustrosos, todo ele cheirando a essência, como uma rapariga que se vai fazendo mulher...²⁴⁶

Por outro lado, Aleixo também não concebe a figura da portuguesa como totalmente feminina, ao se entregar a ela em um ato sexual, o narrador escreve: “Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente como um animal”²⁴⁷. Em outra cena, já no capítulo oito, é revelado ao leitor que os encontros de dona Carolina e Aleixo se faziam frequentes na ausência de Amaro; dona Carolina toma a atitude de despi-lo e ainda supõe que uma de suas ânsias seria confirmar as formas femininas do corpo de Aleixo, que Amaro já havia mencionado: “Quis ela mesma despir o rapaz, tirar-lhe a camisa de meia, tirar-lhe as calças, pô-lo nu a seus olhos. Bom-Crioulo já lhe havia dito que Aleixo tinha formas de mulher”²⁴⁸.

A relação que se constrói entre dona Carolina e Aleixo é satisfatória para ambos, pois a portuguesa tem no jovem um objeto de prazer e Aleixo demonstra gostar da experiência que vem tendo com dona Carolina, sentindo desejo por ela a ponto de prometer nunca mais abandoná-la. Caminha esclarece os sentimentos das personagens no trecho a seguir:

Aleixo remoçava-a como um elixir estranho, milagrosamente afrodisíaco. Sentia-se outra depois que se metera com o pequerrucho: retesavam-se-lhe os nervos, abria-se-lhe o apetite, entrava-lhe na alma uma extraordinária alegria de noiva em plena lua-de-mel, toda ela vibrava numa festiva exuberância de vida, numa eclosão torrencial de felicidade o corpo leve, o espírito calmo... Aleixo pertencia-lhe, enfim; era seu, completamente seu; ela o tinha agora preso como um belo pássaro que se deixasse engaiolar; tinha-lhe ensinado segredinho de amor, e ele gostara imenso, e jurara nunca mais abandoná-la, nunca mais! O grumete, por sua vez, experimentava o que experimentaria qualquer adolescente uma tendência fatal para a portuguesa, um forte desejo de possuí-la sempre, sempre, a toda hora,

²⁴⁶ Ibidem. p. 47.

²⁴⁷ Ibidem. p. 56.

²⁴⁸ Ibidem. p. 70.

uma vontade irresistível de mordê-la, de cheira-la, de palpa-la num frenesi de gozo, num grande ímpeto selvagem de novilho insaciável.²⁴⁹

Diante da relação com dona Carolina, a figura de Amaro assombrava Aleixo, que “desejava odiá-lo sinceramente, positivamente, esquecê-lo para sempre, varrê-lo da imaginação como a um pensamento mau, como a uma obsessão insólita e enervante; mas, debalde!”²⁵⁰. Enquanto isso, Amaro encontra-se no couraçado, local onde os avanços tecnológicos contrastam com a decadência da antiga embarcação onde servira. Assim que é enviado para o novo navio, uma fala de Aleixo reflete bem o sentimento de frustração de Bom-Crioulo diante da mudança:

- Oh! Bom-Crioulo não tinha ido à terra, como prometera. - Exigências do serviço, pensou. No couraçado a disciplina era outra; o imediato, homem feroz, só falava de chibata e golilha. Estava muito satisfeito na sua corveta assim mesmo velha e triste...²⁵¹.

Tanto na corveta quanto no couraçado, os castigos corporais estavam presentes e apenas alguns aspectos diferenciavam os ambientes. O couraçado, por exemplo, é marcado pela assistência médica e certa liberdade ao marinheiro, que pode retornar à terra. No entanto, a liberdade é ilusória, pois Amaro relata que o excesso de trabalho o impede de sair do navio:

Bom-Crioulo não estava satisfeito no couraçado, naquela formidável prisão de aço, que lhe consumia o tempo, e cuja disciplina – um horror de trabalho – privava-o de ir à terra hoje sim, amanhã não, como nos outros navios. Ah! Mil vezes a corveta. Mil vezes! Ao menos tinha-se liberdade.²⁵²

Amaro, insatisfeito no couraçado, sonha desertar e fugir com o amante e acaba se aproveitando de um expediente para rever Aleixo: oferece-se para remar no escaler que fará compras e, ao desembarcar, alegando uma desculpa, foge até ao quartinho da rua da Misericórdia. Logo que chega, em uma manhã de domingo, vai até o quarto e não encontra o companheiro, a cena narrada chama atenção por dois detalhes que Adolfo Caminha acrescenta ao episódio: O som dos “Sinos de Corneville” e o “Retrato do Imperador”:

Nesse instante o carrilhão de S. José começou a bimbalar os “Sinos de Corneville”, enchendo o espaço de uma alacridade sonora e festiva que multiplicava-se em notas de uma limpidez offebachiana, como se fosse um

²⁴⁹ Ibidem. p. 71.

²⁵⁰ Ibidem. p. 72.

²⁵¹ Ibidem. p. 50.

²⁵² Ibidem. p. 57.

maravilhoso instrumento de cristal suspenso nos ares... Instintivamente o marinheiro cantarolou o velho trecho da opereta:

Dlingo, dlingo, dlingo,

Dlingo, dlingo, dlão!

No fundo estava alegre, sentia-se humorado, com ímpetos de criança brejeira, como um pássaro solto... Estranhava-se até! Há muito não amanhecia tão bem-disposto...

O retrato do imperador sorria-lhe meigo, com a sua barba de patriarca indulgente. Era o seu homem. Diziam mal dele os tais “republicanos”, porque o velho tinha sentimentos e gostava do povo.²⁵³

*Os Sinos de Corneville*²⁵⁴ conta uma história ambientada na virada do século XVIII, que retrata o retorno de um aristocrata exilado ao seu castelo ancestral e as tramas do mordomo para garantir a fortuna da família para si. Não por coincidência, na mesma cena, Adolfo Caminha apresenta o retrato do imperador, que pode ser lido como uma imagem ainda idealizada pelo personagem negro.

Como vimos, Adolfo Caminha era um republicano e abolicionista assumido, conforme afirma Sânzio de Azevedo:

Abraçando o Naturalismo, encontrou o escritor cearense a estética ideal para seu temperamento combativo. É, aliás, conhecido o episódio no qual, ainda aluno da Escola de Marinha, em 1885, numa homenagem póstuma a Victor Hugo, Caminha fez um discurso republicano na presença do Imperador.²⁵⁵

O posicionamento político combativo de Adolfo Caminha e sua filiação ao Naturalismo inscrevem-se no contexto histórico do Brasil, especialmente a partir de 1870, quando o cientificismo europeu foi adotado pelos intelectuais brasileiros como a-chave para o progresso. Uma série de acontecimentos percorria o país desde a metade do século XIX, o que abriu espaço para que as teorias europeias avançassem em solo brasileiro.

O posicionamento de Adolfo Caminha, que durante o período monárquico era republicano e progressista, passa por uma série de mudanças de acordo com o cenário político que se desenvolveu ao longo dos anos posteriores. O ideal de uma república pautada em ideias

²⁵³ Ibidem. p. 59.

²⁵⁴ *Les cloches de Corneville* (*Os Sinos de Corneville* , às vezes conhecido em Inglês como *The Chimes da Normandia*) é uma ópera-cômica em três atos, composta por Robert Planquette a um libreto de Louis Clairville e Charles Gabet. A ópera foi apresentada pela primeira vez no Fantaisies-Parisiennes em 4 de dezembro de 1872.

²⁵⁵ AZEVEDO, Sânzio. Adolfo Caminha e o Naturalismo. *Revista O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 14, 2007, p. 86.

modernas e científicas representaria a oportunidade de um sistema político de maior representação. No entanto, a república que se instaurou em 1889 pouco se parecia com a idealizada pelos “homens de letras”, inclusive por Adolfo Caminha. Para Costa Filho:

Este ideal democrático, como representação direta do poder da ciência e resultado da modernidade-progresso que motivou o engajamento dos “homens de letras” e de “ciência” em nome da tão festejada “civilização”, tempos depois seria denunciado por alguns homens que tanto se embrenharam nas leituras pelos ideais modernos como Caminha, José Carlos Júnior e outros, ao afirmarem que “esta não era a república de nossos sonhos”.²⁵⁶

A mudança na postura de Amaro em *Bom-Crioulo* pode ter uma relação direta com os sentimentos do próprio autor, uma vez que a vida de Amaro na antiga corveta, velha e suja, faria uma referência direta à Monarquia, enquanto o couraçado novo e moderno estaria relacionado à República. A decepção com a República (couraçado) pode ser fruto do que aborda Nicolau Sevcenko em *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*: a decepção de parte dos escritores em finais do século XIX. Esses escritores, engajados em um processo de transformação social, fomentado por um fluxo europeu de modernização, “capaz de abrir um mundo liberal, democrático, progressista, abundante e de perspectivas ilimitadas como ele se prometia”²⁵⁷, na realidade, veem uma abolição em que o negro continuaria às margens da sociedade e a república seria dominada pelos setores militares.

Adolfo Caminha atuou para o fim da Monarquia como um dos membros do Clube Republicano do Ceará desde o princípio²⁵⁸, conforme informa Bezerra. Contudo, em uma de suas Cartas Literárias, fez críticas diretas ao governo de Floriano Peixoto no contexto da Revolta da Armada em 1893:

Senhor Redator: – No atual momento da vida brasileira parecerá um despropósito ventilar questões que não digam direta ou indiretamente com a política militante, larga demais, extraordinariamente bojuda para conter grande número de sectários de todos os partidos; e o assunto desta carta funde-se todo na obra que, sem estardalhaço nem exageradas pretensões, acabo de publicar: a Normalista. Muito embora o verdadeiro artista ou homem de letras, vivendo, por força de sua índole, uma vida puramente subjetiva de reflexão e estudo, lamenta de si para si, no silêncio de seu gabinete, as grandes comoções intestinas como esta que o Brasil experimenta há dois meses, sem, contudo, irromper o fio de suas ideias, nem alterar o seu *modus vivendi*, imiscuindo-se noutra gênero de especulações contrárias à sua vocação. Isso não é ser indiferente às dores da pátria – é ser coerente com os seus princípios e subordinado à sua índole de artista. Agora mesmo, quando vou traçando estas linhas, ouço bombardeio, tiros surdos ao longe,

²⁵⁶ COSTA FILHO, Cícero João da. Op. Cit. p. 121.

²⁵⁷ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. p. 81.

²⁵⁸ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 207.

mas nem por isso abandono a ideia fixa em meu cérebro de continuar a escrever, porque o contrário seria perder o momento psicológico, a ocasião precisa e inadiável, em que o espírito, obedecendo a um impulso natural e irresistível, forte como o que impele o criminoso para o crime, reclama imperiosamente a transmissão do pensamento para o papel. Ninguém tem o poder de pensar, a um certo momento de sua vida, uma coisa diferente daquela que efetivamente pensa. – É o Sr. Ramalho Ortigão quem o afirma. E, de fato, como hei de eu dar atenção ao bombardeio que lá vai troando na baía, se o meu espírito está completamente absorvido, absolutamente dominado pela ideia de fazer literatura?²⁵⁹

Voltando ao *Bom-Crioulo*, Amaro, em sua aventura como fugitivo, na ânsia de encontrar Aleixo, se depara com dona Carolina. O diálogo entre os personagens chama atenção para mudança acerca da percepção de Amaro sobre o serviço militar. O jovem ex-escravo, que ingressa na Marinha e a adota como um lugar de liberdade, aos poucos percebe que continua sendo escravizado. Revoltado, Amaro deixa de ser, ao longo da história, o que se espera de um negro do século XIX: submisso. Dona Carolina diz: “– Que loucura, filho! São capazes de mandar-te prender” e Bom-Crioulo responde: “– que os pariu. Não sou escravo de ninguém. Fujo quantas vezes quiser ninguém me proíbe [...]”²⁶⁰.

Amaro percebe a desordem e a mudança no ambiente da pensão e desconfia de que algo estranho esteja acontecendo. Aleixo não estava e dona Carolina mente, dizendo que o moço quase não vinha aparecendo. Amaro, desiludido com a ausência de Aleixo, seja por desconfiar de algo, seja por frustração em não o ver, pensa que precisa tomar decisões:

E o negro ficou pensando no grumete, sentado à mesa, de crista caída, esgravatando maquinalmente a unha com um fósforo. Aquilo não ia bem... precisava tomar uma resolução: abandonar o Aleixo, acabar de uma vez, meter-se a bordo, ou então amigar-se aí com uma rapariga de sua cor e viver tranquilo. Estava emagrecendo à toa, não comia, não tinha descanso, em termos de adoecer, de apanhar uma moléstia, por causa do senhor Aleixo. Se ao menos pudesse vê-lo todos os dias, como na corveta...; mas assim, longe um do outro? Não valia a pena, era cair no desfrute...²⁶¹

Desnortado em seus pensamentos, Amaro sai para comer e termina por arrumar confusão. Bêbado, entra em uma briga e termina “agarrado, preso como um animal feroz!” por oficiais da própria Marinha.²⁶² Levado ao navio, é chicoteado e, em seguida, levado para dormir em uma “sepultura de ferro, espécie de jaula sem luz onde só cabia um homem. Trancado ali

²⁵⁹ CAMINHA. Adolfo. *Cartas literárias*. 2. ed. Fortaleza. UFC Edições, 1999. p. 63.

²⁶⁰ Idem. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ed. Escala, 2010. p. 60.

²⁶¹ Ibidem. 61.

²⁶² Ibidem. p. 65.

dentro imóvel, porque os pés e as mãos estavam presos”²⁶³, Amaro se fazia resistente às chibatadas, assim como no castigo relatado no primeiro capítulo da obra:

E como da outra vez, Bom-Crioulo emudeceu profundamente sob os golpes da chibata. Apanhou calado, retorcendo-se a cada golpe na dor imensa que o cortava d’alto a baixo, como se todo ele fosse uma grande chaga aberta, viva e cruenta [...] ²⁶⁴

O castigo foi tão brutal que Amaro foi encaminhado para o hospital fora do navio. A narrativa leva o leitor a uma percepção acerca dos castigos na Marinha, incluindo a postura do comandante e do médico:

A última chibatada, Bom-Crioulo rolou e caiu em cheio sobre o convés porejando sangue. Ah! Mas não havia no seu dorso uma nesga de pele que não fosse atingida pelo vime. Caiu fatalmente, quando já não lhe restava a menor energia no organismo, quando se tornara desumano o castigo e a dor sobrepujara a vontade.

Só então apareceu o médico, trêmulo e nervoso, dizendo que “não era nada, que não era nada”; que trouxessem o vidrinho de éter e água, um pouco d’água...

O comandante aproximou-se também, mas retirou-se logo com o seu desdenhoso aspecto de fofa nobreza: Não se iludam, não se iludam!

E daí a pouco largava um escaler sem flâmula, conduzindo o marinheiro para o hospital. Fica-te malvado, fica-te! Exclamou Bom-Crioulo, voltando-se para o couraçado, em caminho: Fica-te! ²⁶⁵

O hospital é um cenário infausto: “– Aquilo não era hospital, aquilo era um inferno!”²⁶⁶, sobretudo, porque ele estava distante do grumete. O hospital como espaço de isolamento é assim descrito:

As janelas da enfermaria davam para o mar, ficavam defronte dos Órgãos, abriam para o fundo melancólico da baía. Na sala umas dez camas de ferro, colocadas em ordem, simetricamente imobilizavam-se com os seus cobertores de lã vermelha dobrados a meio e pondo uma nota viva de sangue na brancura dos lençóis. Aí como em todos os alojamentos do hospital, predominava um cheiro erradio de desinfetantes, o vago odor característico das casas de saúde e de necrotérios, insuportável, às vezes, como uma exalação de sepultura aberta. ²⁶⁷

²⁶³ Ibidem. p. 66.

²⁶⁴ Ibidem. p. 67 et. seq.

²⁶⁵ Ibidem. p. 68.

²⁶⁶ Ibidem. p. 75.

²⁶⁷ Ibidem. p. 75.

A presença do médico aponta um aspecto de evolução, que difere a corveta do couraçado. No primeiro capítulo, na narração do castigo de Amaro, ele está junto de outros dois marinheiros: Herculano e Sant’Ana, que, como vimos, se envolveram em uma briga corpo a corpo após Sant’Ana flagrar Herculano “sozinho junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados”²⁶⁸. Herculano tem sua prática condenada uma vez que, para os médicos do período, o ato era considerado escuso, uma perversão sexual. A descrição inicial do personagem revela um homem debilitado, provavelmente, como forma de associá-lo à prática da masturbação, o que Caminha afirma ser uma “precoce morbidez sintomática”:

Sabe por que vai ser castigado? O grumete, sem levantar a cabeça, murmurou afirmativamente: que sim, senhor... Chamava-se Herculano e no seu rosto imberbe de adolescente havia uns longes de melancolia serena, assim como uma precoce morbidez sintomática... um secreto arrendimento.²⁶⁹

Herculano tinha uns modos esquisitos de viver sempre retraído, pelos cantos, evitando a companhia dos outros, fazendo seu serviço calado, não se envolvendo em sambas à noite na proa. Tímido e esquivo, cada vez mais pálido, o olhar morto com uma pronunciada auréola de bistro, a voz cansada, caindo de fraqueza, - tinham lhe dado o apelido ridículo de *Pinga*...²⁷⁰

Pinga, apelido dado a Herculano, faz referência às pessoas que levavam o caixão dos pobres no século XIX, segundo o *Dicionário da Língua Brasileira* de 1832²⁷¹, ou seja, um homem com poucos atributos, o que concorda com a descrição feita pelo autor. No entanto, ao final do livro, Herculano reaparece completamente modificado:

Herculano estava mudado, já não era o mesmo *Pinga* retraído e esquivo, com olheiras, falando pausadamente. Estava outro, admiravelmente outro. O Herculano - gordo, rosado, o olhar vivo e brilhante, sem melancolia, nem sombra alguma de tristeza. Perdera a antiga palidez que lhe dava um arzinho pulha de coisa à-toa, falava desempenado, alto, e ria, como uma criança, por ninharias.²⁷²

De acordo com Robert Howes, apesar de Herculano ser caracterizado com os “sintomas enfermigos clássicos do masturbador”, essas atividades não o condenam a um “declínio irremediável”, como era defendido pelos médicos contemporâneos. O autor cita o trabalho do

²⁶⁸ Ibidem. p. 14.

²⁶⁹ Ibidem. p. 12.

²⁷⁰ Ibidem. p. 14.

²⁷¹ PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da Língua Brasileira*, Ouro Preto, 1832, s.p.

²⁷² Ibidem. p. 88.

zoólogo Lamarck e a obra de Morel, *Traité des dégénérescences*, de 1857, que argumentam sobre a teoria da degeneração, na qual os organismos estariam sendo influenciados por fatores externos nocivos e destrutivos em longo prazo. Segundo Howes, “a teoria aceitava fatores tanto ambientais como biológicos e era suficientemente flexível para suprir uma explicação para uma grande variedade de fenômenos sociais, tais quais crimes e comportamento anti-social”²⁷³. Ou seja, ainda que Caminha estivesse ciente das teorias científicas que emanavam da Europa, respeitando-as, inclusive com sua reverência por Zola, ele as limitava ao menos em um aspecto: a masturbação. Howes afirma:

[...] há nisso uma negação implícita do determinismo biológico, mostrando que Caminha, embora aceitasse alguns aspectos do pensamento científico contemporâneo, rejeitava as mais extremas e pessimistas conclusões associadas com a teoria da degeneração.²⁷⁴

O terceiro personagem a ser castigado é Amaro que, como já mencionado, se envolve em uma briga ao defender Aleixo. No capítulo, o guardião Agostinho também é apresentado: “Junto aos presos equilibrava-se um homem de grande estatura, largo e reforçado, tipo de caboclo nascido no Amazonas, trajando fardeta e boné e segurando com ambas as mãos, sobre o joelho em descanso, o instrumento de castigo”²⁷⁵. Agostinho é um caboclo responsável pelas chibatadas, que acredita ser o castigo físico a única forma de disciplina possível dentro do navio. “E tinha sempre esta frase na ponta da língua: - Navio de guerra sem chibata é pior que escuna mercante...”²⁷⁶. Os companheiros evitavam sua presença e zombavam dele às escondidas: “o burro do Agostinho, que nem ao menos tinha jeito para capitão de proa...”²⁷⁷. Para Tiago Schiffner, Agostinho é a síntese da satisfação perante a dor alheia, e do oprimido que se compraz em reproduzir a violência do opressor:

Agostinho é a síntese do sadismo brasileiro que é internalizado e não se restringe à classe dominante. Os pobres assumem os sentimentos e hábitos nefastos a que são submetidos e os reproduzem. A questão aqui é que Agostinho ganha algum dinheiro para isso. Sente-se bem e é recompensado com o mal que inflige ao outro, reafirmando o exercício da agressão como uma forma de nivelar por cima.²⁷⁸

²⁷³ HOWES, Robert. Op. Cit. p. 182.

²⁷⁴ Ibidem. p. 186.

²⁷⁵ CAMINHA Adolfo. Op. Cit. p. 13.

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ Ibidem. p. 13.

²⁷⁸ SCHIFFNER, Tiago Lopes. Op. Cit. p. 111.

O tenente da corveta é descrito como “um oficial distinto, moço, moreno, os olhos vivos e inteligentes, grande calculista, um homem metódico, que não deixava de permanecer no navio mesmo nos dias de folga, para não perder o hábito, um sujeito que ninguém a bordo desafiava. Já o chefe do couraçado, possui uma “bela estampa de militar fidalgo, irrepreensível e caprichoso”²⁷⁹, mas por quem Amaro tem antipatia e acredita ser perseguido: “– Esse homem nasceu para me fazer mal pensava o negro supersticiosamente”. Com tal perseguição, Caminha dá a entender uma relação com a sexualidade do próprio comandante. Sobre ele, o autor diz:

Uma lenda obscura e vaga levantara-se em torno do seu nome, transformando-o numa espécie de Gilles de Rais²⁸⁰ menos pavoroso que o da crônica, cheio de indiferença pelo sexo feminino, e cujo ideal genésico ele ia rebuscar na própria adolescência masculina, entre os de sua classe ²⁸¹

Já a percepção de Bom-Crioulo sobre o comandante é narrada da seguinte forma:

Bom-Crioulo, porém, nunca o estimara verdadeiramente: olhava-o com certa desconfiança, não podia se acostumar àquela voz untuosa, àquele derretido aspecto protetoral que ele sabia fingir nos momentos de bom humor. Evitava-o como se evita um inimigo irreconciliável. Por quê? Ele próprio, Bom-Crioulo, ignorava. Repugnância instintiva, natural antipatia, forças opostas que se repelem...²⁸²

É no mundo urbano, mais especificamente no sobrado da rua da Misericórdia, o contraponto entre o autoritarismo e a dura disciplina das embarcações. Schiffner afirma que o “descompasso entre a rigidez e o isolamento do barco e a liberdade e amplidão urbana do Rio de Janeiro, é um dos antagonistas centrais no livro de Adolfo Caminha”²⁸³. E é justamente nesse ambiente, que um dia fora tão apreciado por Bom-Crioulo, que o grumete e dona Carolina vivem um romance às escondidas dentro da pensão, com cautela e receio de que Amaro chegasse e os apanhasse em flagrante.

Alimentando um terrível ciúme durante o período de internação, além da angústia por se sentir preso, Amaro decide mandar um bilhete a Aleixo pedindo que vá visitá-lo no hospital. Quem recebe o bilhete é dona Carolina, que o lê e afirma: “negro é raça do diabo, raça maldita,

²⁷⁹ Ibidem. p. 66.

²⁸⁰ Gilles de Rais foi um cavaleiro e senhor da Bretanha, líder do exército francês e um companheiro de armas de Joana d'Arc. Ele é mais conhecido por sua reputação posterior: um serial killer confesso de crianças.

²⁸¹ CAMINHA Adolfo. Op. cit. p. 66.

²⁸² Ibidem.

²⁸³ SCHIFFNER, Tiago Lopes. Op. Cit. p. 12.

que não sabe perdoar, que não sabe esquecer... Aleixo bem conhece o gênio de Bom-Crioulo. De resto o caso do bilhete era uma tolice em que ninguém devia pensar: - Coisas de negro...”²⁸⁴. Recomenda, então, a Aleixo que não vá visitar Amaro: “Jesus que asneira”. Isso era o mesmo que uma pessoa se atirar do Corcovado. Não, nunca!”²⁸⁵.

O termo empregado por dona Carolina “coisas de negro”, referindo-se a Amaro, reflete a questão racial profundamente ligada à ideia de superioridade da raça branca, cara ao evolucionismo e ao darwinismo social, por exemplo. “Coisas de negro”, no sentido empregado, está diretamente ligado à “tolice”, ou seja, à falta de raciocínio, ao não pensar de maneira clara ou “civilizada”, supostamente, pelo fato de ser negro. Jean-Yves Mérian conclui: “Afim os escritores procuravam, no fim do século XIX, ilustrar no campo cultural, as teorias levadas da Europa sobre a superioridade dos brancos em relação a todos os aspectos da civilização e da cultura”²⁸⁶.

Com o quadro de saúde se agravando e um sentimento de desespero incontrolável para se libertar do hospital, Amaro recebe notícias por Herculano, o mesmo marinheiro que fora apresentado recebendo os castigos de chibatadas com Amaro, de que Aleixo estaria amigado com uma rapariga. O Bom-Crioulo começa a planejar uma fuga à procura do amante. “Só uma ideia conservava-se firme e clara em seu espírito: fugir, fugir o quanto antes, não esperar mais nem um segundo, romper os diques de seu isolamento e amanhecer na rua, no meio da cidade, longe do hospital, ‘desse hospital de merda’”²⁸⁷.

No último capítulo, finalmente, ao conseguir executar a fuga, Amaro vai até o sobrado à procura de Aleixo e confirma toda a história com um empregado da padaria vizinha. Nesse momento, Aleixo sai do sobrado e Bom-Crioulo vai ao seu encontro, os dois discutem e Amaro o acusa de traição, demonstrando seu ciúme violentamente. Forma-se um círculo de curiosos, que observam o desenrolar da situação. Dona Carolina chegando à janela por causa do barulho, logo viu o grumete ensanguentado: “uma nuvem escureceu-lhe a vista, correu um frio pelo corpo, e toda ela tremia horrorizada”²⁸⁸. A multidão de pessoas causa um tremendo alvoroço e

²⁸⁴ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 83.

²⁸⁵ Ibidem. p. 85.

²⁸⁶ MÉRIAN, Jean-Yven. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. *Revista Navegações*. Porto Alegre, mar. v.1 n.1, 2008. p. 52.

²⁸⁷ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 91.

²⁸⁸ Ibidem. p. 98.

de repente algo extraordinário acontece, fazendo com que as pessoas abrissem caminho: “Aleixo passava nos braços de dois marinheiros, levado como um fardo, o corpo mole, a cabeça pendida para trás, roxo, os olhos imóveis, a boca entreaberta”²⁸⁹.

[...] o negro que lá ia, rua abaixo e desolado, entre baionetas à luz quente da manhã; todos, porém, queriam ver o cadáver, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga... Mas um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi se espalhando, se espalhando até cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém.²⁹⁰

No final trágico da obra, fica evidente que, ao decorrer da narrativa, há uma clara mudança nas relações e nos comportamentos de Bom-Crioulo, por influência do “meio”. O meio representa uma força destrutiva no romance, seja ele um navio corveta, um couraçado ou uma pensão popular. Caminha retrata a pobreza social e moral dos ambientes, que interfeririam diretamente sobre o comportamento, as escolhas e as trajetórias dos personagens.

No navio corveta, o “grande morcego apocalíptico”, a relação homoafetiva entre Amaro e Aleixo se constrói, em um ambiente masculino, apontado por médicos do período como propício ao desenvolvimento da promiscuidade entre homens confinados nas embarcações. A homossexualidade era tratada como doença, justificada pelo meio degradado que inclinaria o sujeito às práticas homossexuais, como seria o caso dos navios, segundo o médico e escritor Pires de Almeida. No início do século XX, Pires de Almeida afirmou: “[...] os navios, sobretudo os da marinha de guerra: viagens longas que subtraem por muito tempo os navegantes à convivência das mulheres, obrigando-os a se entregar aos desvarios do amor sexual”²⁹¹.

O segundo espaço/meio representado na obra de Caminha, agora em terra, é a pensão, moradia coletiva popular que reflete a pobreza e a marginalização das classes pobres cariocas, o que anos depois justificaria diversas demolições pela cidade do Rio de Janeiro. Na pensão de dona Carolina, cujos quartos são alugados somente a “gente que não se fizesse de muito honrada e de muito boa”²⁹², o romance de Amaro e Aleixo se desfaz, dando lugar à traição.

Por último, o couraçado para o qual Amaro é transferido aparece em paralelo à pensão de dona Carolina, enquanto a portuguesa e Aleixo encontram-se às escondidas de Amaro, que passa boa parte do tempo preso no novo navio. O couraçado é um ambiente que gera

²⁸⁹ Ibidem.

²⁹⁰ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 98.

²⁹¹ ALMEIDA, Pires de. *Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Laemmert & C, 1906, p. 176.

²⁹² CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 41.

repugnância em Amaro, uma vez que o navio é o responsável por separá-lo de Aleixo e porque, neste momento do romance, o personagem não possui mais o caráter de *Bom-Crioulo* disposto à servidão. Amaro está consciente de que o trabalho na Marinha, pelo alto nível de exploração e aplicação de castigos físicos severos, é uma espécie de continuação do serviço escravo a que fora submetido na fazenda anos antes, ainda que houvesse em torno do navio melhores perspectivas que na corveta, como os dias de folga, que passaram a ser cada vez mais escassos tornando-se apenas promessas. Nesse sentido, o ambiente do couraçado, ainda que novo e moderno, não é o que Amaro gostaria, pois não tem a companhia de Aleixo, optando assim pela fuga até as últimas consequências.

Os três ambientes/meios principais descritos em *Bom-Crioulo* – navio corveta, pensão e couraçado – interferem diretamente no comportamento de seus personagens. No entanto, pode-se perceber que a mudança de comportamento de Amaro, principalmente de um navio ao outro, reflete o determinismo acerca das questões raciais que a ciência do-século XIX faz recair sobre um negro e ex-escravo, que ainda que se aliste na Marinha e esteja comprometido em servir à pátria, como qualquer homem branco e pobre de sua época, não poderia fugir a um destino de criminalidade.

2.2 O racialismo

Em *Bom-Crioulo*, a relação que se constrói entre um negro ex-escravo e um jovem branco revela as influências do racismo científico de finais do século XIX, incorporadas pelo Naturalismo. O contraste racial entre negros e brancos é enfatizado por Caminha ao longo da obra e dá destaque à descrição das características físicas de Amaro e Aleixo em termos desfavoráveis ao “Bom-Crioulo”.

Quatorze anos antes, Aluísio Azevedo publicou um romance que tinha como tema a relação amorosa entre um mulato e uma jovem branca. A obra *O mulato* (1881) gira em torno de conflitos tradicionais do amor romântico, porém, mediados pelo preconceito racial. Raimundo é descrito como um homem mestiço, filho de um homem branco com uma escrava, que pode passar por branco devido a seus olhos azuis, sua formação intelectual e o título de bacharel em direito, enfim, o personagem é apresentado com qualidades que atraem a simpatia do leitor. A gravidez de sua companheira, Ana Rosa, levanta o temor diante da hipótese de introdução de “sangue negro” em uma família branca, o que contribuiria, supostamente, para

degeneração social e racial. A trama culmina em um aborto e no assassinato de Raimundo, que deixava Ana Rosa livre para se unir a um homem branco, com o qual a jovem teria três filhos. Os preceitos do racismo científico, que incluem a noção de “pureza” ou “degeneração” da “raça”, marcaram as origens e orientaram o surgimento da eugenia, cuja meta, segundo Schwarcz, era “intervir na reprodução das populações”²⁹³. A autora afirma:

O termo “eugenia” – eu: boa; genus: geração – foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton, na época conhecido por seu trabalho como naturalista e como geógrafo especializado em estatística, escreveu seu primeiro ensaio na área de hereditariedade humana em 1865, após ter lido *A Origem das Espécies*. Em 1869 era publicado *Hereditary genius*, até hoje considerado o texto fundador da eugenia. Nesse livro, Galton buscava provar, a partir de um método estatístico e genealógico, que a capacidade humana era função da hereditariedade e não da educação [...] ²⁹⁴.

Dessa forma, o ápice da eugenia seria a proibição de casamentos interraciais, “visando, segundo essa ótica, um maior equilíbrio genético”²⁹⁵. Aluísio Azevedo, que introduziu o Naturalismo no Brasil, explora em suas obras as teorias evolucionistas acompanhadas do racismo científico. No entanto, a condenação ao “cruzamento racial”, seria um problema para o Brasil, onde a miscigenação ocorria há muitos anos em larga escala. Schwarcz completa:

[...] as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de “tipos puros” – e, portanto, não sujeitos a processos de miscigenação – e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social. ²⁹⁶

Contudo, as teorias de branqueamento da população auxiliaram na construção de um ideal de Brasil branco e europeu:

Com as conclusões evolucionistas, justificava-se o predomínio branco e a hierarquia social rígida. Utilizando um darwinismo sócio-biológico, explicava-se o “natural branqueamento” da população. Mas eram as teorias deterministas raciais que ajudavam a comprovar um certo atraso, ou condenavam a mistura racial no país. ²⁹⁷

²⁹³ SCHWARCZ, Lilia. Op. cit. p. 47.

²⁹⁴ Ibidem.

²⁹⁵ Ibidem.

²⁹⁶ Ibidem. p. 50.

²⁹⁷ Ibidem. p. 100.

As trajetórias de Amaro e de Raimundo apontam para um estigma da negritude, porém, em formas e níveis distintos. O personagem de Caminha, sendo um ex-escravo, recentemente liberto, carrega preconceitos que indicam sua antiga posição de homem escravizado. Quando dona Carolina se refere a Amaro como “raça maldita”²⁹⁸, reflete um pensamento comum do século XIX: a hierarquia das raças, que classifica os negros como seres inferiores. Já o mulato Raimundo, de Azevedo, não tem sua cor ressaltada, por ter passado por um processo de embranquecimento – ter estudado na Europa –, fato que aponta indícios de suposta “evolução” civilizacional, ainda que as marcas da cor estejam presentes e sejam lembradas em momentos de subversão das normas sociais, como quando o personagem engravida uma mulher branca. O mulato era considerado superior ao negro, como afirma Carula: “Apesar de ainda intelectualmente limitado, Couty²⁹⁹ considerava o mulato superior ao negro por ter ‘uma conformação cerebral e capacidade intelectual superiores’”³⁰⁰.

A lógica da hierarquia das raças, exemplificada através das obras de Aluísio Azevedo e incorporada por obras do Naturalismo no Brasil. Segundo Schwarcz, “o termo raça é introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier³⁰¹, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos”³⁰². No entanto, como vimos, é com a publicação de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, em 1859, que se difundem (e se reapropriam de formas variadas) conceitos como “competição”, “luta pela sobrevivência”, “sobrevivência do mais forte”, “evolução” e “hereditariedade” nos mais variados campos do saber:

Na psicologia com H. Magnus e sua teoria sobre as cores, que supunha uma hierarquia natural na organização dos matizes de cor (1877); na linguística com Franz Bopp e sua procura das raízes comuns da linguagem (1867); na pedagogia com os estudos do desenvolvimento infantil; na literatura naturalista, com a introdução de personagens e enredos condicionados pelas máximas deterministas da época, para não falar da sociologia evolutiva de Spencer e da história determinista de Buckle.³⁰³

²⁹⁸ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 83.

²⁹⁹ Médico e fisiologista francês. Trabalhou no Laboratório de Fisiologia Experimental do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o primeiro do gênero no Brasil.

³⁰⁰ CARULA, Karoline. Op. cit. p. 129.

³⁰¹ Zoólogo e estadista Francês da primeira metade do século XIX, que estabeleceu as ciências da anatomia comparada e paleontologia. Por vezes é chamado de “Pai da Paleontologia”.

³⁰² SCHWARCZ, Lilia. Op. cit. p. 52.

³⁰³ Ibidem. p. 52.

O determinismo racial na obra *Bom-Crioulo* está fortemente presente no personagem de Amaro que, sendo negro e ex-escravo, estaria confinado às camadas sociais e a uma suposta condição biológica ou “natural” inferiores.

Amaro não deixa claro que pensa em Aleixo como seu superior em termos raciais. Já a personagem Bertoleza, em *O Cortiço* (1890), que também mantém relação sexual e afetiva com um homem branco, o português João Romão, acredita na superioridade racial do companheiro: “Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua”³⁰⁴. Sugere-se, a partir de pressupostos pseudocientíficos, que mulheres negras tenderiam, instintivamente, a reconhecer a superioridade racial dos brancos e escolhê-los como parceiros sexuais – afinal, estes seriam, supostamente, mais capazes de promover “a evolução da espécie” e garantir melhores condições competitivas para uma eventual prole, na “luta pela sobrevivência”.

Bertoleza é uma mulher negra, na faixa dos trinta anos de idade, escrava de um senhor cego que morava em Juiz de Fora, Minas Gerais. Trabalhava todos os dias e sua quitanda era a mais movimentada do bairro, na qual servia pratos preparados por ela mesma. Na condição de escrava, pagava vinte mil-réis mensais ao seu senhor e ainda lhe sobrava dinheiro para suas economias, que juntava para comprar sua alforria. Bertoleza era amigada com um português, que vem a falecer “depois de correr meia légua puxando uma carga superior às suas forças [...]”³⁰⁵. Após a fatalidade, as histórias de João Romão e Bertoleza se cruzam, uma vez que suas quitandas eram próximas e Romão se alimentava todos os dias na venda da mulher, porque a comida era boa e barata.

Quando Bertoleza perde o companheiro, João Romão vê uma oportunidade perfeita para aproximação, mostrando interesse pelo lastimável acontecimento. O homem mostra-se solidário diante do sofrimento de sua vizinha com tanto afincio, que Bertoleza o escolhe como confidente das adversidades, confidenciando-lhe que seu senhor lhe arrancava o couro, exigindo altos valores mensalmente, e, mesmo assim, tinha economias guardadas. João Romão conquista aos poucos a confiança da escrava, que passa a pedir-lhe que guardasse o valor que havia economizado para a compra de sua alforria, já que certa vez um ladrão entrou escondido em sua venda e lhe furtou o dinheiro.

Em pouco tempo, João Romão já tomava conta de boa parte da vida de Bertoleza: era caixa, procurador e conselheiro. Abriu para ela uma conta no banco, encarregou-se de enviar o

³⁰⁴ AZEVEDO, Aluísio. Op. Cit. p. 6.

³⁰⁵ Ibidem. p. 5.

jornal mensal para o senhor de Bertoleza e, sempre que precisava de dinheiro, pegava com o português. Tanta confiança e proximidade entre eles termina em relação amorosa e mais uma vez Bertoleza se via envolvida sentimentalmente com um homem branco de nacionalidade portuguesa. Romão, então, propôs que morassem juntos e a mulher aceitou de bom grado, afinal a relação com homens brancos – em sua mentalidade – lhe era conveniente por serem de raça superior.

Após se envolverem, João Romão compra um pequeno terreno com as economias de Bertoleza e levanta uma pequena casinha de dois cômodos; promete à escrava que ela teria vida melhor, porque ele completaria o dinheiro que faltava para compra de sua tão sonhada alforria. Dias depois, o português aparece com um papel e lê em voz alta: era a alforria de Bertoleza. O que ela não desconfiava, era que a tal carta de liberdade era de autoria do próprio João; ele a havia forjado de forma até pouco cuidadosa, uma vez que Bertoleza, na condição de escrava, não foi ensinada a ler.

A notícia da carta nunca chegou ao conhecimento do antigo senhor de Bertoleza, que imaginou que a escrava teria fugido para a Bahia depois da morte do antigo amante. Tempos depois o senhor de Bertoleza faleceu e a escrava, por lei, deveria, então, passar aos seus filhos como herança, mas, para sorte do português, eles eram “dois pândegos de marca maior que, empolgada a legítima, cuidariam de tudo, menos de atirar-se na pista de uma crioula a quem não viam de muitos anos àquela parte”³⁰⁶.

Juntos sob o mesmo teto, Bertoleza passa a ser criada, caixeira e amante de João. Acordava cedo, trabalhava até tarde, limpava, cozinhava, servia os clientes da quitanda, passava e arrumava as roupas do amado e fazia tudo contente. Já João Romão nunca saía para passeios, trabalhava incessantemente para obter lucro e acumular riqueza. Com a ajuda de Bertoleza, furtava pedra de uma pedreira que ficava no fundo de sua casa e, assim, os cúmplices foram levantando uma casinha atrás da outra para alugar, até que Romão juntou dinheiro para comprar parte da pedreira, a mesma que antes era vítima de seus furtos, e ali, naquele espaço, foram surgindo mais casinhas, até que se tornar o cortiço.

João Romão, ao conquistar certo capital, compreendera que não era de “bom tom” ter uma escrava como amigada, ou seja, que tal situação não seria adequada ao novo status ao qual ascendera graças, em grande medida, à exploração do trabalho não remunerado da companheira. Ao mesmo tempo, fazia planos de casar-se com a filha de seu rival, Miranda, a fim de se inserir na alta sociedade. O autor afirma que João Romão chegou a pensar em

³⁰⁶ Ibidem. p. 6.

trancfiar Bertoleza em um hospício próximo, mas decidiu entregá-la ao seu antigo senhor e restituí-la novamente à escravidão legal. Então, Botelho, homem velho que parasitava o dinheiro do Miranda, ajuda Romão a encontrar o filho do antigo senhor de Bertoleza e chamá-lo para buscar a criada junto da polícia.

A cena que narra a chegada do filho do antigo senhor de Bertoleza é uma das mais fortes do livro. Bertoleza estava sentada no chão tirando as escamas de um peixe, preparando a janta de seu companheiro, quando viu parar diante de si um grupo de homens. De imediato reconheceu o filho do velho cego, a quem serviu por anos, e compreendeu toda a situação em que estava envolvida: foi enganada, sua alforria era falsa. Pensou em fugir, mas, olhando ao redor, viu que era inviável, e, em um ímpeto de desespero, cravou em si mesma o facão que estava utilizando para limpar os peixes. Caiu para frente, em uma poça de sangue, enquanto João Romão fugiu cobrindo o rosto para não ver a cena.

O falso documento de emancipação da escrava, segundo Schiffner, “é um componente alegórico-irônico que ressignifica, em menor escala, os infortúnios dos negros legalmente livres, mas marginalizados e propensos às iniquidades e às injúrias diárias”³⁰⁷. Bertoleza e Amaro são forros, ainda que no caso de Bertoleza a liberdade seja imaginária, mas ambos respondem pelo passado, pela cor e permanecem submetidos à superexploração de seu trabalho, demonstrando consciência sobre as explorações que sofriam.

Quando está prestes a ser despejada por João, Bertoleza o contesta, exigindo reconhecimento pelos anos de esforço ao lado dele e enfatizando o caminho tortuoso que enfrentou. Ela diz: “Não! Como quitandeira principiei; não hei de ser quitandeira até morrer!”³⁰⁸. João Romão a diminui ao lhe cobrar a consciência de que ela era negra, pobre, e, por esses motivos, jamais se colocaria em pé de igualdade com o português. Por fim, a então escrava, consciente de sua situação e negando-se a retornar à antiga condição de escrava, se suicida.

Em *Bom-Crioulo*, o desfecho de Amaro termina no assassinato de Aleixo. Em *O Cortiço*, Bertoleza, que não aceita voltar à condição de escrava, comete suicídio. O final de ambos caracteriza o desenvolvimento subjetivo dos escravos apenas em um sentido trágico. Em finais do século XIX, para o negro escravizado, representado na literatura naturalista, não restavam muitas possibilidades; reagiam na medida da violência sofrida, justificados pela cor,

³⁰⁷ SCHIFFNER Tiago Lopes. Op. Cit. p. 152.

³⁰⁸ AZEVEDO, Aluísio. Op. Cit. p. 193.

pelas teorias deterministas do período, e, mais especificamente, pelo conceito de criminologia como ciência, ao menos como pretendia ser, que surge com o Positivismo no continente europeu, nas últimas décadas do século XIX. As concepções da criminologia voltavam-se para a compreensão da natureza do crime e do criminoso, e, por extensão, pretendiam ser um conhecimento acerca da própria vida social. Tal discurso, bem como suas teorias, conceitos e métodos foram incorporados com entusiasmo por muitos intelectuais do período, inclusive brasileiros.

Segundo Marcos César Alvarez, em seu artigo *A Criminologia no Brasil ou Como Tratar Desigualmente os Desiguais*, a antropologia criminal foi uma das ideias de grande repercussão intelectual entre as últimas décadas do oitocentos, que surgiu, sobretudo, a partir dos trabalhos de Cesare Lombroso (1835-1909)³⁰⁹.

A maioria dos autores no campo da criminologia, mesmo muitos daqueles que assumem posição mais crítica no interior deste, atribuía aos trabalhos de Cesare Lombroso (1835-1909) um lugar de destaque na constituição do conhecimento criminológico moderno. Juntamente com Rafele Garofalo (1852-1934), Enrico Ferri (1856-1929) e outros, Lombroso pretendeu construir uma abordagem científica do crime, estabelecendo, desse modo, uma oposição no interior das doutrinas penais entre a Escola Clássica, desenvolvida, desde o século XVIII, a partir das ideias de Cesare e Beccaria (1738-1794) e Jeremy Bentham (1748-1832), e a Escola Positiva, defendida pelo próprio Lombroso e seus seguidores.³¹⁰

Cesare Lombroso (1835-1909), formado em medicina e influenciado pelas teorias positivistas e evolucionistas, parte do pressuposto de que os comportamentos são biologicamente determinados. Constrói-se, assim, uma ramificação do evolucionismo que se utiliza de dados antropométricos nos quais os indivíduos reproduzem características que os destinam ao crime.

Não obstante, o discurso criminalista foi incorporado no Brasil e na América Latina como fatos a serem acreditados, sem a necessidade de verificação experimental, o que Del Olmo denomina de “escolasticismo científicista”³¹¹. Contudo, não é possível esquecer que as teorias criminalistas lombrosianas foram elaboradas em um contexto europeu, que colocavam o ser

³⁰⁹ Lombroso é creditado como sendo o criador da antropologia criminal e suas ideias deram nascimento à Escola Positiva de Direito Penal, mais precisamente a que se refere ao positivismo evolucionista, que baseava sua interpretação em fatos e investigações científicas.

³¹⁰ ALVAREZ, Marcos César. *A Criminologia no Brasil ou Como Tratar Desigualmente os Desiguais*. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 45, nº 4, 2002, p. 678.

³¹¹ DEL OLMO, Rosa. *A América Latina e sua Criminologia*. Rio de Janeiro. Revan e Instituto Carioca de Criminologia, 2004, p. 160.

humano no centro da pesquisa. Alberto Lima e Nathália Silva, em *A América Latina e sua criminologia: de seu surgimento à 'criminologia da libertação'*, afirmam:

Mas, não é possível olvidar que a antropologia lombrosiana, ao colocar o ser humano no centro, não se importava com o lugar onde o crime era cometido. O atavismo, reaparecimento, em um descendente, de um caráter não presente em seus ascendentes imediatos, mas sim, em remotos, no caso nos seres primevos não pressupõe espaço geográfico.³¹²

Del Olmo complementa que “os países latino-americanos foram os primeiros países periféricos que se dispuseram a aceitar as propostas criminológicas europeias, enviando representantes a participar das assembleias internacionais sobre o tema”³¹³. Os congressos em torno da antropologia criminal, entre finais do XIX e início do século XX, despertaram o interesse de especialistas e leigos no assunto. Segundo Alvarez, “o primeiro congresso, realizado em Roma em 1885, representa o ápice da carreira de Lombroso e da Escola Italiana de Criminologia”³¹⁴. Porém, a partir do Congresso realizado em Paris em 1889, começaram a surgir novas ideias penais, questionando o conceito de “criminoso nato”, enfatizando que o meio social tem poder sobre o comportamento humano. O autor completa:

Já no congresso realizado em Paris em 1889, organiza-se a oposição às colocações centrais acerca do criminoso nato, sobretudo por parte da assim chamada Escola Sociológica de Lyon, liderada por Lacassagne, que enfatiza o meio social como “caldo de cultura” do crime.³¹⁵

A Escola Sociológica de Lyon, em completa oposição às ideias de Lombroso e aos ideais da Escola Positivista, afirma que o sujeito se torna criminoso por influência do meio, ou seja, ele nasceria predisposto à criminalidade, mas seria incentivado pelo meio social, que cria ou não um ambiente adequado ao crime. Lacassagne³¹⁶ é o autor da frase: “As sociedades têm os criminosos que merecem”. Nesse sentido, a Escola Francesa de Criminologia substituiu o conceito de “nato” – natural da Escola Italiana – por “predisposto”.

³¹² LIMA, Alberto Jorge Correia de Barros; SILVA, Nathália Ribeiro Leite. *A América Latina e sua criminologia: de seu surgimento à 'criminologia da libertação'*. *Revista da ESMAL*, Maceió-AL, n.1, 2016, p. 138.

³¹³ DEL OLMO, Rosa. Op. Cit. p. 159.

³¹⁴ ALVAREZ, Marcos César. Op. cit. p. 681.

³¹⁵ *Ibidem*.

³¹⁶ Alexandre Lacassagne era médico e criminologista francês, natural de Cahors. Ele foi o fundador da escola de criminologia Lacassagne, com sede em Lyon e influente de 1885 a 1914. Foi também o principal rival da escola italiana de Lombroso.

A publicação de *Bom-Crioulo* em 1895, se dá no mesmo momento da chegada das teorias criminalistas italianas (positivistas) e francesas (sociológicas) ao Brasil, que, enquanto na Europa pareciam excludentes, aqui mesclavam-se de forma a se complementar:

Enquanto na Europa a sociologia criminal, especialmente pela Escola Sociológica de Lyon, realizava duras críticas relacionadas à fragilidade dos procedimentos da Escola Italiana, no Brasil essas e outras diferentes tradições por vezes se mesclavam como se fossem sinônimos de uma nova e única concepção do campo da criminologia, ou como se uma fosse o complemento necessário da outra. A grande divergência, para além das críticas ao método, estava relacionada aos fatores determinantes para explicar a “fraqueza moral” dos criminosos e sua tendência ao delito, sendo a escola positivista acusada de uma sub-representação do meio social.³¹⁷

No Brasil, a porta de entrada para a criminologia positivista se deu através de João Vieira de Araújo (1844-1922), professor da Faculdade de Direito do Recife, que foi “o primeiro autor a se mostrar informado a respeito das novas teorias criminais, ao comentar as ideias de Lombroso em suas aulas na Faculdade do Recife e também em textos sobre a legislação criminal do Império”³¹⁸. Isso acontece justamente quando a criminologia começa a entrar em descrédito, conforme afirma Alvarez: “(...) no início do século passado na Europa, as ideias básicas da antropologia criminal já encontram amplo descrédito. E é nesse momento, paradoxal, que elas encontrarão nos países latino-americanos ‘verdadeiros eldorados da Nova Escola’”³¹⁹. É nesse sentido que Del Olmo afirma que a recepção dessas ideias na América Latina não se desenvolve em um sentido unilateral, pois conta com a aceitação de diferentes grupos com interesses específicos:

A criminologia chega então à América Latina depois que suas classes dominantes e “ilustradas” haviam assumido os ditames da ideologia liberal e a filosofia positivista como a melhor via para alcançar “a ordem e o progresso”; mas sobretudo a “ordem”, que consideravam tão necessária, não somente pelos grandes períodos de anarquia, caudilhismo e guerras civis que caracterizavam a história do século XIX latino-americano, mas também para o processo de implantação do capitalismo como modo de produção dominante na área.³²⁰

Aspectos biológicos e o meio social eram incorporados à criminologia no Brasil, ao mesmo tempo em que o predomínio da perspectiva positivista se encontrava com o mal-estar

³¹⁷ CRUZ, Ana Vlândia Holanda. *As raízes históricas da política criminal na legislação e nas práticas de atendimento ao adolescente em conflito com a lei*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal, 2014. p. 75.

³¹⁸ ALVAREZ, Marcos César. Op. cit. p. 681.

³¹⁹ Ibidem. p. 682.

³²⁰ DEL OLMO, Rosa. Op. cit. p. 162.

que a abolição da escravatura causou nas classes dominantes no Brasil, tornando-se um discurso pertinente à elite. Barbosa afirma:

A antropologia criminal – e a escola positiva italiana como um todo – com suas bases biologicistas, ofereceu aos intelectuais brasileiros artifícios para a legitimação de problemas sociais sob o pretexto de tratar-se de problemas biológicos decorrentes de um desenvolvimento primitivo das raças humanas.³²¹

Dessa forma, teorias científicas do período, apropriadas em sentidos diversos no Brasil, apontavam que o comportamento humano seria determinado por forças biológicas, como o instinto, a herança genética, sociológica e ambiental. Nesse sentido, o personagem Amaro é condenado pela raça, pois incorpora como fatores degenerativos, além da cor, a suposta perversão sexual e o alcoolismo. Não teria, então, chances de uma promoção na Marinha, ocupando somente cargos em que a força física era exigida: “Um pedaço de bruto, aquele Bom-Crioulo! Diziam os marinheiros. – Um animal inteiro é o que ele era!”³²². O personagem é, assim, animalizado e retratado como “um pedaço de bruto”, cuja grande contribuição e função, dentro da Marinha, seria o emprego da força física. Desse modo, a animalização de Amaro está relacionada ao trabalho braçal, que, no Brasil do século XIX, era associado à escravidão e, portanto, sinônimo de desprestígio e humilhação. Nesse sentido, Antonio Candido afirma:

Penso no brasileiro livre daquele tempo com tendência mais ou menos acentuada para o ócio, favorecido pelo regime de escravidão, encarando o trabalho como derrogação e forma de nivelar por baixo, quase até à esfera da animalidade.³²³

Como exemplo da rejeição ao trabalho, o autor menciona um ditado que passou por transformações em finais do XIX: “No Brasil costumam dizer que para o escravo são necessários três P.P.P., a saber, Pau, Pão e Pano”, e a variante transformou-se em algo ainda mais brutal: “Para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”³²⁴. A transformação do ditado deu-se no contexto da iminente extinção do escravismo, quando é incentivada a vinda de imigrantes europeus para ocupar o lugar dos libertos, baseado em um discurso racista no qual os imigrantes pertenceriam, supostamente, a

³²¹ BARBOSA, Mario Davi. Originalidade e pessimismo: A recepção da criminologia positiva na obra de Nina Rodrigues. *Revista Liberdades*. São Paulo, nº 8, setembro-dezembro de 2011, p. 123.

³²² CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 22.

³²³ CANDIDO, Antonio. Op. Cit. p. 112.

³²⁴ *Ibidem*. p 117.

uma raça superior, mais racional, trabalhadora e civilizada, contribuindo para a “evolução natural” do país através do embranquecimento da população.

O tráfico negreiro foi extinto sob pressão inglesa em 1850, através da Lei Eusébio de Queirós, que resultou em um mercado interno de compra e venda de pessoas mais concorrido e caro. Francisco Luna afirma que “os preços dos cativos atingiram o auge nos anos de 1860, com um aumento superior a 80% em comparação com as médias dos decênios 1840 e 1850”³²⁵. Paralelamente, segundo Hebe Mattos, ao examinar a região do vale do Paraíba, os anos de 1860 são marcados pela mudança no padrão de fugas³²⁶. Isso porque, enquanto, anteriormente, as fugas eram para dentro das matas, após os anos 1860/1870, elas adquirem um perfil de camuflagem nos centros urbanos. É o que João José Reis denominou de “fugas para fora”:

Cidades mais populosas, como Salvador e Rio de Janeiro, também favoreciam o anonimato dos fugitivos. Mas é na segunda metade do século, mais precisamente a partir de 1870, que o crescimento urbano, a ampliação de um mercado livre de trabalho e mudanças ao nível das mentalidades coletivas consolidam uma primeira alternativa seria à fuga para fora. O mundo urbano deixa de ser mero apêndice das fazendas e o ar de cidades como Rio, Niterói, Petrópolis, Campos, Ouro Preto, Recife, Fortaleza, São Paulo e Santos, libertavam. Escravos mais habilidosos dão-se às asas, muitos levando consigo instrumentos de trabalho, e vão tentar a vida nas cidades, segundo seus talentos, em pequenos negócios, docas, construção civil, etc.³²⁷

No mesmo cenário, os estrangeiros começam a adquirir benefícios materiais para se assentarem no Brasil, podendo adquirir terras por compra e venda ou doação do Estado, com a condição de manterem residência e produzirem em solo brasileiro. O intuito era atrair europeus e iniciar um processo de transição econômica e social.³²⁸

Em 1871, uma nova lei libertou todos os filhos de escravos nascidos após 28 de setembro daquele ano. A Lei Rio Branco ou Lei do Ventre Livre impossibilitou que os senhores reproduzirem suas “peças” em suas fazendas. Junto à lei foi criado o Fundo de Emancipação, com o objetivo de acelerar o processo de emancipação entre os cativos não contemplados pela Lei do Ventre Livre.³²⁹

³²⁵ LUNA, Francisco Vidal, *Escravidão no Brasil – aspectos econômicos*. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 321.

³²⁶ MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio: Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista - Brasil Séc. XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 170.

³²⁷ REIS, João José. *Negociação e Conflito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 71.

³²⁸ SALLES, Ricardo. Da liberdade de se ter escravos à liberdade como direito. In: José Murilo de Carvalho (Org.). *Nação e Cidadania no Império: Novos Horizontes*. 1 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007, p. 291.

³²⁹ *Ibidem*. p. 294.

Em *Da liberdade de se ter escravos à liberdade como direito*, Ricardo Salles, ao analisar a população cativa em Vassouras no século XIX, chama atenção para os dados relacionados aos escravos libertos após o fundo de emancipação e conclui: “Vassouras ocupou a terceira posição em ordem decrescente – com 0,91% de seus escravos matriculados libertos pelo Fundo de Emancipação –, ficando atrás apenas de Campinas e Juiz de Fora, igualmente áreas cafeeiras”³³⁰. Conseqüentemente, a fuga de escravos aumentou e o jogo entre senhores e cativos endureceu, de acordo com Reis, o crescimento e o surgimento mais evidentes das campanhas abolicionistas e das leis emancipadoras, como a lei do ventre livre, geraram uma mudança nas atitudes dos escravos, na medida em que estes compreenderam a crise pela qual a sociedade passava. Se, nesse contexto, os senhores aproveitavam o escravo para um trabalho mais árduo, os cativos, cada vez mais utilizavam-se de instrumentos de resistência³³¹. “[...] Havia uma tensão sempre presente na relação entre senhores e escravos, na medida em que os primeiros tinham por estratégia a transformação desses direitos conquistados em concessões e privilégios”³³².

Quatorze anos depois, a *Lei dos Sexagenários* determinou a soltura dos cativos a partir dos sessenta anos. A lei não foi bem vista pelos abolicionistas, pois a maioria dos homens e mulheres escravizados não chegava à idade estipulada, devido às punições e ao sofrimento e à dureza, inerentes às atividades atribuídas aos escravizados³³³ e somente em 13 de maio de 1888, a *Lei Áurea* extinguiu legalmente a escravidão no Brasil. E, é nesse contexto que se fortalece a adaptação, no Brasil, de teorias racialistas em voga na Europa – se não se pode mais controlar pelo sistema de escravidão, controla-se pela ciência –, e a xenofobia suscitada pela imigração em massa.

A animalização humana sugerida, por exemplo, no ditado dos “três pê” e analisada por Antonio Candido, é feita sob a perspectiva daqueles que se aproveitam do sistema para se beneficiar do trabalho de outros. “Na verdade, o nivelamento entre bichos e pessoas é naturalizado por quem se beneficia com o rebaixamento, e a redução humana reflete as iniquidades e as ambições da esfera sociológica”³³⁴, afirma Schiffner. Em *Bom-Crioulo*, quem

³³⁰ Ibidem. p. 303.

³³¹ REIS, João José. Op. cit. p. 69.

³³² SALLES, Ricardo. Op. cit. p. 304.

³³³ REIS, João José. Op. cit. p. 9.

³³⁴ SCHIFFNER, Tiago. Op. cit. p. 59.

se beneficia com a animalização dos miseráveis é o próprio Estado brasileiro representado pelas Forças Armadas.

O capítulo VII de *Bom-Crioulo* é repleto de trechos que remetem à animalização da força de trabalho:

E com pouco, Bom-Crioulo escancarava a janelinha do quarto, recebendo em cheio, no rosto, a frescura matinal: Agora queria ver se o arrancavam dali. Uma ova! Estava em sua casa, muito bem escondido. Não era nenhum burro de carga!...

Cambada de burros! Atraca essa porcaria! E abriu a boca numa tremenda explosão de impropérios, fechando o punho ameaçadoramente, desenrolando todo o vocabulário imundo e obsceno das tarimbas contra os companheiros, berrando em alta voz que era livre, que havia de fazer, que havia de acontecer!...³³⁵

Ao utilizar o termo “burro” para descrever suas condições de trabalho, Amaro denuncia a exploração que percebe em seu próprio corpo. O mesmo adjetivo também se refere aos outros marinheiros, denuncia a exploração que todos sofrem em alto-mar, Candido vai além das teorias científicas, afirmando que a animalização seria, também, um conceito ético:

A orientação científica se apresenta como interpretação objetiva do comportamento dos personagens, mas adquire logo matizes valorativos, na medida em que naquele tempo esta modalidade de interpretação tinha uma função desmistificadora, sendo ruptura com o idealismo e esforço para enxergar a vida na sua totalidade, abrangendo o que os padrões correntes julgavam feio, baixo ou não comunicável. Daí as palavras que designam a anatomia ou as funções orgânicas, sobretudo o sexo, serem usadas nos contextos naturalistas não apenas como denotação, mas como gemas que se engastam para serem contempladas por si mesmas, porque assumiam um valor moral e social que se sobrepõe ao intuito científico.³³⁶

Nesse sentido, a redução à animalidade possui aspectos fisiológicos e éticos que podem ser percebidos na narrativa de Caminha, quando, após conhecer Aleixo, Amaro questiona moralmente seus sentimentos pelo jovem: “E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?”³³⁷.

Em *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, Candido afirma que também pode ser encontrado, um segundo tipo de intromissão do nível moral, que representa a quebra da desejada objetividade científica do Naturalismo:

³³⁵ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 57.

³³⁶ CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 126.

³³⁷ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 27.

Com efeito, frequentemente a visão fisiológica se transforma em lubricidade e até obscenidade, que podem ser, de um lado, mera constatação da grosseria e da vulgaridade nas relações humanas; mas que de outro parecem às vezes uma condenação, uma certa reprovação daquilo que, no entanto, deveria ser considerado natural³³⁸.

Assim como Azevedo, Adolfo Caminha utiliza-se dessa “intromissão do nível moral”, observada por Candido, que escandalizou leitores no século XIX por sua ousadia, e que, no caso de *Bom-Crioulo*, é repleta de animalizações, como pode ser percebido em:

Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado por essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente como um animal.³³⁹

E no trecho:

Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote...³⁴⁰

Ao se relacionar com dona Carolina, Caminha afirma que o jovem branco havia aprendido aspectos da animalidade humana com Bom-Crioulo: “Mas Aleixo sabia, por Bom-Crioulo, até onde chega a animalidade humana, e, passando o primeiro momento de surpresa, sentiu que também era feito de carne e osso, como o negro e d. Carolina”³⁴¹. Ou seja, Amaro, o homem negro, violento e animalizado, ao longo do romance, corrompera a inocência do puro e angelical grumete loiro, ensinando-lhe aspectos [sexuais, mais especificamente homossexuais] da animalidade humana.

Os três personagens principais – Amaro, Aleixo e dona Carolina – em algum momento são animalizados. Antonio Candido observa três níveis do conceito de animal, na obra *O Cortiço*, que, neste caso, caberiam perfeitamente em *Bom-Crioulo*. O autor os organiza da seguinte forma:

1. Os animais substantivos, propriamente ditos, irrelevantes no caso, a não ser como indicantes e, às vezes, “catálises”, no sentido de Barthes;

³³⁸ CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 127.

³³⁹ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 56.

³⁴⁰ Ibidem.

³⁴¹ Ibidem. p. 56.

2. O animal adjetivo, traço constitutivo do homem, condicionado a uma animalização que poderíamos chamar total ou ontológica, relativa ao que há de “natural” e, portanto, nos termos do Naturalismo, de “animal” em cada um de nós;

3. O animal metafórico implícito, conotando uma animalização parcial, social, que define o homem tratado economicamente como bicho, na medida em que se torna uma besta de carga, pela necessidade de vender a sua força de trabalho.³⁴²

Assim como em *O Cortiço*, onde os personagens são reduzidos, muitas vezes, à condição de animais, em *Bom-Crioulo* também se verifica tal animalização, a qual se inscreve, conforme referido, na estética e nos pressupostos adotados pelo Naturalismo.

Bertoleza e Amaro se relacionam amorosamente com homens brancos que não retribuem seus sentimentos, mas, além disso, eles procuram a liberdade. Bertoleza não a alcança, enganada por seu companheiro, e Amaro, mesmo na Marinha, percebe que ainda é escravo: “Escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda a parte... E chamava-se isso de servir à pátria”³⁴³.

2.3 O “homossexualismo” em *Bom-Crioulo*

O epicentro do romance de Adolfo Caminha é a relação homoafetiva entre Amaro e Aleixo. A obra que entrelaça temas de gênero e raça ao redor da diferenciação entre homem e mulher, negro e branco, senhor e escravo, causou um escândalo na sociedade oitocentista, por seu tema explicitamente sexual.

Adolfo Caminha não trata de homoafetividade em seus outros romances, mas aborda, nos marcos do Naturalismo, outras relações sexuais consideradas transgressivas e escandalosas à época.

Em seu artigo *Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha*, Howes afirma que a inspiração do autor para compor seus personagens homoeróticos veio de uma novela de 1885, *Um Homem Gasto*, publicada pelo médico, Ferreira Leal³⁴⁴, que “retrata um homossexual de classe média alta que se casa com uma mulher, mas só é capaz do ato matrimonial com a ajuda de drogas e suicida-se quando não pode mais suportar”³⁴⁵. Howes

³⁴² CANDIDO, Antonio. Op. Cit. p. 792.

³⁴³ CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ed. Escala, 2010.p.39.

³⁴⁴ Médico e escritor brasileiro. Costumava assinar seus escritos com as iniciais L.L.

³⁴⁵ HOWES, Robert. Op. cit. p. 176.

também cita o *Ateneu*, de Raul Pompeia³⁴⁶ (1888), como outra possível inspiração que “refere-se a uma apaixonada relação entre rapazes num internato” e *O Cortiço*, de 1890, no qual Aluísio Azevedo “incluiu três estereótipos homossexuais clássicos: um jovem efeminado, um velho sujo e uma prostituta lésbica agressiva”³⁴⁷. No entanto, nenhuma dessas obras oferece um precedente direto para *Bom-Crioulo*.

Caminha, na defesa de seu romance, após receber inúmeras críticas, afirmou: “no caráter de oficial da marinha, vi os episódios acidentais que descrevi a bordo”³⁴⁸. Conforme referido, Pires de Almeida, em 1906, poucos anos após a publicação de *Bom-Crioulo*, em *Homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro*, afirma que tanto o Exército quanto a Marinha eram ambientes propícios à ocorrência de práticas homossexuais – ou que tenderiam a despertar o “vício” do homossexualismo - utilizado aqui com o sufixo ‘-ismo’, uma vez que o tema era tratado como doença. Segundo o autor:

Mais prejudicial do que os internatos, encontram-se por sem dúvida os quartéis; ali não é raro, principalmente nos exércitos onde não domina, como infelizmente convém, uma disciplina ultra-humana, encontram-se até promoções na gradação de inferiores, como prêmio aqueles soldados que se tornaram acessíveis aos carinhos lúbricos dos que, por qualquer título, os podiam recomendar. Nas mesmas condições acham-se os navios, sobretudo os da marinha de guerra: viagens longas que subtraem por muito tempo os navegantes à convivência das mulheres, obrigando-os a se entregar aos desvarios do amor sexual: d’ai vêm que a repetição desta necessidade que, as primeiras vezes, era enjoadamente suportada, acarreta afinal satisfação gostosa, mais tarde procurada pelas impulsões do vício.³⁴⁹

O livro de Almeida emprega diversas vezes os neologismos “uranista” e “uranismo” que, segundo Gomes Junior, “foram criados pelo alemão dr. Karl Heinrich Ulrichs.”³⁵⁰ A origem dessas palavras está no nome da musa Urânia que, segundo o mito apresentado por Platão, seria

³⁴⁶ Escritor brasileiro pertencente ao movimento realista. Foi jornalista, contista, cronista, romancista e orador. Foi um dos maiores representantes do realismo no Brasil, ao lado de Machado de Assis e Aluísio de Azevedo.

³⁴⁷ *Ibidem*.

³⁴⁸ CAMINHA, Adolfo. Um livro Condenado. *A Nova Revista*, Rio de Janeiro v.1, n.2, p. 41, fev, 1896.

³⁴⁹ ALMEIDA, Pires de. Op. Cit. p. 176.

³⁵⁰ Jurista alemão. Criador da primeira teoria científica a respeito da homossexualidade e defensor de sua não criminalização, a homossexualidade não seria algo monstruoso ou condenável, mas, sim, uma espécie de "hermafroditismo da mente", cuja origem biológica e inata impossibilitaria uma "cura" ou mudança do objeto de paixão do homossexual.

a responsável por inspirar o amor entre pessoas do mesmo sexo”³⁵¹. Nesse sentido, a prática homossexual, nas palavras de Almeida, uranismo, é antiga. O autor recorre a exemplos de Shakespeare e dos povos nativos da América: “Shakespeare, o genial Shakespeare, era uranista confesso. Ao tempo da descoberta da América, já havia uranistas entre os habitantes do Panamá o que denuncia de sobra o vício abominável entre os nativos”³⁵².

De acordo com o ofício da Santa Inquisição, instalado em Portugal a partir de 1553, e do código penal vigente à época, a prática da sodomia era crime, punido com a morte na fogueira; ordem que se estendia às colônias. Somente no Código Penal Imperial, promulgado por dom Pedro I em 1830, a prática deixa de ser criminalizada³⁵³, porém, o indivíduo ainda não estava isento de repressão:

A partir da segunda metade do século XIX, os indivíduos envolvidos em práticas homossexuais começaram a chamar a atenção não só de juristas e juízes, mas de médicos e psiquiatras. Em realidade, podemos perceber neste período uma lenta, complexa e importante transformação; o sodomita, sujeito jurídico definido por um ato criminoso, começou a ser suplantado pelo homossexual, indivíduo de personalidade desviante que não deveria ser julgado por um crime, mas definido e tratado por sua natureza anormal.³⁵⁴

A partir desse novo olhar, vigente ao longo do século XIX, o livro de Almeida, no início do século XX, marca um período de transição sob a ótica dessas relações, que deixam de ser criminais e passam a ser tratadas como parte de uma “natureza anormal”, tal como nas palavras de Machado. Com a Proclamação da República em 1889 e o novo Código republicano fortemente baseados em uma moral burguesa conservadora, aproveitaram-se desse discurso para um controle da homoafetividade. Isso porque, ainda que o ato não fosse ilegal, era possível aplicar punições a partir dos Códigos que davam margem para isso. Gomes Junior destaca quatro deles:

O Artigo 266 enquadrava o que fosse considerado atentado ao pudor, e foi mais aplicado aos casos em que homens adultos praticaram relações sexuais com menores de idade; o Artigo 282, que tratava do “Atentado Público ao Pudor”, podia ser usado contra adultos que realizassem sexo com outros adultos”; o Artigo

³⁵¹ GOMES JÚNIOR, João. “Frescos” e “bagaxas”: apontamentos acerca do discurso médico sobre a homossexualidade e a prostituição masculina no Rio de Janeiro entre 1900 e 1930. In: Simpósio Nacional de História, *Anais*, Universidade de Brasília, Brasília, 2017, p. 6.

³⁵² ALMEIDA, Pires de. Op. cit. p. 29.

³⁵³ GOMES JUNIOR, João. Op. cit. p. 4.

³⁵⁴ MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. *Patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal do Brasil das décadas de 1940 e 1950*. Monografia (Licenciatura em História). UFPA, Curitiba. 2010, p. 8.

379 proibia e perseguia o travestismo; e, por fim, o Artigo 399, a quarta maneira de regular a homossexualidade, punia e prendia quem fosse acusado de vadiagem.³⁵⁵

A base para todos os tratamentos propostos por Almeida é a moralidade. Já nas primeiras palavras de seu livro, o autor deixa clara sua intenção: uma tarefa como deve ser a de todos os médicos, segundo ele, ou ao menos, “médicos filósofos”, em suas palavras, voltada àqueles que não seguem os discursos morais:

Se as lições de moral são inatentamente ouvidas, menos ainda os seus dictames são seguidos e observados; e se, na grande maioria dos casos, homens e mulheres, se submetem a moderação, assim procedem, não com o intuito de regenerar, mas porque as paixões se tem arrefecido: nesse caso ao médico, ao médico filósofo cabe apreciar causas e efeitos que advém tal decadência. Eis nossa tarefa. Mais do que todos os seres, o homem pelas suas paixões, por seus instintos libidinosos, corrompe e arruína a própria saúde, destruindo, portanto, as fontes de vida.³⁵⁶

O autor acredita na doutrinação dos homens e afirma que “houve devassos em todos os tempos, assim como em todos os tempos houve também quem os doutrinasse, quer pela palavra, quer pelo livro”³⁵⁷. E, para comprovar que a moral é o caminho para a cura, o autor questiona:

Por que será que o médico pouco pode fazer quando não tem a confiança do enfermo? Por que, contrariamente, bastar-lhe-ão pílulas e mica panis³⁵⁸ para levantar do leito o enfermo que dele tudo espera, e que nele tudo confia? Que relação inexplicável e misteriosa existe entre a confiança e a cura? Não será a evidência poderosa da ação moral sobre o físico?³⁵⁹

Ao mesmo tempo, o autor define os homossexuais como “invertidos”, no entanto, os diferencia entre “invertidos” e “pervertidos”. Os primeiros seriam os homossexuais, que nascem com desvios sexuais, enquanto que os segundos tornar-se-iam “invertidos” em algum momento da vida, por motivos variados, após experiências sexuais “normais”:

Invertido, distingamos desde logo, são os que já nasceram com a necessidade da homossexualidade, e que desde a infância, nunca sentiram nem apresentaram tendência heterossexual; pervertidos os que, depois de terem sido já sexuais normais, se tornam invertidos por qualquer motivo.³⁶⁰

³⁵⁵ GOMES JÚNIOR, João. Op. cit. p. 5.

³⁵⁶ ALMEIDA, Pires de. Op. Cit. p. 1.

³⁵⁷ Ibidem. p. 3.

³⁵⁸ Definição latina de migalha de pão ou bocado de pão.

³⁵⁹ ALMEIDA, Pires de. Op. cit. p. 188.

³⁶⁰ Ibidem. p. 254.

Os dois podem ser tratados, segundo o médico, porém os “invertidos” devem ser identificados ainda na infância para serem acompanhados por uma tutora que não lhes permita o desvio moral, conduzindo-os ao relacionamento com mulheres. Caso não fosse identificado na infância, o “invertido” estaria destinado ao vício, logo, seria mais difícil seu processo de cura, sendo necessário interná-lo para receber um tratamento mais específico de modo a dirigir sua atenção às mulheres, lendo livros e romances sobre paixões ardentes heterossexuais, participando de encontros, entre outros meios que o autor exemplifica:

[...] quando não tenhamos acompanhado o indivíduo desde a infância e hajamos iniciado o tratamento em idade tardia, medicá-lo pela estética sugestiva, isto é, por meio do magnetismo e da sugestão combinados; bem orientar-lhe o espírito dirigindo sua atenção para a beleza das formas femininas, cercá-lo de modelos celebres em pintura, principalmente, obrigá-lo a leitura de obras românticas em que tais belezas despertem as paixões tumultuosas. Facilitar-se-lhe-a o encontro com mulheres plasticamente sensuais, fáceis, as carícias, graciosas, faceiras; não se hesitara até diante de certos subterfúgios a princípio, tal como, por exemplo, o de provocar o coito invertido com mulheres vestidas de homem ou mesmo obrigá-lo a pernoitar com mulheres completamente nuas, ainda que não as goze.³⁶¹

O autor vai de encontro às teorias racistas que surgiram ainda no século XIX, como as afirmações do médico fisiologista francês Louis Couty, mencionadas por Carula, que, ao analisar as doenças mentais e nervosas, em finais do século XIX, a partir de um estudo sobre o cérebro humano, conclui: “o comportamento do negro era nato, pois o cérebro africano possui uma capacidade insuficiente, conforme atestam as pesquisas científicas”³⁶². Nesse sentido, os africanos são mencionados por Almeida não como inferiores no sentido físico, mas moral, como mais lascivos, ou seja, os mais propensos à sensualidade exagerada. Ele diz:

De resto, todos esses povos, além de precocemente púberes, apressam a nubidade das meninas por meio de gozos prematuros. Os negros mais libidinosos do que debochados em seus prazeres, só procuram, entretanto, saciá-los dentro da ordem natural.³⁶³

Voltando às inspirações de Adolfo Caminha, Howes levanta outra questão: dois eventos que ocorreram e foram noticiados pelos jornais, que, juntos, se assemelham ao enredo de Bom-Crioulo. “Um desses eventos aconteceu em março de 1888 e envolveu o suposto assassinato de um grumete pardo de 16 anos, André Nogueira, que fora assassinado na rua da Misericórdia,

³⁶¹ Ibidem. p. 255.

³⁶² CARULA, Karoline. Op. cit. p. 130.

³⁶³ ALMEIDA, Pires de. Op. cit. p. 23.

onde o romance é parcialmente situado”³⁶⁴. O outro caso aconteceu em Portugal, em 22 de abril de 1886, quando “um cadete da prestigiada Escola do Exército atirou fatalmente em seu colega numa rua próxima a escola em Lisboa”.³⁶⁵ O assassino era o alferes Antônio Augusto Alves Martins Marinho da Cruz e a vítima, Antônio Candido Pereira, de 21 anos. “À medida que os repórteres investigaram as circunstâncias à volta do crime tornou-se evidente que os dois companheiros tinham, aparentemente, tido uma relação homoafetiva”.³⁶⁶

O advogado de Marinho da Cruz, autor do assassinato perpetrado em Lisboa, afirmou que seu cliente, além de ser um “degenerado hereditário”, era epilético. Pela maioria dos votos, o réu foi considerado inimputável, porém ordenou-se que fosse encaminhado para um hospital psiquiátrico. “O veredito causou uma imediata reação de protestos na imprensa portuguesa e questões no Parlamento”³⁶⁷. Naquela época, Portugal não tinha nenhum estabelecimento próprio para tratamento de doentes mentais, o que teoricamente levava a suposição de que, caso o médico psiquiatra constatasse a cura do paciente, ele deveria ser liberto. Howes diz que, “[...] segundo os jornais, a decisão deu carta branca para qualquer um matar com impunidade, alegando temporária insanidade”³⁶⁸, o autor ainda exemplifica a revolta dos jornais com um artigo de *O Ocidente*, que critica a intervenção da medicina e de teorias científicas em assuntos criminais:

Um editorial em *O Ocidente* resumiu o ponto de vista popular. Referiu-se à crescente intervenção da medicina em assuntos criminais e concordou que um crime podia ser atribuído a uma doença mental quando não havia nenhum motivo óbvio. No entanto, quando havia razões lógicas por um crime, não havia necessidade de se procurar explicações científicas modernas. No presente caso, provou-se claramente que foi o ciúme que se apoderara completamente do espírito do assassino. E tendo, nós, o ciúme a explicar o crime, para que demônio precisamos procurar-lhe mais explicações, quando essa explicação é tão cabal, tão lógica, tão profundamente humana.³⁶⁹

Caminha não se refere a nenhum desses crimes e não há provas de que ele tenha tomado conhecimento dos mesmos. No entanto, Howes aponta fortes evidências, alegando que, quando o segundo assassinato ocorreu, Caminha estava em viagem aos Estados Unidos, a bordo do

³⁶⁴ HOWES, Robert. Op. cit. p. 176.

³⁶⁵ Ibidem. p. 177.

³⁶⁶ Ibidem.

³⁶⁷ Ibidem.

³⁶⁸ Ibidem.

³⁶⁹ Ibidem.

Almirante Barroso, mas já estava no Rio de Janeiro quando o assassinato repercutia na imprensa. “A reportagem do assassinato publicado em *O País* apareceu na mesma página que o relato da escala do *Almirante Barroso* na Jamaica”³⁷⁰, o que levanta a possibilidade de que Caminha havia lido o jornal.

O jornal *Diário Popular* descreveu as circunstâncias do caso que, segundo Howes, possuem “uma quantidade considerável de evidências internas com o romance, especialmente no enredo”, se comparado com Bom-Crioulo:

Tinha atualmente 21 anos, era baixo, quase imberbe, muito branco, alourado, de olhos grandes, animados, fisionomia bondosa e simpática. Conta-se que, pouco depois de haver chegado a Lisboa, Marinho da Cruz se lhe afeiçoara e o convidara para ir residir com ele num quarto que tinha alugado, e que Pereira aceitara porque [...] era muito pobre. Desde então eram companheiros inseparáveis em toda a parte. Parece que entre os colegas se levantaram, pelos costumes menos decentes que eram atribuídos a Marinho da Cruz, suspeitas acerca da honestidade daquelas relações; daí vieram gracejos e comentários desfavoráveis para os dois, e que eles repeliavam indignados. Crescendo a má reputação que principalmente recaía sobre o Pereira, este resolveu mudar de residência e ir viver só; [...] dedicara-se seriamente ao estudo e cortara as relações com Marinho da Cruz. [...] num caráter tão irregular como o de Marinho da Cruz parece que todos estes fatos causaram uma terrível impressão. Passou a odiar o Pereira; não podia levar à paciência a quebra de relações, e mais se diz que o seu furor aumentara desde que soubera que o Pereira tinha amores com uma rapariga que por este se apaixonara. Todas estas circunstâncias é que parece terem sido o móvel do crime. Ultimamente Marinho da Cruz abusava das bebidas alcólicas [...].³⁷¹

A descrição do jovem assassinado, Antônio Cândido Pereira, em muito se assemelha a de Aleixo nos aspectos físicos e ambos eram de família pobre, conforme narra Caminha em seu romance:

Aleixo só fazia responder timidamente: Sim senhor com um arzinho ingênuo de menino obediente, os olhos muito claros, de um azul garço pontilhado, e os lábios grossos extremamente vermelhos. Era filho de uma pobre família de pescadores que o tinham feito assentar praça em Santa Catarina, e estava se pondo rapazinho. Seu trabalho a bordo consistia em colher cabos e arear os metais, quando não se ocupava na ronda pela noite.³⁷²

O caso real de Marinho traz a epilepsia ao centro da discussão quando a doença é mencionada como objeto de defesa do acusado. Em *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha não relata que Amaro sofria de epilepsia, mas a menciona como forma de exemplificar e dar forma ao seu estado alterado, violento e doentio que assemelhava-se ao estado de um epilético em crise; o

³⁷⁰ Ibidem. p. 178.

³⁷¹ *Diário Popular*, Lisboa 24 de abril 1886, p. 2. In: HOWES, Robert. Op. cit. p. 179.

³⁷² CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 24.

que ocorre quando o personagem é acometido pelo ciúme, ao tomar conhecimento da traição de Aleixo e ao chegar à casa da rua da Misericórdia: “Faiscavam-lhe as retinas como duas brasas, como dois fogachos por trás da névoa das lágrimas; todo ele vibrava, todo ele tremia como um epilético; vinham-lhe cóleras, ímpetos, aflições...”³⁷³.

O caso Marinho da Cruz toma proporção na imprensa à medida em que deixa dúvidas se o assassino agiu acometido por vingança ou por insanidade. Adolfo Caminha também não deixa claro se seu personagem estava tomado por puro ciúme ou descontrole, influenciado por um “delírio, um vago desejo de matar...”:

Começou, de repente, a sentir uma zoadá no ouvido, um rumor vago de insetos, uma cousa desagradável, incômoda e amofinadora; tremiam-lhe as pernas; ia-se-lhe faltando a respiração. Era um mal-estar, um nervoso, uma aflição, um delírio, um vago desejo de matar, de assassinar, de ver sangue... passou a mão nos olhos, trêmulo, encostando-se à coluna de um gás; quase não podia ter-se em pé: estava sem forças, o hospital enfraquecera-o, debilitara-o horrorosamente, o maldito hospital. Nunca mais havia de lá pôr os pés, nunca mais!³⁷⁴

Após apelo popular, Marinho da Cruz foi levado a um segundo julgamento, que o condenou a oito anos de prisão e vinte anos em pena de desterro ou exílio:

A defesa produziu uma carta do criminologista italiano Cesare Lombroso confirmando que Marinho era um epilético larvado, mas depois de duas horas de debate, o tribunal considerou por unanimidade o réu culpado e o sentenciou a oito anos de prisão e vinte anos de degredo.³⁷⁵

Howes afirma que, na época do assassinato de Antônio Cândido Pereira, o correspondente do jornal *O País*, em Lisboa, comentou que o caso parecia ter sido “arrancado às páginas de algum romance obscuro”³⁷⁶. Como o crime aconteceu cerca de dez anos antes da publicação de *Bom-Crioulo*, a afirmativa do correspondente não pode ser lida como uma suposta associação, mas nada impede que, assim como ele, Adolfo Caminha tenha visto em tal caso relances de inspirações para sua obra.

Contudo, cabe destacar algumas diferenças entre o romance de Caminha e o caso Marinho da Cruz. O crime relatado no jornal ocorreu em Portugal, e, caso fosse a intenção de Caminha se inspirar nele, ao trazer para o Brasil, algumas características emergiriam, como a cor de Amaro. Howes não aponta evidências de que Marinho da Cruz fosse negro, porém, no

³⁷³ Ibidem. p. 95.

³⁷⁴ Ibidem.

³⁷⁵ HOWES, Robert. Op. cit. p. 178.

³⁷⁶ *Diário Popular*, Lisboa 24 de abril 1886, p. 2. In: HOWES, Robert. Op. cit. p. 179.

Brasil, dentro da lógica naturalista, a raça é uma discussão cabível em um cenário de transição da mão de obra escrava para a assalariada.³⁷⁷

O Naturalismo, mais do que qualquer outra escola literária, assumiu a organicidade e a materialidade do corpo e as colocou no centro da narrativa, descrevendo-o com detalhes. Aleixo, que se encontra em fase de puberdade, é descrito como um jovem cujo corpo apresenta características femininas, Matheus Lustoza Santos em seu artigo *A feminilidade de Aleixo e a masculinidade de d. Carolina da obra 'Bom-Crioulo' inseridas em propostas de trabalho para sala de aula*, afirma:

Caminha ao usar a estética naturalista para descrever o personagem Aleixo que se encontra em sua fase de puberdade reverte o processo da personagem, porque ao invés de aos poucos o menino adquirir traços masculinos ele acaba por possuir formas arredondadas semelhantes às de um corpo de uma mulher. Assim o narrador apresenta aos leitores uma visão na qual ao passo que Aleixo é um indivíduo do sexo masculino, o mesmo possui em seu corpo características femininas.³⁷⁸

Nesse sentido, a feminilidade de Aleixo desperta a atração de Amaro: “Depois estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitíssimo”³⁷⁹.

Em *O Cortiço*, Aluísio Azevedo apresenta o personagem Albino, “um sujeito afeminado, fraco, cor de aspargo cozido e com um cabelinho castanho, desvelado e pobre que lhe caía, numa só linha até o pescocinho mole e fino”³⁸⁰. Albino é o único homoafetivo masculino do romance de Azevedo, que interage, sobretudo, com as mulheres, junto às lavadeiras do cortiço.

Por sua vez, a descrição física de Amaro salienta traços de masculinidade: vigor, força física e “fisiologia” marcada por fortes traços masculinos:

Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma

³⁷⁷ HOWES, Robert. Op. cit. p. 179.

³⁷⁸ LUSTOZA SANTOS, Matheus. A feminilidade de Aleixo e a masculinidade de D. Carolina da obra “Bom-Crioulo” inseridas em propostas de trabalho para sala de aula. 4 Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2 Encontro Internacional de Estudos de Gênero. *Universidade Federal do Espírito Santo*. Vitória-ES, 2016, p. 3

³⁷⁹ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 17.

³⁸⁰ AZEVEDO, Aluísio. Op. Cit. p. 66.

ideia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro.³⁸¹

A masculinidade de Amaro e a feminilidade de Aleixo, nas descrições do autor, a partir da apresentação dos personagens, antecipam o processo de conquista, que se assemelha ao de um homem por uma mulher, colocando Aleixo na posição de uma moça conquistada, enquanto Amaro exerce papel ativo e agressivo na conquista. Bom-Crioulo chega a se referir ao companheiro como “namorada” e “menina”³⁸²:

Por vezes tinha querido sondar o ânimo do grumete, procurando convencê-lo, estimulando-lhe o organismo, mas o pequeno fazia-se de esquerdo, repelindo brandamente, com jeitos de namorada, certos carinhos do negro. Deixei disso, Bom-Crioulo, porte-se sério!³⁸³

Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, ficou deslumbrado e por um triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje. Está mesmo apto! Então o espelhinho sempre servira, hein?³⁸⁴

Percebe-se, portanto, o esforço do autor em aproximar a relação homoafetiva de uma narrativa heterossexual, apesar de Amaro também reconhecer seu companheiro como um homem. Matheus Lustoza afirma: “Amaro demora certo tempo para se conscientizar do fato de Aleixo ser um menino e que ele está de fato criando afetos por um homem”³⁸⁵, Lustoza atribui esse espaço de tempo para percepção de Amaro aos parâmetros religiosos e sociais que reprimiram o desejo sexual do personagem³⁸⁶. Por mais que Amaro aproxime Aleixo das características femininas, afirma ser sua masculinidade a característica capaz de lhe despertar desejos, que segundo o personagem, nenhuma outra mulher havia lhe proporcionado: “Ao pensar nisso Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres”³⁸⁷. Quevedo afirma que “não

³⁸¹ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 17.

³⁸² LUSTOZA SANTOS, Matheus. Op. cit. p. 4.

³⁸³ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 34.

³⁸⁴ Ibidem. p. 28.

³⁸⁵ LUSTOZA SANTOS, Matheus. Op. cit. p. 4

³⁸⁶ Ibidem.

³⁸⁷ Ibidem. p. 37.

encontramos outras obras literárias do mesmo período, século XIX, que abordem a relação homoafetiva de forma tão aberta pela ousadia das descrições”³⁸⁸, como o trecho a seguir:

Diziam uns que a cachaça estava deitando a perder o negro, outros, porém, insinuavam que Bom-Crioulo tornara-se assim, esquecido e indiferente, dê que se metera com o Aleixo, o tal grumete, o belo marinheirito de olhos azuis, que embarcara no sul. O ladrão do negro estava mesmo ficando sem vergonha! E não lhe fossem fazer recriminações, dar conselhos... Era muito homem para esmagar um! O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante... Os oficiais comentavam baixinho o fato e muitas vezes riam maliciosamente na praça darmas entre copos e limonadas. Tudo isso, porém, não passava de suspeitas, e Bom-Crioulo, com o seu todo abrutalhado, uma grande pinta de sangue no olho esquerdo, o rosto largo de um prognatismo evidente, não se incomodava com o juízo dos outros. Não lho dissessem na cara, porque então o negócio era feio... A chibata fizera-se para o marinheiro: apanhava até morrer, como um animal teimoso, mas havia de mostrar o que é ser homem!³⁸⁹

Aleixo, por sua vez, não se apaixonava rapidamente por Bom-Crioulo, nem sente por ele, de imediato, qualquer desejo sexual. O grumete enxergava o marinheiro negro, de início, como amigo e protetor. Com o passar do tempo, porém, aceita as investidas do ex-escravo: “O grumete aceitava tudo com um ar filial, sem procurar a razão de todo esse esmero”³⁹⁰.

Amaro conduz a relação que se constrói, de forma que, no decorrer do livro, o leitor vai percebendo que Aleixo é dominado na relação, transformando-se na medida do que Bom-Crioulo desejava: “No fim de alguns dias Aleixo estava outro e Bom-Crioulo contemplava-o com esse orgulho de mestre que assiste ao desenvolvimento do discípulo”³⁹¹. E, na medida que o romance toma forma, os pensamentos do protagonista vão de encontro à mentalidade do século XIX, que o perturba e o censura: “Maldita hora em que o pequeno pusera os pés a bordo! Até então sua vida ia correndo como Deus queria, mais ou menos calma, sem preocupações incômodas, ora triste, ora alegre é verdade, porque não há nada firme no mundo, mas enfim, ia-se vivendo”³⁹². Ou ainda:

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? Tudo isto fazia-lhe confusão no espírito,

³⁸⁸ QUEVEDO, Cristian Abreu de. Op. Cit., p. 79.

³⁸⁹ CAMINHA, Adolfo. Op. cit. p. 23.

³⁹⁰ Ibidem. p. 28.

³⁹¹ Ibidem.

³⁹² Ibidem.

baralhando ideias, repugnando os sentidos, revivendo escrúpulos. É certo que ele não seria o primeiro a dar exemplo, caso o pequeno se resolvesse a consentir... Mas instinto ou falta de hábito alguma cousa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que os outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés... Não vivera tão bem sem isso? Então, que diabo! não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança... Quando sentisse a necessidade, aí estavam mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas... a escolher!³⁹³

A narrativa da relação que se constrói entre Amaro e Aleixo chega a descrever os personagens se aproximando para o sexo, mas não de forma explícita. Revela-se indícios de que se aproximavam para o ato e, então, o narrador interrompe, fecha a cena, e decreta: “E consumou-se o delito contra a natureza”³⁹⁴, demonstrando seu parecer a respeito da relação homossexual, o que não nos impede, mais uma vez, de entender as motivações dos personagens; tanto as de Amaro, apaixonado pela primeira vez na vida, quanto as de Aleixo, seduzido pela força do Bom-Crioulo, pela proteção que oferecia ao jovem grumete e, especialmente, por sua lealdade.

No decorrer do romance, a relação entre os personagens se solidifica a ponto de despertar rumores, mas não represálias, talvez resguardada pela valentia de Amaro. No entanto, a violência social da qual Amaro supostamente protege Aleixo é transferida para dentro da própria relação. O jovem grumete passa a se incomodar com certas práticas sexuais impostas por Amaro, que o obrigaria a “excessos”:

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma “mulher-à-toa” propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pelo: queria ver seu corpo.³⁹⁵

Nesse contexto, já insatisfeito com o tratamento que vinha recebendo de Amaro, enquanto o companheiro encontra-se no couraçado, afastado do quartinho na rua da Misericórdia, dona Carolina e Aleixo envolvem-se. São narradas então, conforme referido, cenas de uma relação heterossexual. No entanto, a forma como a relação é exposta deixa dúvidas ao leitor, tanto pela feminilidade de Aleixo – que Caminha chega a mencionar como “hermafroditismo” –, como pela masculinidade de dona Carolina. Logo na primeira relação

³⁹³ Ibidem. p. 27.

³⁹⁴ Ibidem. p. 35.

³⁹⁵ Ibidem. p. 45.

com Aleixo, “d. Carolina cevou o seu hermafroditismo agudo com beijos e abraços e sucções violentos...”³⁹⁶.

Quevedo afirma ser a primeira vez em um romance brasileiro que a palavra hermafroditismo aparece em uma cena de cunho sexual: “Ora, o termo usado na época refere-se a quem possui órgãos reprodutores de ambos os sexos ou apresenta características sexuais secundárias masculinas e femininas”³⁹⁷. Pela descrição da obra, dona Carolina é uma mulher, no entanto, descrita como “mulher-homem”, como em trecho já anteriormente citado.

A agressividade sexual de d. Carolina, o ímpeto de conquistar um homem e cortejá-lo, revestem a personagem, segundo padrões vigentes à época, de características masculinas³⁹⁸. Principalmente se considerarmos o fato de dona Carolina proceder de forma semelhante a Amaro para conquistar Aleixo; oferecendo a ele segurança e proteção. Nesse sentido, enquanto a portuguesa acaba por adquirir feições comportamentais masculinas, Aleixo, em sua passividade sexual e seu comportamento tímido, gentil e hesitante, apresentaria características que o aproximariam de uma mulher.

A feminilidade de Aleixo, descrita por Amaro, pode ser lida como uma maneira mais fácil de se lidar com a sua homoafetividade; ver em Aleixo os traços de uma mulher, algo próximo aos padrões de relacionamento heteronormativos. Porém, quando a feminilidade de Aleixo permanece diante de dona Carolina, não sabemos se o jovem ganhou traços femininos ao longo de sua vida ou se a percepção de dona Carolina estava influenciada pela narrativa do próprio Amaro, nem tão pouco se a masculinidade da mulher era o ponto entre ser e não ser feminino de Aleixo.

Aleixo, mesmo distante do contato homoafetivo, permanecia com suas características afeminadas; dona Carolina, ex-prostituta, ainda que não cobrasse pelo ato sexual, permanecia promíscua e Amaro, conforme afirma Bezerra, “[...] termina o romance, decretando o destino do homoafetivo na literatura oitocentista: a doença, a prisão ou a morte”³⁹⁹.

Buscamos, neste capítulo, analisar aspectos importantes da obra de Caminha e suas relações com a estética e os pressupostos cientificistas do Naturalismo. Aspectos esses que fazem de *Bom-Crioulo* uma fonte para o historiador perceber manifestações de preconceito e

³⁹⁶ Ibidem. p. 72.

³⁹⁷ QUEVEDO, Cristian Abreu de. Op. cit. p. 86.

³⁹⁸ Ibidem. p. 76.

³⁹⁹ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 381.

discriminação formulados ao longo do tempo, muitas vezes com base em teorias científicas tomadas como paradigmas e readaptadas em diferentes contextos sociais. Assim como a imagem do negro é associada ao trabalho, ao regime escravocrata e às teorias evolucionistas, a homossexualidade é cercada de correntes que se preocupam em descobrir suas causas conduzindo seus estudos de modo a associá-la à promiscuidade e, conseqüentemente, à doença, tratando-a como homossexualismo.

Bom-Crioulo, como uma obra naturalista, aborda o que há de mais moderno, em termos científicos, no final do século XIX. Carlos Eduardo Bezerra afirma que “para escrevê-lo Caminha valeu-se de trabalhos de criminalistas e estudiosos cujos interesses, então, despontavam pela sexualidade humana”⁴⁰⁰. No entanto, na intenção de escrever uma obra que contemplasse teorias científicas em circulação no Brasil e no contexto internacional, Adolfo Caminha terminou por receber diversas críticas por parte de importantes literatos do período, como Valentim Magalhães⁴⁰¹, Artur Azevedo⁴⁰² e Coelho Neto.⁴⁰³ As críticas, em sua maioria, taxavam sua obra como pornográfica e inapropriada para leitura, conforme abordaremos no capítulo seguinte, que trata da recepção crítica de *Bom Crioulo*.

3 A RECEPÇÃO CRÍTICA DE *BOM-CRIOULO*

3.1 A popularização do livro no final do século XIX

“Nós, preferimos ao estilo, à arte um bom enredo, uma história de sangue cheia de mistérios, comovente, arrebatadora! É disso que o povo gosta, e nós, a respeito de gosto literário, só conhecemos o povo”.⁴⁰⁴

O trecho acima, escrito por Adolfo Caminha e citado por Alessandra El Far, é reflexo de um processo ainda recente em terras brasileiras à época: a popularização do livro. O autor

⁴⁰⁰ Ibidem. p. 384.

⁴⁰¹ Antonio Valentim da Costa Magalhães foi jornalista, escritor e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

⁴⁰² Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo foi um dramaturgo, poeta, contista, prosador, comediógrafo, crítico e jornalista brasileiro. Ao lado de seu irmão, o escritor Aluísio Azevedo, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

⁴⁰³ Henrique Maximiano Coelho Netto foi um escritor, político e professor brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras onde ocupou a Cadeira número 2. Foi considerado o "Príncipe dos Prosadores Brasileiros", numa votação realizada em 1928 pela revista *O Malho*.

⁴⁰⁴ CAMINHA, Adolfo, apud EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 11.

naturalista afirma escrever para o “povo” e, possivelmente, no trecho em destaque, defende-se de uma série de críticas às suas “histórias cheias de sangue”, que, não obstante, atraíam leitores, em um cenário de mudanças do mercado editorial. Os livros, que antes eram destinados a uma pequena parcela da população, em finais do século XIX, tornaram-se de fácil acesso pelas ruas cariocas, modificando não só a relação entre autores, editores e livreiros com os leitores, mas com o próprio conceito de cultura.

A frase de Adolfo Caminha se inscreve no cenário de intensas mudanças em curso ao final do século, principalmente na capital. A abolição da escravidão, que impulsionou a migração de escravos libertos do campo para cidade, atrelada à vinda de imigrantes europeus para a América, por sua vez respaldada em teorias de embranquecimento populacional, foram fatores que suscitaram a formação de um espaço urbano mais populoso e diversificado.⁴⁰⁵

Além da quantidade de homens livres e da vinda de imigrantes europeus, El Far chama atenção para outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento da capital federal em relação à produção livreira, dentre eles: o aumento de profissionais liberais e o estabelecimento de uma população assalariada⁴⁰⁶ atrelada às inovações tecnológicas de impressão.

A proclamação da República e o fim do sistema escravocrata deram ensejo a uma fase de grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural que já se encontrava havia algum tempo em processo de gestação. A chegada das inovações tecnológicas de impressão, que viabilizaram a produção de exemplares mais baratos, a entrada maciça de imigrantes dispostos a se instalarem no mercado varejista munidos de um pequeno capital trazido na bagagem, o número sempre crescente de escravos libertos capaz de compor um aglomerado cada vez maior de consumidores em potencial, os pequenos progressos no processo de alfabetização, dentre outros aspectos, fomentaram o desenvolvimento desse mercado livreiro.⁴⁰⁷

À medida que a população crescia, a produção de livros nacionais ganhava leitores e os editores procuravam publicações que atingissem um número cada vez maior de consumidores, extrapolando as fronteiras econômicas que antes limitavam a compra de livros apenas a um grupo específico. Danielle Christine Othon Lacerda traz um panorama acerca do crescimento editorial a partir de 1822, com a Independência do Brasil e o fim do rigoroso controle da circulação de impressos, que colaboraram para a vinda de imigrantes naquele período, especialmente franceses que fugiam do regime da Restauração Monárquica, após a derrota de Napoleão Bonaparte. Ela afirma:

⁴⁰⁵ EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 42.

⁴⁰⁶ Ibidem. p. 12.

⁴⁰⁷ Ibidem. p. 29.

Com o fim do rigoroso controle da circulação de impressos no Brasil em 1822 é perceptível um relativo crescimento do mercado editorial no Brasil, impulsionado também pela insipiente liberdade de mercado que atraía profissionais estrangeiros do mercado editorial, principalmente franceses. O período conturbado que vivia a França com a restauração do regime monárquico motivou o exílio voluntário de franceses bonapartistas.⁴⁰⁸

Lacerda atribui boa parte do fortalecimento do hábito de leitura no Brasil, reforçado durante o século XIX, e o crescimento do mercado editorial naquele mesmo período, aos franceses. Afinal, segundo a autora, é “importante lembrar que a França era, para os brasileiros, o centro literário, científico e industrial de toda a Europa e, por consequência, do mundo”.⁴⁰⁹ O modelo francês, que foi sendo incorporado ao cotidiano do Rio de Janeiro naquele início de século (no âmbito do apelo crescente exercido pela cultura europeia, que se inseria na capital ao longo do oitocentos), não pôde, evidentemente, ser adotado em sua totalidade, diante das especificidades que marcavam o contexto histórico do país – entre elas, a vigência do regime escravagista – e o diferenciavam sensivelmente das potências europeias. Nesse sentido, o acesso à leitura e à cultura nos moldes europeus estava restrito a uma parcela da população, representada pelas classes médias e altas:

A constituição de um *habitus*, em que a representação da cultura, dos comportamentos, da educação nos moldes europeus, difundidos por mediadores culturais, como os próprios imigrantes europeus, visitantes, elite ilustrada brasileira é bem mais claro entre os meios sociais representados pelas camadas médias e altas. Assim, pode-se inferir que os leitores destas camadas constituíam uma parcela da sociedade do Rio de Janeiro que haveriam de passar a ter um gosto especial pela literatura francesa, tanto pelas imposições do mercado editorial de bases francesas, pela percepção de que a França é a capital cultural da Europa, sendo assim, passível de importação de modelos desejados e simbolismo.⁴¹⁰

O que restringe o acesso à leitura nos primeiros anos do século XIX é, principalmente, o baixo índice de alfabetização e o alto custo do livro, que, segundo a autora, “diferente da situação na França, onde boa parte da população urbana sabia ler e tinha acesso aos livros mais baratos, o mercado editorial brasileiro andava a passos lentos nas duas primeiras décadas do século XIX, em grande parte devido ao monopólio imperial nas atividades de edição e impressão”.⁴¹¹ Esse cenário se modificava na medida em que o mercado editorial passava ao

⁴⁰⁸ LACERDA, Danielle Christine Othon. O crescimento do mercado editorial impulsionado pela literatura de folhetim no século XIX, *7ª Conferência Internacional de História Econômica e IX Encontro de Pós-Graduação em História Econômica*, 2018, p. 6.

⁴⁰⁹ Ibidem. p. 7.

⁴¹⁰ Ibidem. p. 8.

⁴¹¹ Ibidem. p. 9.

modelo de livre comércio e o governo imperial abria as portas para a introdução de novos agentes econômicos, ainda nas primeiras décadas.⁴¹² Ou seja, a popularização do livro foi viável, em grande medida, graças à extinção do monopólio imperial no comércio de livros e, anos depois, à queda dos índices de analfabetismo no Rio de Janeiro:

O índice de analfabetismo no Rio de Janeiro, naquele final de século, era o mais baixo do país. Enquanto 80% dos brasileiros não sabiam ler nem escrever, quase metade da população carioca aparecia, nos dados oficiais, liberta desse mal. Segundo o censo de 1890, a população da capital federal era de 522 mil habitantes, um número que praticamente havia dobrado em relação ao recenseamento de 1872. Desse meio milhão de moradores, 57,9% dos homens e 43,8% das mulheres foram registrados como alfabetizados, o que representa, em termos numéricos, cerca de 270 mil pessoas capazes de ler e escrever.⁴¹³

Os números apresentados se referem, especificamente, ao Rio de Janeiro e não condizem com a realidade do restante do país, pois, de acordo com Hélio Seixas Guimarães, “em 1890, apenas 16 ou 17 em cem habitantes do país estavam aptos à leitura”⁴¹⁴. O autor também afirma que a concentração de publicações e de leitores na capital era motivo de insatisfação de intelectuais como Silvio Romero⁴¹⁵. Neste sentido, Guimarães observa:

Já no século XIX, Sílvia Romero indignava-se com o abismo que separava os homens de letras e o público e com a extrema concentração da produção literária no Rio de Janeiro, situações que reproduziam no universo das letras o isolamento e a centralização que também marcavam a esfera política.⁴¹⁶

Guimarães salienta ainda o abismo existente entre os índices de alfabetização vigentes em países europeus e no Brasil:

Enquanto em 1878 Inglaterra e França tinham respectivamente 70% e 77% de alfabetizados, em meados do século XIX os Estados Unidos já eram considerados uma nação de leitores, com 90% da população branca alfabetizada e um leitorado de livros, jornais e revistas que já superava o britânico.⁴¹⁷

Enquanto no Brasil, completa o autor:

⁴¹² Ibidem.

⁴¹³ EL FAR, Alessandra. Op. Cit., p. 12.

⁴¹⁴ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em Teoria e História Literária, UNICAMP. São Paulo, 2001, p. 21.

⁴¹⁵ Escritor, professor e político brasileiro. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº. 17. Foi também pensador social, folclorista, poeta, jornalista e crítico literário. Era sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

⁴¹⁶ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Op. Cit., p. 21.

⁴¹⁷ Ibidem p. 36.

Ao longo de todo o século XIX os alfabetizados não ultrapassaram os 30% da população brasileira, e não se verificaram alterações de perfil e dimensão do leitorado semelhante às que acompanharam a emergência do romance na França, Inglaterra e Estados Unidos. Em 1872, apenas 18,6% da população livre e 15,7% da população total, incluindo os escravos, sabiam ler e escrever, segundo dados do recenseamento; entre a população em idade escolar (6 a 15 anos), que somava 1.902.454 meninos e meninas, apenas 320.749 frequentavam escolas, ou seja, 16,9%. Já em 1890, a porcentagem diminuiu: apenas 14,8% sabiam ler e escrever. Ainda segundo o censo de 1872, que apurou uma população de quase 10 milhões de habitantes, apenas 12 mil frequentavam a educação secundária e havia 8 mil bacharéis no país. Esses dados indicam o leitorado potencial, o que significa que o número de pessoas efetivamente capazes de ler e escrever era certamente muito menor.

Em contrapartida, dados da capital federal, entre 1872 e 1920, apontam um aumento significativo nos índices de alfabetização, conforme demonstra El Far:

O percentual de pessoas alfabetizadas na capital federal subiu de 35,2% em 1872 para 50%, em 1890, e 61,1%, em 1920. Isso significava que, diferentemente do restante do país, onde aproximadamente 80% das pessoas não sabiam ler, no Rio, a partir de 1890, mais da metade da população seria considerada leitora em potencial.⁴¹⁸

Contudo, os dados divulgados, segundo a autora, podem apresentar distorções, visto que estávamos diante de uma população de milhares de negros libertos sem acesso à instrução. Tendo a abolição ocorrido em 1888, contar com mais da metade da população carioca alfabetizada apenas dois anos depois parece pouco realista. Assim, segundo El Far, “ao sabor do otimismo republicano, [os dados oficiais] podem apresentar alguns excessos”.⁴¹⁹

Todavia, ainda que com possíveis retoques estatísticos, a sociedade carioca viu crescer de forma significativa uma camada urbana e alfabetizada, com apreço pelos comerciantes de livros, que, neste final de século, renunciavam à produção de edições de luxo para conquistar uma nova clientela em expansão.⁴²⁰ Segundo El Far: “O leitor carioca de finais do século XIX, sedento de algumas novidades literárias, atrás de um autor específico ou até mesmo de um título pouco recomendado aos amantes das belas-letas, dificilmente voltaria para casa de mãos vazias”.⁴²¹ El Far traça um panorama do centro do Rio de Janeiro abarrotado de livros e livrarias “ao alcance de todos”.⁴²² Neste sentido, a autora afirma: “Nos primeiros anos da década de 1880, diversos comerciantes voltaram-se para o ramo livreiro. Se em 1870, 1875 e 1880, o

⁴¹⁸ EL FAR. Op. Cit. p. 70.

⁴¹⁹ Ibidem. p. 71.

⁴²⁰ Ibidem.

⁴²¹ Ibidem. p. 27.

⁴²² Ibidem.

número de lojas que vendiam livros girava em torno de trinta, em 1885 e 1890 essa cifra subia para cinquenta [...]”⁴²³

As publicações não estavam disponíveis apenas em livrarias. Hélio de Seixas Guimarães faz referência aos vendedores ambulantes de meados do século XIX, que iam de porta em porta oferecendo as obras recém-chegadas da metrópole. Juntamente com chapéus, bolsas, charutos, os livros eram levados por “um preto de balaio na cabeça a vender romances”⁴²⁴. O autor vale-se de uma citação de Manuela Cunha para informar como seria esse comércio pelas ruas cariocas:

Por preceito, por decoro, para evitarem o espetáculo tido por indecente que os negros seminus oferecem no centro da cidade, as mulheres brancas pouco saem de casa. Em contrapartida, todo o comércio vem a elas: vendedores de flores, de maçãs importadas dos Estados Unidos, de frutas e legumes, de galinhas e perus, de livros edificantes ou de novelas, de tecidos, gorros de seda, sapatos, facas, moringas, cristais, porcelanas.⁴²⁵

Dessa forma, o acesso à leitura era pauta nas discussões entre os literatos brasileiros, que começaram a expor em artigos de jornais suas opiniões sobre se, de fato, o brasileiro era ou não um público leitor. Alguns chegaram à conclusão de que “nosso país lia”, enquanto outros afirmaram com convicção que o Brasil era formado por uma população iletrada:

Tendo em vista o movimento das livrarias, os estoques encalhados, a venda de jornais, os novos hábitos de leitura, os índices de analfabetismo, o número de exemplares de cada edição, a publicação de autores nacionais, alguns chegavam à conclusão de que ‘o nosso país lia’, enquanto outros afirmavam que o Brasil era iletrado, ‘pela razão única e terrível de não saber ler’.⁴²⁶

Guimarães supõe que houvesse mais autores, ao final do século, que leitores, o que se constata pela grande produção livreira e pela aglomeração de livros nas estantes, que demoravam a esvaziar. O autor faz um levantamento das ocupações profissionais vigentes na década de 1870 no Rio de Janeiro e expõe o seguinte quadro:

Os 235.381 habitantes, compostos de 185.289 pessoas livres e 50.092 escravos, estavam divididos em 424 eclesiásticos, 7.646 militares, 3.066 empregados públicos, 2.806 indivíduos que seguiam profissões literárias, 21.583 comerciantes, 245 capitalistas, 1.522 proprietários, 13.560 lavradores, 1.393 pescadores, 1.603 marítimos, 44.381 indivíduos empregados na indústria, 3.275 em serviços de agência, 53.160 domésticos e 80.717 habitantes cuja profissão não foi possível determinar. Ainda que as profissões literárias incluíssem jornalistas,

⁴²³ Ibidem. p. 32.

⁴²⁴ GUIMARÃES. Hélio de Seixas. Op. Cit. p. 33.

⁴²⁵ CUNHA, Manuela Carneiro da, apud GUIMARÃES. Hélio Seixas de. Op. Cit. p. 33.

⁴²⁶ Ibidem. p. 70.

escreventes, secretários e toda a gente que escreve, 2.806 é um número alentado se considerarmos que os livros, na melhor das hipóteses lançados em edições de mil e quinhentos exemplares, demoravam anos para se esgotar. Isso faz supor que nem aqueles que escreviam profissionalmente prestigiavam os colegas da pena com a compra de um exemplar. Ou que talvez houvesse mais escritores que leitores, disparate não de todo inverossímil em se tratando do Brasil.⁴²⁷

No entanto, ainda que em um cenário de popularização de livros, as obras nacionais não superavam as edições estrangeiras. Adolfo Caminha chegou a afirmar que “a mocidade brasileira não lê obras nacionais, agarra-se no romance estrangeiro com um entusiasmo verdadeiramente lamentável”⁴²⁸. Alencar, em 1875, declara-se “de sobra convencido que a plateia fluminense estava em anacronismo de um século com as ideias do escritor”⁴²⁹ e defende que caberia ao escritor brasileiro atualizar o gosto dos seus conterrâneos. Nesse sentido, ao longo de todo século XIX, ainda vigorava forte tendência de valorização da cultura estrangeira – sobretudo europeia e destacadamente francesa – o que fez com que autores brasileiros daquele século desempenhassem diversos papéis em busca de sua sobrevivência:

A falta de público e a pouca especialização do trabalho intelectual faziam com que o escritor brasileiro do século 19 desempenhasse simultaneamente papéis que na matriz estavam distribuídos entre vários escritores. Assim, o escritor brasileiro via de regra era também crítico e homem de teatro, e sua produção englobava desde o panfletarismo até a pesquisa estilística. Como seu leitorado estava dividido entre o "grosso público" e a crítica, e nenhum desses grupos era suficientemente numeroso para sustentar uma produção literária, o escritor não podia se dar ao luxo de descartar nem um nem outro, ainda que o trecho revele desprezo pela literatura de apelo mais popular.⁴³⁰

Guimarães traz o exemplo da obra *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, que, mesmo sendo um dos casos raros de considerável repercussão e popularidade editorial em 1881, não foi o suficiente para dar uma vida confortável ao autor, “o romance anticlerical provocou mais reação e escândalo no Rio de Janeiro do que as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, saídas em livro no mesmo ano”⁴³¹. A situação de Azevedo foi notada por Valentim Magalhães que, em 1896, o apontou como, talvez, o único escritor brasileiro “que ganha o pão exclusivamente à custa de sua pena, mas note-se que apenas ganha o pão; as letras no Brasil ainda não dão para a

⁴²⁷ GUIMARÃES. Hélio de Seixas. Op. Cit. p. 44.

⁴²⁸ CAMINHA. Adolfo. *apud*, GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Op. Cit. p. 46.

⁴²⁹ Aluísio Azevedo, *Os Mistérios da Tijuca*, cap. LXI. *apud* MEYER, Marlyse. *Folhetim - Uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 306.

⁴³⁰ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Op. Cit. p. 49.

⁴³¹ *Ibidem*. p. 43.

manteiga”⁴³². Conforme afirma Guimarães, “em realidade, a atividade literária não garantiu o sustento nem de Azevedo nem de qualquer outro escritor brasileiro até pelo menos 1930”⁴³³.

A influência europeia afirmava sua força sobre a produção literária e a atividade editorial nacionais, muito embora a realidade brasileira, em diversos aspectos (econômicos, sociais e culturais), diferisse da europeia. Assim, “muitos dos romances voltados ao ‘povo’, escritos por autores brasileiros, foram inspirados nos enredos europeus ou escolas literárias em voga no Velho Mundo, mas nem por isso perderam sua originalidade”⁴³⁴. É nesse contexto que surgem os romances naturalistas brasileiros, que vão ao encontro das oportunidades geradas pelo crescimento do mercado editorial. Seus enredos polêmicos, que envolvem prostituição, adultério, alcoolismo e sexualidade, geravam escândalo e fascinação, ao romper com o habitual e levantar, de forma direta e explícita, temáticas inexploradas, consideradas imorais e grandes tabus à época. O escândalo e a polêmica gerados em torno de tais publicações atraíam leitores, reforçando as vendas, os lucros e a popularidade dos romances ultrarrealistas.

Assim, as obras naturalistas, ainda segundo El Far, contaram com o interesse dos editores que “ficavam atentos aos textos escandalosos que pudessem gerar euforia nos consumidores, comentários indignados nos jornais, polêmicas nos círculos letrados, garantindo, dessa forma, alguns milhares de exemplares vendidos”⁴³⁵. Enquanto os editores se interessavam pelos lucros gerados em torno das polêmicas que as obras naturalistas poderiam suscitar, investindo em sua publicação e contribuindo para sua difusão e popularização, os escritores naturalistas, por sua vez, sentiam-se integrados aos avanços científicos da modernidade, caminhando em uma perspectiva oposta ao Romantismo e comprometendo-se a explorar de modo realista, a partir de isenção e objetividade científicas, temáticas inexploradas, até então, pela literatura.

A literatura, como dizia Silvio Romero, não deveria ser mais “um acervo de mentiras”, nem “criações aéreas, despidas de verdade e oriundas de fantasias desregradadas”, mas sim “um conjunto de documentos humanos tomados ao vivo”. Em face dessas premissas, os escritores mantinham-se informados sobre estudos científicos em voga. Muitas vezes, tomavam de empréstimo termos técnicos para

⁴³² MAGALHÃES. Valentim. Op. Cit. p. 43.

⁴³³ Ibidem.

⁴³⁴ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 16.

⁴³⁵ Ibidem. p. 248.

discutir as patologias, crises históricas, nervosas e instintos bestiais expressos em suas personagens.⁴³⁶

Os escritores naturalistas assumiram, assim, a proposta de escrever sobre a realidade que os cercava, levando em conta, nas palavras de Romero, “os estudos científicos em voga” na Europa. Isto em um contexto em que a popularização dos livros no Rio de Janeiro esteve diretamente atrelada às mudanças sociais, econômicas e culturais em curso na capital, e a produção literária não ficaria indiferente às novas classes de leitores que se formavam. Nelson Werneck Sodré procurou escrever sobre a história da literatura atrelada à história socioeconômica do país. O autor afirma:

É nesta fase que vamos vivendo que os escritores, em nosso país, aproximam-se da vida, isto é, do que os rodeia, da terra, da gente, dos dramas e dos problemas próprios do nosso meio e do nosso tempo, elaborando uma literatura peculiar, original, brasileira. E tão-somente por isso é que nos distanciamos da periodicidade adotada, com suas poucas variações, para obedecermos ao critério histórico, mostrando como o desenvolvimento literário em nossa terra obedeceu às contingências econômicas, políticas e sociais que lhe impuseram um período colonial, na vigência da subordinação à metrópole, um período de elaboração nacional, na vigência de uma estrutura econômica levantada na fase de subordinação, e um período, ainda recente, caracterizado como nacional, quando o Brasil adquire os traços que definem a nação, entre os quais se destaca, pela sua importância, o da participação do povo na obra nacional, inclusive literária pelo conhecimento e pelo interesse com que começa a encará-la e recebê-la.⁴³⁷

Para Sodré, a relação entre os leitores e os personagens representados na literatura durante o século XIX, estavam atrelados à sede por representação do público que consumia os romances, em sua maioria mulheres e estudantes. Ele diz:

Estudantes e mulheres, no quadro urbano da sociedade imperial, constituem, pois, o público literário, na sua maior parte. Figuram nos romances, também, como as personagens fundamentais. Estudantes e mulheres da mesma classe, em regra em que pese o caso isolado do moço de família empobrecida, mas vinculado à classe que detém a riqueza: via de regra, nos romances, o autor seguindo os preceitos da época e do meio, lhe dá a esposa e lhe dá a riqueza.⁴³⁸

Hélio Guimarães afirma que os primeiros romances brasileiros são, de fato, povoados por personagens femininas e estudantes, ou seja, por representações e enredos com os quais o público que adquiria as obras e consumia os livros poderia se identificar:

[...] a produção literária está intrinsecamente ligada à realidade social. Os primeiros romances brasileiros – de Joaquim Manuel Macedo, José de Alencar e do primeiro Machado de Assis – são de fato povoados por mulheres e estudantes,

⁴³⁶ Ibidem. p. 248.

⁴³⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1995, p. 325.

⁴³⁸ Ibidem. p. 360.

personagens com os quais o público leitor de então em sua maioria composto desses estratos, tinha possibilidade de se identificar.⁴³⁹

O final do século XIX, ao mesmo tempo em que abarca uma quantidade variada de leitores, os incorpora em seus enredos, e é a partir desse contexto que, não por coincidência, os romances naturalistas brasileiros, mesmo que inspirados em parâmetros e modelos literários europeus, retratavam de forma crua a realidade encontrada nas ruas cariocas. Aluísio de Azevedo, por exemplo, ao escrever sobre *O Cortiço*, “[...] penetrou em todas as imaginações e sempre tirou o seu prestígio do fato de parecer uma imagem poderosa e direta da realidade”⁴⁴⁰.

O romance *Bom-Crioulo* também foi publicado neste contexto, atrelado ao interesse dos editores, em especial Domingos de Magalhães, e ao caráter polêmico e transgressor que marcou a obra. Caminha elaborou seu romance a partir de parâmetros e pretensões do cientificismo de finais do século e ofereceu, ao público leitor em expansão, assuntos “proibidos” e escandalosos para os padrões da época, os quais são abordados de forma crua e direta em *Bom-Crioulo*: homossexualidade, traição, prostituição e crime passionai.

3.2 O mercado editorial carioca

A década de 1890 é marcada por mudanças significativas no cenário de produção de livros no Rio de Janeiro, a partir, dentre outros fatores, da morte de dois editores importantes do período: Henrique Laemmert e Baptiste Louis Garnier⁴⁴¹. Este, segundo El Far, “trazia para si o requinte e o bom gosto pertencentes a um grupo seletivo de intelectuais”⁴⁴², enquanto aquele “optou por um terreno ainda inabitado, os das obras de referência, científicas e seriadas”⁴⁴³.

Garnier foi figura fundamental para a definição do mercado das publicações brasileiras “por ter sido o primeiro editor a publicar sistematicamente autores nacionais, tendo lançado 655 trabalhos de autores brasileiros no período 1860-1890, além de muitas traduções de autores estrangeiros, como Dumas, Hugo Montepin, Feuillet etc.”, afirma Guimarães⁴⁴⁴.

⁴³⁹ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Op. Cit. p. 22.

⁴⁴⁰ CANDIDO, Antonio. Op. Cit. p. 119.

⁴⁴¹ EL FAR, Op. Cit. p. 42.

⁴⁴² Ibidem. p. 39.

⁴⁴³ Ibidem. p. 40.

⁴⁴⁴ GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Op. Cit. p. 63.

Adolfo Caminha, em uma crônica na qual afirma, supostamente, não conhecer o editor, reproduz um diálogo sobre a morte de Garnier:

Uma ocasião, íamos, eu e um amigo, pela rua dos Ourives, quando esse, estacando, e com a voz misteriosamente sepulcral, chamou a minha atenção para um homenzinho baixo, meio encarquilhado e senil, mas, todavia, forte e bem-disposto, que seguia pela outra calçada.

– Conheces?

– Não; alguma notabilidade?

– Oh, homem! o Garnier, o velho Garnier, o editor Garnier!

E ajuntou com respeito:

– Uma fortuna! Quase todos os escritores brasileiros, desde Alencar, têm pago seu tributo ali, ao velho.

E o meu amigo, trocista incorrigível, entrou a narrar episódios da vida de Garnier, alguns dos quais me fizeram rir.

Dias depois o bom velho entregava a alma a Deus e um belo dote à família.⁴⁴⁵

Ao publicar o diálogo acima, apesar de reconhecer sua força e disposição, Caminha ressalta aspectos negativos na figura de Garnier, que podem ser lidos como ironia, uma vez que o autor não possuía simpatia pelos editores da época, visto que o “furor da riqueza” os possuiria. É o que podemos ver no trecho, retirado da crônica “Editores”, mencionado por El Far:

Inconstantemente uma das causas que muito aflui no ânimo dos nossos escritores, obrigando-os ao recolhimento, à vida obscura de autores inéditos, a uma espécie de ascetismo literário duas vezes prejudicial, roubando-lhes o estímulo e amesquinhando-lhes o talento, é o monopólio, a ganância, a desenfreada ambição do elemento editor.⁴⁴⁶

As críticas de Caminha também atingem a imprensa que, segundo o autor, cobre de elogios os editores, “transformando-os em semideuses”.

Todo editor em nosso país é, por sistema, um “benemérito”, um “protetor das letras pátrias”, um “incansável”. A imprensa cobre-o de elogios, mete-o numa roda viva de aplausos, toca o búzio do reclame, transforma-o numa espécie de semideus glorioso, aureolado por um clarão de fofa imortalidade. Por quê? Pela simples razão de haver editado qualquer livrinho de versos, que não lhe custou dinheiro, que não lhe deu trabalho, e cuja publicação foi autorizada por uma natural veleidade de poeta bisonho. Eis aí o grande serviço que “acaba de prestar à literatura nacional o *editor F...*”!⁴⁴⁷

⁴⁴⁵ CAMINHA, Adolfo apud BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 70.

⁴⁴⁶ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 42.

⁴⁴⁷ CAMINHA, Adolfo, apud BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 203.

Criticando editores e a imprensa, Caminha aponta para França como o local com as condições ideais de produção literária. Ele diz:

[...] em França os editores não encaram somente o lado mercantil, financeiro, da cousa. Seleccionam, às vezes com prejuízo de seus interesses, protegem o talento, nobilitam-se perante a sua pátria, são verdadeiros beneméritos. Mas a França é um país essencialmente intelectual, argumenta-se. É verdade, ia-me esquecendo que estamos no Brasil, onde a profissão de escritor é a mais desgraçada de todas as profissões. O argumento acordou-me dessa meiga ilusão. Estamos no Brasil...⁴⁴⁸

Voltando ao mercado editorial carioca, Eduardo Bezerra aponta que o único grande empreendimento da Garnier na década de 1890 foi a publicação de romances naturalistas de Aluísio Azevedo, ao mesmo tempo que surgia a Livraria Moderna de Domingos de Magalhães e Cia⁴⁴⁹, que viria a publicar nomes como: Adolfo Caminha, Viveiros de Castro, Coelho Neto, Cruz e Souza, Gonzaga Duque, Aluísio Azevedo, Emílio de Menezes e Maria Benedita Bormann, que usava Délia por pseudônimo⁴⁵⁰. Segundo El Far: “Mesmo sem confiarem na pontualidade dos pagamentos, esses escritores cediam seus textos em troca de alguma promoção”.⁴⁵¹ Textos esses que assumiam a forma de um gênero popular e acessível a uma ampla gama de leitores, e que narravam, de forma romanceada, dramas presentes na vida cotidiana da população.

A narrativa romanceada de dramas ocorridos na vida diária atravessou as décadas de 1880 e 1890, intensificando-se com a voga do realismo e do naturalismo. Os escritores procuravam em seu cotidiano assuntos que pudessem despertar a curiosidade dos leitores, ou então, atentos às notícias de impacto na imprensa, selecionavam os fatos capazes de incrementar um bom enredo para, com isso, se destacarem na produção de um dos gêneros de maior sucesso na época.⁴⁵²

Os anos de 1890 foram de profícua atividade no campo editorial, no âmbito do qual os editores exerceram importante papel na produção e comercialização dos livros nacionais, “não só por perceberem o interesse dos brasileiros por assuntos referentes à realidade nacional, como também por investirem na produção de edições baratas e de larga escala”.⁴⁵³

⁴⁴⁸ Ibidem. p. 204.

⁴⁴⁹ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 71.

⁴⁵⁰ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 44.

⁴⁵¹ Ibidem.

⁴⁵² Ibidem. p. 106.

⁴⁵³ Ibidem. p. 107.

Sem citar diretamente Domingos de Magalhães – editor de três de suas obras: *A Normalista* (1893), *Bom-Crioulo* (1895) e *No País dos Ianques* (1894) – Adolfo Caminha afirmou em 1893:

Se quiséssemos fechar hoje o balanço do ano que expira, contaríamos dificilmente meia dúzia de trabalhos dignos de figurarem na bibliografia nacional. Entretanto, este ano a messe foi abundante, registraram-se algumas estreias promissoras, novos e inteligentes editores vieram com o seu nobre esforço iniciar uma época de entusiasmo, infelizmente passageiro, de que resultaram de um lado algumas obras notáveis, e d’outro lado muitas obrinhas de merecimento duvidoso.⁴⁵⁴

Domingos de Magalhães, segundo Bezerra, “procurava entre os novos escritores aqueles cuja obra e personalidade fossem capazes de produzir algum escândalo, o que em tese, mobilizaria o interesse dos leitores”⁴⁵⁵. Na coluna “Kaleidoscopio”, de vinte e cinco de outubro de 1897, do jornal *A Notícia*, sob a assinatura de A. de R., nosso autor afirma que “Domingos de Magalhães foi, dos nossos livreiros, o primeiro que se atreveu e se arriscou a entrar franca e desassombradamente no caminho escabroso da publicação de livros nacionais”⁴⁵⁶. Na mesma coluna, o autor segue discutindo a trajetória do editor, e afirma:

[...] foi um tempo quente: todos os jornaes elogiavam a actividade e a coragem do arrojado livreiro-editor, augurando risonho futuro à Livraria Moderna. Um bello dia desapareceram as três vitrines da rua do Ouvidor e com ellas desapareceram o Magalhães. Mais tarde soube-se que ele havia pago, com desterro para a rua do Lavradio a ousadia da tentativa.⁴⁵⁷

A rua do Ouvidor, mencionada por A. de R. como ponto principal de Magalhães, também é mencionada por El Far como a rua “com o seu florescente comércio de artigos de luxo”⁴⁵⁸. De acordo com a autora, após “multiplicar o capital inicial empregado e atrair uma freguesia considerável, os livreiros, que já tinham passado de ponto em ponto, podiam gozar de uma estabilidade financeira”⁴⁵⁹.

Domingos de Magalhães ganhava reconhecimento ao mesmo passo que suas publicações. Segundo Maraísa Gabriela Faria, o articulista Octavio Belmann “ressalta que

⁴⁵⁴ CAMINHA, Adolfo, apud BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 211

⁴⁵⁵ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 211.

⁴⁵⁶ A. de R. *A Notícia* Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1897. Kaleidoscopio, p. 2.

⁴⁵⁷ Ibidem.

⁴⁵⁸ El FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 34.

⁴⁵⁹ Ibidem. p. 15

Domingos Magalhães teria aberto novos horizontes à literatura brasileira e seria considerado pela moderna geração literária como ‘benemérito das letras brasileiras’, rompendo com os ‘processos usurpadores de que lançavam mão os garniers que se diziam editores’⁴⁶⁰. No campo editorial, o que difere Domingos de Magalhães de Garnier não é só o caráter polêmico de suas obras, tampouco o nacionalismo. Segundo El Far, “Garnier não lançava o primeiro livro de ninguém [...] caminhava num terreno seguro publicando aqueles que já haviam angariado alguma consagração literária ou prestígio intelectual”.⁴⁶¹

Cruz e Souza, expoente do Simbolismo brasileiro⁴⁶², conhecido também pelas alcunhas de Dante Negro ou Cisne Negro, foi uma aposta de Domingos de Magalhães que se atrelou ao olhar ousado do editor, que não temia – mas valorizava – obras e autores polêmicos e inovadores, os quais poderiam gerar repercussão e interesse entre o público letrado. Bezerra destaca a introdução da edição de *Missal e Broquéis*, de 1998, escrita por Ivan Teixeira, que aponta a finalidade de Domingos de Magalhães no sentido de procurar autores que pudessem gerar certo “apelo comercial”. Neste sentido, ao publicar obras de um autor negro, cinco anos depois da abolição, Magalhães pretendia mobilizar a atenção e o interesse dos leitores. Ivan Teixeira escreveu:

No início dos anos 90 [1890] surgiu [Domingos de] Magalhães e Companhia. Por imposição do mercado, essa editora teve de investir em autores inéditos, sobretudo aqueles que, com algum escândalo, garantissem evidência ao novo empreendimento. Isso explica o lançamento, em 1893, de dois livros estranhos à literatura de então: *Missal e Broquéis*, de Cruz e Souza. Lançar um autor negro cinco anos após a Abolição era um irresistível apelo comercial.⁴⁶³

Nesse mesmo contexto, entra para o catálogo da Livraria Moderna em 1895 *Bom-Crioulo*, que, ainda que escrito por um homem branco, traz como protagonista um jovem negro, ex-escravo e homossexual. Vale ressaltar, porém, que *Bom-Crioulo* não foi a primeira obra de Caminha publicada por Domingos de Magalhães. Em 1893, o editor lançou, em parceria com o autor, *A Normalista*, que também possuía o enredo polêmico procurado por Magalhães, ao abordar questões que provocavam escândalo entre a sociedade oitocentista: incesto, adultério, sexo, traição e libido.

⁴⁶⁰ BELMANN, Octavio. Revista Theatral, n.23, 1894, p.2, apud FARIA, Maráisa Gabriela de. Op. Cit , p. 21.

⁴⁶¹ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 38.

⁴⁶² Movimento literário que surgiu no final do século XIX, como oposição ao realismo, ao naturalismo e ao positivismo.

⁴⁶³ TEIXEIRA. Ivan, apud BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira, Op. Cit. p. 211.

O enredo de *Bom-Crioulo* era um prato cheio para a fortuna crítica de finais do século XIX, pois, se era polêmica que o editor precisava, *Bom-Crioulo* teria muito a oferecer. Contudo, a obra demorou a ser publicada. Robert Howes, levanta algumas possibilidades para demora do lançamento do livro de Caminha, que vão desde o temor do editor e do autor quanto à polêmica da obra frente à *Marinha*, até as condições financeiras de Magalhães, que já tinha fama de atrasar suas publicações e cuja livraria havia sido transferida de local há pouco tempo. Howes afirma:

Esta demora [referindo-se à publicação de *Bom-Crioulo*] pode ter sido causada por dúvidas sobre o assunto tratado ou sobre a reação da *Marinha*, mas o mais provável é que tenha sido causado por dificuldades financeiras do editor. Domingos de Magalhães, português de origem, era um dos maiores editores no Rio de Janeiro, mas era reconhecido por sua demora na publicação dos livros. Sua livraria tinha mudado para um novo local um ano antes e é possível que ele estivesse com dificuldades em pagar as suas contas.⁴⁶⁴

Ainda assim, a aposta do Domingos de Magalhães na obra foi alta, segundo os levantamentos de Bezerra, que afirma ter o editor feito uma tiragem de exemplares considerada alta para os padrões da época, obtendo um lucro satisfatório:

O contrato para edição de *Bom-Crioulo* previa a tiragem de 5 mil exemplares e foi assinado em 15 de outubro de 1894. O autor recebeu Rs 2:000\$000 (dois contos de réis), pagos em três prestações [...] comparando os valores pagos a Adolfo Caminha pela edição das obras citadas com os valores pagos a outros autores que publicaram suas obras também no final do século XIX, pela Editora Francisco Alves, por exemplo, pode-se considerar que o procedimento de Domingos de Magalhães como editor foi satisfatório, sobretudo no caso de *Bom-Crioulo* [...].⁴⁶⁵

Devido a seus enredos polêmicos, as obras naturalistas contavam com um mercado editorial em plena expansão, pois os textos que pudessem gerar euforia nos consumidores e comentários sobre eles, despertavam grande interesse dos editores – a exemplo de Domingos Magalhães –, interessados nos lucros gerados a partir da venda das obras literárias consumidas em escala crescente. E era justamente nesse sentido, de despertar a curiosidade dos leitores e atraí-los, que os próprios editores divulgavam as obras antes de serem lançadas. Segundo El Far, “semanas antes de chegarem às livrarias, via-se na imprensa diária pequenas notas que avisavam sobre o lançamento de uma obra ‘quente’, ‘de leitura escaldante’, ‘romance de fogo’, ‘à maneira de Zola’”⁴⁶⁶. “A atuação de Domingos de Magalhães não se encerrava na publicação

⁴⁶⁴ HOWES, Robert. Op. Cit. p. 172.

⁴⁶⁵ BEZERRA, Carlos Eduardo. Op. Cit. p. 214.

⁴⁶⁶ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 248.

dos livros físicos”⁴⁶⁷, afirma Faria, o que, de fato, é possível confirmar através do processo de divulgação da obra *Bom-Crioulo*, numa parceria entre autor e editor.

No jornal *O Pão*, em 2 de fevereiro de 1895, Adolfo Caminha comunica que “Bom-Crioulo está no prelo e deve aparecer em dezembro”⁴⁶⁸, outra divulgação foi feita na coluna “*Mala do Rio*”, no *Jornal do Recife*, de 5 de março de 1895, por Coelho Neto⁴⁶⁹. Segundo Faria: “Neto anunciava as edições de Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Visconde de Ouro Preto do romance de Caminha e do seu próprio livro *Fructo phroibido*”⁴⁷⁰. No *Jornal do Brasil*, de 8 de março de 1895 e no *A Notícia* de 6 de janeiro de 1894 e 14 de outubro de 1894, também são encontradas notas com chamadas semelhantes: “a sahir do prelo: Bom Creoulo, de Adolpho Caminha”⁴⁷¹. Faria acrescenta, no entanto, que, além das notas, havia anúncios mais elaborados, a exemplo do que foi publicado no *Correio Paulistano* em 22 de fevereiro de 1894⁴⁷²:

Na nota do articulista SATYRO, pseudônimo do poeta Luís Rosa, colaborador de *O País*, notamos a ênfase dada à novidade do tema do livro. Ao enfatizar a inovação temática, Luís Rosa antecipava o escândalo que a publicação de *Bom-Crioulo* causaria na crítica literária e no público leitor. A definição do romance como “a descrição fiel da vida do marinheiro estudada por Adolpho Caminha com o cuidado meticuloso e a fina tática de observação que o caracteriza” demonstra o entendimento da estética naturalista como método de observação da vida.⁴⁷³

Além do trabalho de divulgação prévia da obra, Domingos de Magalhães também enviava aos jornais exemplares dos escritos. Em *O País*, de 12 de novembro de 1895, uma nota diz: “Cento e dezessete folhas de papel impresso, ligados entre si por mimoso laço de fita róse com o offerecimento de um avant la lettre do Sr. Domingos de Magalhães, chegaram-nos às mãos hontem”⁴⁷⁴. Ao analisar a nota de *O País* como parte irônica entre o embrulho e conteúdo, Faria afirma que “a apropriação de Domingos de Magalhães parece uma pilhéria irônica, assim

⁴⁶⁷ FARIA, Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 17.

⁴⁶⁸ Ibidem.

⁴⁶⁹ Ibidem.

⁴⁷⁰ Ibidem.

⁴⁷¹ *A Notícia*, 6 de janeiro de 1894, p. 2.

⁴⁷² FARIA, Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 18.

⁴⁷³ Ibidem.

⁴⁷⁴ *O País*, 12 de novembro de 1895, p. 2.

como o termo “mimoso laço de fita rosa” destoa do caráter de estudo e de observação das obras naturalistas⁴⁷⁵.

Percebe-se, portanto, que a campanha publicitária em torno de *Bom-Crioulo* é parte dos esforços e estratégias do editor. Os editores de finais do oitocentos, nas palavras de El Far: “Mais do que agradar a uma seleta parcela da sociedade carioca, interessada nos volumes bem cuidados capazes de refletir uma educação esmerada, planejavam atingir uma margem maior de lucro [...]”⁴⁷⁶, enquanto, do outro lado, estavam os autores. Questionando a independência na relação editor-autores, Bezerra conclui que “[...] a independência do autor ante o mercado, destacadamente no Brasil do final do século XIX, era bastante frágil”⁴⁷⁷.

Talvez, se os romances de Adolfo Caminha não possuíssem o potencial polêmico (e por isso mesmo vendável) que o editor de finais do século procurava, não tivessem sido publicados. Muitos escritores oitocentistas, segundo El Far, registravam seus lamentos diante da publicação de enredos que não os agradavam:

Mas se, por um lado, o escritor vislumbrava nessas pequenas brochuras a democratização do saber e da leitura, por outro, deixava registrado seu lamento com a escolha dos enredos. Adotando uma visão parcial, João do Rio não fazia nenhum esforço para compreender por que razão “o povo”, o “operariado”, ou então o “rude campônio”, haveria de divertir-se com “cenas de devassidão”, histórias “escandalosas dos adultérios” e “peças morais mal terminadas”.⁴⁷⁸

A relação entre o que o autor pretende produzir e o que, de fato, se produz é parte do que Cavallo e Chartier abordam em *História da Leitura no Mundo Ocidental*. Os autores defendem que a relação da obra com o público se dá a partir de variações de época, lugar e contexto sociocultural. E acrescentam que “não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido)”:

Os autores não escrevem livros, não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes.⁴⁷⁹

No caso do Naturalismo, os escritores comprometiam-se a revelar as facetas da realidade social, de modo a confirmar as teorias científicas vigentes no período: determinismo,

⁴⁷⁵ FARIA, Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 18.

⁴⁷⁶ Ibidem. p. 76.

⁴⁷⁷ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 212.

⁴⁷⁸ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 82.

⁴⁷⁹ CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo, 1998 p. 9.

darwinismo, criminologia biológica e outras. A cientificidade almejada abria espaço para a descrição crua e ultrarrealista que marcava suas narrativas, as quais abordavam sexo, nudez, crime e violência, explorando temáticas muitas vezes consideradas pornográficas, um verdadeiro repertório de comportamentos condenados pela ciência e pelas ideias da boa conduta.⁴⁸⁰

Assim, várias obras escritas sob os ditames do Naturalismo eram relacionadas ao erotismo, e ensejavam sucessos em índices de venda. De acordo com El Far:

A temática naturalista criou, enfim, oportunidades aos escritores interessados em um sucesso vertiginoso. Dispostos a conquistar o maior número possível de leitores, esses literatos, na maioria das vezes recém-chegados à seara romanesca, aproveitavam o baixo custo das edições populares para lançar a público suas narrativas divulgadoras de fatos escandalosos e escabrosos. Nem todos recaíam sobre as patologias do comportamento sexual humano. Os assuntos perpassavam inúmeras outras facetas da vida em sociedade. Mesmo assim, não há como negar que os livros de maior sucesso e índice de vendas foram aqueles que introduziam em suas tramas cenas ousadas de alcova.⁴⁸¹

De um lado, o autor naturalista com seus pressupostos científicos e que, por vezes, defendia, a partir da cientificidade, sua obra das críticas que a rotulam como “pornográfica”, do outro lado o editor que lucra com as polêmicas em torno da obra à medida que a mesma se torna sucesso de vendas. E ainda o leitor, que, nas palavras de Silvio Romero, não tem mais a literatura como um “acervo de mentiras”⁴⁸². Ao final, conforme já observara Aluísio Azevedo, o público consumidor afirma seu interesse e suas escolhas:

No Brasil [...] os leitores estão em 1820, em pleno romantismo francês, querem o enredo, a ação, o movimento; os críticos, porém acompanham a evolução do romance moderno e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet. Ponson du Terrail é o ideal daqueles; para estes, Flaubert é o grande mestre. A qual dos dois grupos se deve atender? Ao de leitores ou ao de críticos? Estes decretam, mas aqueles sustentam. Os romances não se escrevem para a crítica, escrevem-se para o público, para o grosso público, que é o que paga.⁴⁸³

3.3 A recepção crítica de *Bom-Crioulo*

⁴⁸⁰ EL FAR, Alessandra. Op. Cit., p. 248.

⁴⁸¹ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 267.

⁴⁸² ROMERO, Silvio, apud. EL FAR, Alessandra. Op. cit. p. 248.

⁴⁸³ AZEVEDO, Aluísio. *Os Mistérios da Tijuca*, capítulo LXI, apud, GUIMARÃES, Hélio Seixas de. Op. Cit. p. 47.

Diante da expansão do público leitor e da ascensão do Naturalismo em terras brasileiras, surgiram várias obras que exploravam a temática sexual e traziam descrições detalhadas do corpo humano – em sua maioria feminino – e narrativas nas quais as “tentações da carne” – os impulsos ou os “instintos” sexuais – eram problematizadas. Os romances naturalistas eram audaciosos ao explorar temas proscritos pela moral vigente e buscavam respaldo na ciência, no determinismo e em teorias científicas em voga, principalmente, na Europa. Contudo, as obras naturalistas, mesmo procurando respaldo de pressupostos científicos, eram recebidas com desconforto, por desafiar as censuras impostas pela própria sociedade. O Naturalismo, como afirma Antonio Candido, causaria escândalo entre a crítica especializada e a sociedade em sentido mais amplo. O autor diz:

É como se nas sociedades mais atrasadas e nos países coloniais o provincianismo tornasse difícil adotar o Naturalismo com naturalidade, e as coisas do sexo acabassem por despertar inconscientemente um certo escândalo nos que se julgavam capazes de enfrenta-las com objetividade desassombrada.⁴⁸⁴

Todavia, a recepção negativa das obras naturalistas não é exclusividade do Brasil. Como apontado no primeiro capítulo deste trabalho, Erich Auerbach observa que a obra *Germinal*, de E. Zola, teria suscitado reações negativas, de escândalo e estranhamento.

Os aspectos científicos ou pseudocientíficos, tão caros ao Naturalismo, nem sempre foram bem aceitos pelos críticos literários, que exibiam espanto nos jornais movimentando acaloradas polêmicas⁴⁸⁵. A recepção de *Bom-Crioulo*, com a inserção de um personagem negro, gay, marinheiro, no universo literário, gerou grande polêmica e discussões nos jornais, sendo ora defendido, ora atacado – gerando, portanto, discussão e repercussão, como a maior parte dos romances naturalistas do período. Segundo Maraísa Faria:

A inquietude proporcionada pela inserção de tipos que se chocavam com os sólidos valores burgueses fazia com que a estética naturalista aparecesse como deslocada e perturbadora, sendo os diversos tipos de obras naturalistas enquadradas numa mesma “pragmática do escândalo”.⁴⁸⁶

Ao narrar um romance homossexual entre dois marinheiros, supõe-se alguma reação da Marinha em relação à publicação do romance. No entanto, não fica muito claro se houve alguma

⁴⁸⁴ CANDIDO, Antonio. Op. Cit. p. 129.

⁴⁸⁵ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 249.

⁴⁸⁶ FARIA, Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 21.

manifestação pública dos militares sobre a obra. Howes aponta que no jornal *Brasil Militar* não se encontra nada que possa ser conclusivo sobre a recepção negativa de *Bom-Crioulo*.

Gastão Penalva, escrevendo em 1939, disse que a Marinha estava revoltada com o livro, mas o *Brasil Militar*, o jornal que escrevia para os militares, não fez nenhuma menção sobre isso na época e, dois meses mais tarde, acusou recebimento do primeiro número d’A Nova Revista de Caminha que continuou a mencionar em entusiásticos termos, indicando que não havia nenhum ressentimento contra ele.⁴⁸⁷

Dentre os críticos mais assíduos do período, estava Valentim Magalhães, membro fundador da Academia Brasileira de Letras⁴⁸⁸. Na coluna de 20 de novembro de 1895, o crítico apresenta, talvez, a apreciação mais ácida do romance. Na coluna *Semana Literária*, o autor reserva uma página apenas à crítica da obra, e começa por afirmar que “Bom-Crioulo excede tudo que se possa imaginar de mais grosseiramente imundo”⁴⁸⁹, afirmando que a obra possa ser fonte de prazer para jovens e pessoas de mais idade. Nas palavras de Magalhães:

Ora o Bom-Crioulo excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. Compreendo que gente muito moça ou já um pouco velha encontre prazer, um prazer estimulante e vivaz, em lêr cousas escabrosas, scenas lubricas de alcova, aventuras donjuanescas em que o eterno assumpto – o amor physico, a atração sexual, seja explorado de modo a excitar fortemente os sentimentos; assim como compreendo também que um escritor de temperamento callido se compraza em escrever taes cousas.⁴⁹⁰

O crítico prossegue justificando as obras naturalistas que tratam do amor sensual heterossexual: “[...] o amor sensual, é tudo o que há de mais humano, de mais natural, de mais moral, uma vez admitido que o que é conforme a Natureza é, por isso mesmo moral”⁴⁹¹. Contudo, sobre *Bom-Crioulo*, ele diz: “mas o livro do Sr. Adolpho Caminha não é isso; não é um livro travesso, alegre, patusco, contando scenas de alcova ou de bordel, ou de noveados entre as hervas, à lei do bom Deus, como no *Germinal*... nada disso”.⁴⁹² Magalhães prossegue ao parágrafo que, talvez, tenha sido o de maior condenação da obra, no qual refere-se ao livro como “livro podre, romance-vomito, romance-poia, romance-pus”⁴⁹³, justamente por abordar o

⁴⁸⁷ HOWES, Roger. Op. Cit. p. 173.

⁴⁸⁸ <https://www.academia.org.br/academicos/valentim-magalhaes/biografia>

⁴⁸⁹ MAGALHÃES, Valentim. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1895. *Semana Literária*, p.1.

⁴⁹⁰ *Ibidem*.

⁴⁹¹ *Ibidem*.

⁴⁹² *Ibidem*.

⁴⁹³ *Ibidem*.

que nunca antes teria sido abordado, ao menos de forma tão explícita como em *Bom-Crioulo*: a homossexualidade.

É um livro ascoroso, porque explora- primeiro a fazê-lo, que eu saiba- um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por ante-natural, por ignóbil. Não é, pois, somente um livro *fansadé*; é um livro pôdre; é o romance-vomito, o romance poia, o romance pus.⁴⁹⁴

Levando em conta que a publicação de *Bom-Crioulo* ocorre sete anos após a assinatura da Lei Áurea, Magalhães critica a forma como o negro é abordado na obra de Caminha, referindo-se ao personagem principal como “homem inferior, depravado, repulsivo”⁴⁹⁵, o que sugere que, aos olhos de Magalhães, Amaro seria inferior não somente pela raça, mas, principalmente, pela homossexualidade, percebida enquanto “depravação”:

Quando eu via anunciado – e por quanto tempo o foi! – esse Bom-Crioulo, imaginava que se tratava de um livro em que se fazia apologia do negro brasileiro, em que se procurava reabilita-lo como elemento ethnogenico, pondo em evidencia as suas qualidades psycho-physicas. E venho encontrar unicamente um negralhão bronco, analfabeto, completamente instintivo, e aberrantemente vicioso. E é a história d’esse homem inferior, depravado, repulsivo, que o autor nos conta em 232 páginas, pacientemente com detalhes e incidentes de uma torpeza inaudita.⁴⁹⁶

Magalhães não limita suas críticas à obra, seguindo a coluna às críticas diretas a Adolfo Caminha. Ele diz:

E confesso que me pasmou a audácia tranquilla, a carrure calma com que o Sr. Caminha exhibiu e desenvolveu o seu assumpto horripilante e nauseabundo como se fosse a cousa mais singela e mais corrente do mundo das letras. Este moço é um inconsciente, por obcecação litteraria ou perversão moral. Só assim se pode explicar o facto de haver ele achado litterario tal assumpto de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literariamente interessante.⁴⁹⁷

E sugere que a obra teria sido inspirada na própria vida do autor, nos anos que passou em alto-mar, supondo que o próprio Caminha possa ter sido “embarcadiço, talvez grumete como o seu louro Aleixo”:

Mas o que assombra é o perfeito conhecimento que de taes perversões e obscenidades possui o autor. Não há dúvida que é um romance verdadeiro, vívido, este. O autor conhece admiravelmente a vida promiscua e nauseabunda da maruja

⁴⁹⁴ Ibidem.

⁴⁹⁵ Ibidem.

⁴⁹⁶ Ibidem.

⁴⁹⁷ Ibidem.

de dia e de noite – de noite principalmente, -- a bordo de um vaso de guerra. Nada lhe escapa – a nomenclatura das velas, das cordas e dos instrumentos navaes, as práticas de bordo, o calão da marinhagem e as mínimas particularidades da sua vida íntima, miserável e aviltante, tudo sabe, tudo conhece tudo reproduz, isso lá é verdade. Provavelmente o Sr. Caminha já foi embarcado, talvez grumete como o seu louro Aleixo – que ignoro-. Mas é de crer, à vista de tanta sabedoria náutica e marujal.⁴⁹⁸

Magalhães ainda afirma, ao final de sua crítica: “Não direi que seja a asneira máxima do século, mas é sem dúvida, uma das maiores, uma das mais ilustres asneiras deste século, fecundo em primores e borracheiras”⁴⁹⁹. Valentim Magalhães, assim como outros críticos do período que serão apresentados adiante, encontra grande desconforto, e mesmo repulsa, na temática homoerótica, que, até então, era pouco abordada pela literatura. Conforme observa Faria, o comportamento de Magalhães deve ser entendido dentro dos limites da época, levando-se em conta que o crítico era um homem do seu tempo, inscrito em seu contexto histórico:

A reação extremada de Valentim Magalhães deve ser entendida dentro dos limites da época. A posição do crítico, como homem de seu tempo ao rejeitar a relação entre dois homens, era a posição da maioria, uma vez que os preceitos morais vigentes denegriam esse tipo de envolvimento, o que não anulava, como vimos, a presença do homoerotismo na sociedade, mesmo que esta fosse velada.⁵⁰⁰

Antes da crítica ao *Bom-Crioulo*, Valentim Magalhães já havia apresentado outra crítica a Adolfo Caminha por sua obra *Cartas Literárias* (1895). No jornal *A Notícia* de 2 de setembro de 1895, Magalhães afirma ser a obra de Caminha um “mosaico de bobagens de todas as cores”⁵⁰¹. E, em resposta à contundente acusação, Caminha teria escrito a mais longa defesa de sua obra: “*Um Livro Condemnado*”, publicado no número 2 de *A Nova Revista*, de fevereiro de 1896⁵⁰². O autor escreve:

Actualmente a crítica no Brazil, ou melhor, no Rio de Janeiro, está entregue ao director de uma Companhia de seguros de vida e ao chefe de um estabelecimento nacional de instrução, – o primeiro formado em direito economico e administrativo, o outro doutorado em pedagogia. D’ahi, d’essa curiosa amalgama, a sentença que condemnou à execração pública o meu romance – BOM-CRIOULO.⁵⁰³

⁴⁹⁸ Ibidem.

⁴⁹⁹ Ibidem.

⁵⁰⁰ FARIA, Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 22.

⁵⁰¹ MAGALHÃES, Valentim. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1895. *Semana Literária*, p.1

⁵⁰² BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 445.

⁵⁰³ CAMINHA, Adolfo, apud, BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 434.

Segundo Eduardo Bezerra, ao se referir a “um diretor de uma Companhia de seguros de vida”, Adolfo Caminha estaria fazendo referência a Valentim Magalhães, que fundou uma companhia de seguros durante o Encilhamento, ocorrido durante o governo do Marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891)⁵⁰⁴. Já o “chefe de um estabelecimento nacional de instrução”, seria José Veríssimo, que teria publicado uma crítica ao *Bom-Crioulo* sem assinatura no *Jornal do Commercio* em 27 de novembro de 1895. José Veríssimo à época era diretor do Ginásio Nacional⁵⁰⁵. Na crítica, supostamente escrita por Veríssimo, dizia: “Bom-crioulo é pior do que um mau livro: é uma ação detestável, literatura à parte. Se fossemos professor de composição literária poderíamos fazer abstracção do thema escolhido, que é baixamente repugnante”⁵⁰⁶.

Em sua defesa, Caminha prossegue afirmando que *Bom-Crioulo* “vendeu-se à guisa de cartilha de infância”, justificando que “inda não saiu dos prelos obra naturalista que não fosse taxada de immoral, desde que o grande Balzac atirou a circulação o seu primeiro livro de analyse”. Nas palavras do autor:

[...] Foi um verdadeiro escândalo o acto inquisitorial da crítica, talvez o maior escândalo do anno passado. Não houve quem não quisesse lêr a obra mais caluniada de quantas se tem escripto neste paiz. O BOM-CRIOULO vendeu-se á guisa de cartilha de infancia, com grande surpresa para o auctor, que acreditava no poderio da critica *educadora*.

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, eu bemdigo o desespero, a dolorosa agonia d’aquelles que, após vinte annos de trabalho e de aspiração, volvem melancolicamente os olhos para o passado e não encontram, na senda que trilharam, obra que os recomende ao futuro – uma página sequer, um periodo cantante, um verso burilado... uma idéa nova! Bemdigo, em nome de Jesus, o seu odio mesquinho no talento revolucionario dos estreiantes de hoje... A elles – os torturados pela senilidade intellectual – não basta a minha compaixão, a minha pena enorme...

Vem de muito longe essa guerra á verdade na arte. Inda não saiu dos prelos obra naturalista que não fosse taxada de immoral, desde que o grande Balzac atirou á circulação o seu primeiro livre de analyse.⁵⁰⁷

Caminha menciona uma série de grandes autores realistas que, ao irem além do “convencionalismo de salão”, também foram taxados como imorais, dentre eles: Balzac, Flaubert, Zola, Huysmans, Maupassant e Eça de Queiroz. O autor conclui ser uma característica

⁵⁰⁴ BEZERRA Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 434.

⁵⁰⁵ HOWES, Roger, Op. Cit. p. 174.

⁵⁰⁶ *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1895, p. 2.

⁵⁰⁷ *Ibidem*.

de todo grande artista se rebelar contra a moral vigente, enquanto a crítica, de forma medíocre, esperaria “a ignorância dos que não enxergam além do convencionalismo de salão, muitas vezes porque se reconhecem na obra do artista e se julgam denunciados publicamente[...]”⁵⁰⁸.

A Physiologie du marriage é um desrespeito á família, um código de instruções obscenas, por isso mesmo que retrata a vida humana como ella é, não passa de uma grande obra immoral.

Flaubert o tão citado o tão pouco lido Flaubert, esteve á porta dos tribunales porque escreveu *Madame Bovary*, um attentado à moral, um livro dissolvente, e estudou a Luxuria num santo!

Zola, esse monstro de genio, não frequênta a aristocracia porque teve a loucura genial de levar ao cabo os Rougon – vinte volumes immoraes – descarnando uma sociedade inteira!

Huysmans, fazendo o Là bas, historiando os vicios incríveis da Idade Média, resuscitando a missa negra, commetteu uma acção indigna...

Maupassant, reproduzindo amores adúlteros nesse livro magistral de Bel-Ami, offendeu a moral cristã.

Eça de Queiroz, confundindo ironicamente uma relíquia santa com um objecto asqueroso, ao mesmo tempo que descreve a Paixão do Senhor, e trazendo a publico o crime de um sacerdote da Igreja, profanou como um judeu...

Enfim, todos os grandes escriptores, todos os grandes artistas da palavra, renegaram a moral, chafurdaram na crápula, tornaram-se desprezíveis e indignos da consideração publica.

Isso é o que pretende a critica do Alto Amazonas, a ignorância dos que não enxergam além do convencionalismo de salão, muita vez porque se reconhecem na obra do artista e se julgam denunciados publicamente; d’ahi o odio contra que teve a inaudita coragem de os estudar na pessoa de um primo Basílio ou de um Aristides Saccard...⁵⁰⁹

Em determinado momento de sua defesa, Adolfo Caminha apresenta, então, o que seria o *Bom-Crioulo*: “um caso de inversão sexual”⁵¹⁰; e entrega ao leitor suas inspirações:

⁵⁰⁸ Ibidem.

⁵⁰⁹ Ibidem.

⁵¹⁰ Ibidem.

Krafft-Ebbin⁵¹¹ em Moll, em Tardie⁵¹² e, nos livros de medicina legal⁵¹³. De forma detalhada, ele complementa:

Que é, afinal de contas, o BOM-CRIOULO?

Nada mais que um caso de inversão sexual estudo por Krafft-Ebbin, em Moll, em Tardie, e nos livros de medicina legal. Um marinheiro rudo, de origem escrava, sem educação, nem princípio algum de sociabilidade, num momento fatal obedece às tendências homossexuais de seu organismo e pratica uma acção torpe: é um degenerado nato, um irresponsável pelas baixezas que commete até assassinar o amigo, a victima de seus instinctos. Em torno d'elle se espraia o romance, logicamente encadeado, de accôrdo com as observações da sciencia e com a analyse provável do autor, que, no character de official de marinha, viu os episodios accidentaes que descreve a bordo.

Compreende-se tambem que, estudando um meio segregado da sociedade e naturalmente baixo, como esse em que vivem marinheiros de proa, não era lícito empregar a tecnologia convencional de um meio civilisado, Bom-Crioulo fala o calão de bordo.

Procure a critica os *Attents aux moeurs*, de Amboise Tardieu, professor de medicinal legal na faculdade de Paris, e ahi, nessas páginas, encontrará os signaes característicos de Bom-Crioulo e de Aleixo (*De la péderastie et de la sodomie*); procure ainda a extraordinária obra de Moll – *Les perversions de l'instint genital* – e verá porque razão o autor de BOM-CRIOULO não pôde deixar de ser fiel nas suas descripções em todo o seu trabalho.

A julgar como certos imbecis, – que os personagens de um romance devem reflectir o character do autor do romance, Flaubert, Zola e Eça de Queiroz praticariam incestos e adulterios monstruosos.⁵¹⁴

Caminha afirma que *Bom-Crioulo* não era um assunto novo para crítica, citando o romance de Ferreira Leal, *Um Homem Gasto*⁵¹⁵, como exemplo, e defendendo as obras naturalistas que, segundo o autor, seriam “a própria vida interpretada pela arte”⁵¹⁶. Ele diz:

Quanto a ser novo em literatura o assumpto do BOM-CRIOULO, é ainda uma affirmação ingenua ou mentirosa da crítica *educadora*. No Brazil foi elle tratado pelo Sr. Ferreira Leal no romance *Um homem gasto*, com a differença de ter o escriptor arrancado o seu personagem à aristocracia de Petrópolis.

⁵¹¹ Neuropsiquiatra alemão, nasceu na cidade de Mannheim, Baden, a 14 de agosto de 1840. Foi pioneiro no estudo e na investigação da psicopatologia sexual. Krafft-Ebing foi educado na Alemanha e na Suíça. Tornou-se professor de Psiquiatria em Estrasburgo aos 32 anos.

⁵¹² Médico francês e eminente cientista médico forense de meados do século XIX. Filho do artista e cartógrafo Ambroise Tardieu. Obteve doutorado em medicina na Faculté de Médecine de Paris.

⁵¹³ CAMINHA, Adolfo, apud, BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 434.

⁵¹⁴ Ibidem.

⁵¹⁵ Considerado o primeiro romance produzido no Brasil a tratar da homossexualidade, publicado em 1885.

⁵¹⁶ CAMINHA, Adolfo, apud, BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Op. Cit. p. 434.

Abel Botelho deu *O Barão de Lavos*, quinhentas e tantas páginas de psychopathia sexual, e ainda merece o respeito e a admiração da sociedade em que vive, porque lá, em Portugal, há um criterio firme no julgamento da obra d'arte.

Agora, por que esses escrúpulos, essa fingida repugnancia da crítica?

O naturalismo é a própria vida interpretada pela arte; e, sendo o romance a fôrma mais natural da arte claro está que só é immoral quando não apresenta caracteres da obra artistica. Ora, andou-se a escrever que o BOM-CRIOULO “tem páginas excellentes, vigor de expressão, estylo claro...”, mas que o thema é *baixamente repugnante*. Logo, trata-se de uma obra em que só o thema é mau. Em arte, porém, não há themas maus, todos os assumptos, até os mais *baixamente repugnantes*, como o que inspirou a Huysmans o *Lás bas*, são optimos, desde que o escriptor saiba revesti-los de uma fôrma esthetica. E' o meu caso, dil-o a crítica, sem o querer, elogiando a fôrma do livro e condemnando o thema.

Qual é mais pernicioso: o BOM-CRIOULO, em que se estuda e condemna o homosexualismo, ou essas páginas que ahi andam pregando, em tom philosophico, a dissolução da família, o concubinato, o amor livre e toda a espécie de immoralidade social?

Está bem visto que é BOM-CRIOULO não é obra para se dar de premio nas escolas. Escrever para educandas é uma coisa e escrever para espiritos emancipados é outra coisa. Se a crítica, ingenua e pudibunda, lançasse o olhar sobre o volume de Tardieu, que eu tenho na minha estante com umas gravuras horríveis e competentemente numeradas, representando *les desordres que produit la péderastie passive ou la sodomie...* não sei que gestos de náusea faria, cobrindo o rosto com a mão em leque...⁵¹⁷

Adolfo Caminha chega a citar parte da crítica de Valentim Magalhães, mencionada anteriormente, ao se referir, mais uma vez, à crítica literária do Rio de Janeiro como entregue “ao diretor de uma Companhia de seguros e ao chefe de um estabelecimento nacional de instrucção”⁵¹⁸. O que nos leva a crer que também está se referindo às críticas do autor ao compará-lo ao personagem Aleixo:

E o autor do BOM-CRIOULO não desceu ao exame médico legal de Aleixo, porque então começaria a immoralidade da obra. Portanto, foi verdadeiro e leal como romancista que não quer, a pretexto de erudição, armar no effeito escandaloso.

A critica (?) desejava que elle escrevesse ‘um livro travesso, alegre, patusco, contando scenas de alcova ou de bordel (textuaes) ou noivados entre as hervas á lei do bom Deus’!... Mas como, em vez d’isso, apresentou uma obra estudada, um livro bem intencionado e verdadeiro, uma analyse da vida, os *criticos*, mordidos na sua impotencia de rodapéistas, fizeram de d. Quixote e juraram dar cabo do escriptor que, ousadamente, preferiu o escabroso thema do BOM-CRIOULO ás taes *scenas de alcova e de bordel*.

⁵¹⁷ Ibidem.

⁵¹⁸ Ibidem.

Tudo porque a crítica literaria no Rio de Janeiro está entregue ao director de uma Companhia de seguros e ao chefe de um estabelecimento nacional de instrucção...

Quando acabará a dymanstia dos La Palisse?

A grande verdade é que, enquanto o Brazil for literariamente governado por homens que em outro qualquer paiz nenhuma acção teriam sobre os espiritos, dominará a literatura de bric-à-brac e o fertilismo Sr. Xavier de Montépin arrancará lagrimas á *critica nacional*.⁵¹⁹

Magalhães sugere em sua crítica que *Bom-Crioulo* refletia a experiência pessoal do autor, comparando-o a Aleixo, uma vez que Caminha era um homem branco e não poderia ser comparado a Amaro. Nesse sentido, ainda segundo o crítico, as questões de raça abordadas por Caminha não formariam um elemento de similaridade entre sua vida e sua obra, mas as experiências homossexuais talvez.

Howes destaca que Caminha possuía relação com movimentos negros dentro da Armada e foi um dos primeiros críticos a reconhecer o poeta negro Cruz e Sousa, lançado pelo mesmo editor: Domingos de Magalhães.

Quando cadete [Caminha], protestou contra a prática dos castigos de chibata na Marinha, um método disciplinar usado para controlar os marinheiros, que eram majoritariamente não-brancos e esta questão tem um papel importante no romance. Sua primeira publicação em prosa, *Judite* (1887), descreve uma ameaça de revolta de escravos numa fazenda paulista. Escrito no auge da campanha abolicionista, as simpatias do narrador vão claramente para os escravos. No seu último romance, *Tentação*, há uma menção simpática, mas convencional da velha empregada da família, Balbina. Em meio a tudo isso, no entanto, publicou *A Normalista*, que contém uma cena não relacionada com o enredo principal onde a heroína tem um pesadelo em que é violentada pelo negro que faz a limpeza da cidade. Caminha foi um dos primeiros críticos a reconhecer a importância do poeta simbolista negro Cruz e Sousa, que avaliou de maneira imparcial, e também criticou o romance de Afonso Pena Lupe pelo seu retrato enganoso do Brasil, negando a existência do preconceito racial.⁵²⁰

É importante destacar uma reflexão feita por Howes sobre a defesa de Caminha: ao se defender das críticas, o autor não pretende anunciar um depoimento desapaixonado sobre seus métodos de escrever, mas, “o principal propósito do artigo era rebater a acusação que *Bom-Crioulo* era um romance obsceno. Com este fim, Caminha enfatizou a seriedade do trabalho [...]”⁵²¹.

As farpas entre o escritor e o crítico se prolongam para as páginas literárias. Bezerra afirma que Caminha teria criado o personagem Valdevino Manhães, do romance *Tentação*

⁵¹⁹ Ibidem.

⁵²⁰ HOWES, Robert. Op. Cit. p. 175.

⁵²¹ Ibidem, p. 175.

(1896), inspirado em Valentim Magalhães. Afinal, assim como o crítico, fundador da revista *A Semana*, o personagem de Caminha era fundador da *Revista Literária*:

Outra referência é feita à *Revista Literária*, dirigida por Valdevino Manhães, na verdade uma caricatura de Valentim Magalhães a quem Caminha criticara abertamente já no ano de 1896 no seu artigo “Um livro condenado”, na tentativa de defender o seu romance *Bom-Crioulo* da acusação de imoral. Sabemos que Valentim Magalhães foi o fundador da revista *A Semana*. Em *Tentação*, Caminha (1979, p.18) foi além na sua crítica, transformando esse seu desafeto em uma personagem ridicularizada.⁵²²

Na obra de Caminha, Manhães é descrito como “dr. Condicional, porque nunca dizia as coisas em tom afirmativo: tinha sempre um mas..., um talvez..., um se..., quando criticava obras alheias”⁵²³. Em *Tentação*, o autor escreveu as seguintes palavras sobre Manhães:

Evaristo já os conhecia também – de longe uns, outros mais familiarmente. O Valdevino Manhães, ou o ‘dr. Condicional’, estava no número destes; fora-lhe apresentado uma noite, no jardim do Teatro Sant’Ana. Baixo, pequenino, metidinho a crítico, um bigodinho quase imperceptível, sempre de lunetas – era conhecido por dr. Condicional, porque nunca dizia as coisas em tom afirmativo: tinha sempre um *mas...*, um *talvez...*, um *se...*, quando criticava obras alheias.⁵²⁴

Segundo Maraísa Faria, o desafeto entre Adolfo Caminha e Valentim Magalhães lança luz sobre as lutas no campo literário que determinavam os posicionamentos negativos ou positivos em relação às obras publicadas⁵²⁵. Maria Thereza Chaves de Mello afirma que “Magalhães foi um ativo animador cultural do século XIX”⁵²⁶, o que explica parte da relevância de suas críticas para o jovem escritor cearense e abre espaço para manifestação de outras críticas, contra ou a favor da obra, ou seja, críticos favoráveis à obra de Caminha ou que se posicionavam ao lado de Magalhães.

Alves de Faria, escritor que atuava na imprensa literária da época como colaborador do jornal *Cidade do Rio* e do *Jornal Ilustrado*, sendo também membro de diversas revistas literárias: *Thebaida*, *Arcadia* e *Via Lactea*⁵²⁷, publicou críticas relativamente amenas sobre

⁵²² BEZERRA, Carlos Eduardo. Op. Cit. p. 387.

⁵²³ CAMINHA, Adolfo. *Tentação/No país dos ianques*, 2ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, Academia Cearense de Letras, 1979.

⁵²⁴ Ibidem.

⁵²⁵ FARIA, Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 24.

⁵²⁶ MELLO, Maria Thereza Chaves de. “A Modernidade Republicana”, *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, outubro de 2008, p. 21.

⁵²⁷ FARIA. Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 28.

Bom-Crioulo, se comparadas às de Valentim Magalhães. A começar pela coluna *Semanario*, do jornal *Cidade do Rio*, de 19 de novembro de 1895, onde o crítico reconhece tratar-se de uma obra naturalista, com um “entrecho bem arranjado”⁵²⁸, mas que, segundo ele, “não é uma evolução do autor de *Normalista*”⁵²⁹. A grande ressalva de Alves de Faria à obra de Caminha refletia uma visão crítica comum em relação às obras do Naturalismo brasileiro no período: serem uma imitação da arte francesa, ou do “processo [francês] naturista, tão explorado, de descrever atos indecentes”⁵³⁰:

Nesta semana houve um livro publicado, E'Adolpho Caminha e se chama Bom-Crioulo. Filia-se ao naturalismo e tem um entrecho bem arranjado, mas não é uma evolução do autor da Normalista. Perdoe me elle esta phrase sincera. Li o seu livro do começo ao fim interessando-me passageiramente. Apanha bem certas scenas e apezar d'esse processo naturista, tão explorado, de descrever actos indecentes reaes aos repulsivos, não desagrada ao leitor. O autor não tem largo colorido na phrase e descreve naturamente de accordo talvez com a escola a que se filiou. Isto é a litteratura franceza em acção. Porque não nos dirigimos nós em espírito para o Norte da Europa e não seguimos o caminho de Dostoiévski, de Tolstói, de Tonrgueneff, Pushkin e outros tantos! Dir-me hão que as raças são diferentes e que os temperamentos diferem com a raça. Elles são do norte, nós do meio dia, para baixo do mundo. De tal modo, é isto dito que o nosso talento fecundo é capaz de abranger todas as litteraturas do globo, mesmo as mais exóticas, desde que se leia e se aprenda. Não achais vós, que me lê-des, isso um crime de lesa-litteratura?⁵³¹

Já no mês seguinte, Alves de Faria publica outra nota sobre *Bom-Crioulo* adotando uma posição mais compreensiva diante do Naturalismo e chega a afirmar que a relação homoerótica entre os marinheiros não era mais que uma “libertinagem necessária na vida a bordo”⁵³². Na coluna “Da Capital” do *Jornal do Commercio de São Paulo*, em 3 de dezembro de 1895, Alves de Faria escreveu:

[...] Entretando, Bom-Crioulo é um livro naturalista, sobre a vida no mar e de marinheiros, na sua primeira parte. O estudo do caso, tal qual Caminha o faz, de um profundo vício que o grumete Aleixo tem e que Bom-Crioulo possui, constituindo ambos os dois polos activo e passivo de uma libertinagem necessaria na vida de bordo, por longos céos e mares extensos, é que faz o clou principal do livro. [...]⁵³³

⁵²⁸ FARIA, Alves de. *Cidade do Rio*, 19 de novembro de 1895, *Semanario*, p. 1.

⁵²⁹ *Ibidem*.

⁵³⁰ *Ibidem*.

⁵³¹ *Ibidem*.

⁵³² FARIA, Alves de. *Jornal do Commercio de São Paulo*, 3 de dezembro de 1895, *Da Capital*, p.2.

⁵³³ *Ibidem*.

A mudança de comportamento de Alves de Faria justifica-se, segundo Faria, como resposta à crítica ácida de Valentim Magalhães publicada entre elas. A autora diz que, após a coluna de Valentim Magalhães aparecer em 20 de novembro do mesmo ano, Alves de Faria parece adotar uma posição mais ferrenha ao comentar o livro de Adolfo Caminha⁵³⁴.

Assim, as críticas de Valentim Magalhães repercutiram entre os críticos do período. Dunshee de Abranches, redator do *Jornal do Brasil*⁵³⁵, não poupou palavras ao afirmar que discordava de Valentim Magalhães quanto a sua opinião sobre a obra de Caminha. Na coluna “Crítica Litteraria” do *Jornal do Brasil* de 25 de dezembro de 1896, chega a comparar favoravelmente o livro de Caminha com uma obra do próprio Magalhães, *Flor de Sangue*. Abranches escreveu:

Já imagino o que não dirá o Sr. Adolpho Caminha, que escreveu um romance que o Sr. Valentim Magalhães arrastou injustamente pelas ruas da amargura, como uma produção rêles, indecorosa e indigna de ser inscripta na nossa pobre literatura nacional. Entretanto, há nesse livro páginas de grande vigor descriptivo, de verdadeiras belezas que se não encontram na *Flor de Sangue*, em que a nossa natureza mereceu tão pouca atenção.⁵³⁶

Por outro lado, havia aqueles que concordavam com Valentim Magalhães, entre eles está Mario Pardal, pseudônimo do escritor Cláudio de Souza, colaborador nos jornais *Gazeta da Tarde* e *Cidade do Rio* e também presidente da Academia Brasileira de Letras por duas vezes (1938 e 1946) e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras (1909). No jornal *Gazeta da Tarde*, de 26 de março de 1896, na coluna “Vida Bohemia”, o autor deixa clara sua posição diante da obra de Caminha:

[...] Adolpho Caminha, fazedor de livros, cujo espírito a natureza quis esterelizar castigando-o com todas as seccas que têm existido em sua terra natal. Como os outros companheiros da Geração, não o qualifiquei de prevenido para com os novos porque o sr. Adolpho Caminha não pertence a nossa geração. (...) A arte não enlamearia as suas vestes transparentes e lucidas no lupanas do Bom Creoulo, onde a baixa prostituição faz ouvir a sua voz avinhada e o som surdo dos seus tamancos”.⁵³⁷

Na crítica de Pardal, encontramos referências diretas ao Ceará, o que sugere uma associação entre a terra natal do autor e a sua obra. Maraísa Faria traz uma reflexão interessante

⁵³⁴ Ibidem. p. 28.

⁵³⁵ Ibidem. p. 27.

⁵³⁶ ABRANCHES, Dusche. *Jornal do Brasil*, 25 de dezembro de 1896, Crítica Litteraria, p. 1.

⁵³⁷ PARDAL, Mario. *Gazeta da Tarde*, 26 de março de 1896, Vida Bohemia, p.1.

sobre os motivos que levariam a não aceitação ou não reconhecimento de Caminha dentre os principais autores daquela geração – fatores esses que não relacionam a possíveis ressalvas à escola naturalista recém-chegada em terras brasileiras. Ela diz que “[...] tanto ‘os novos’ quanto o romancista cearense não faziam parte dos representantes da literatura oficial, ocupavam um lugar marginal no campo literário”⁵³⁸.

Francisco Pacheco, colaborador do jornal *Folha do Norte* e escritor em *A Nova Revista*, na coluna “Chronica dos Livros”, do jornal *Folha do Norte*, de 3 de fevereiro de 1896, observava que o livro era “repugnante”⁵³⁹. Nas palavras do crítico: “o nojo vae descendo de página para página”⁵⁴⁰. Contudo, reconhece que “o romance moderno tende a revestir o carácter scientifico-philosophico. A sciencia desenha, com traços firmes das leis positivas, o quadro do universo na sua variedade e complexidade fenomenal [...]”⁵⁴¹. Por outro lado, enquanto Pacheco se demonstra compreensivo com a estética naturalista, em uma coluna sem assinatura no jornal *Gazeta da Tarde*, de 10 de abril de 1896, aparecem as seguintes palavras: “[...] o naturalismo torpe e falso de que este moço [Caminha] abusa em seus volumes, chegando até a pornografia baixa e reles, preveniu-me contra ele desde a *Normalista* até o *Bom Creoulo*”⁵⁴².

Em meio às discussões e polêmicas ensejadas pela publicação de *Bom-Crioulo*, ocorreu a morte de Adolfo Caminha nos primeiros dias de janeiro de 1897⁵⁴³, menos de dois anos após a publicação da obra. O fato repercutiu nos jornais, em páginas que vinham acompanhadas ora de lamentos, ora de críticas continuadas aos romances do autor. Bezerra observa que o ano da morte de Caminha é também um marco para a Literatura Brasileira por se tratar do ano de fundação da Academia Brasileira de Letras:

O ano de 1897 fecha o recorte não somente por corresponder ao ano da morte de Adolfo Caminha, mas porque marca a circulação de seu último romance, publicado no ano anterior, bem como por tratar-se do ano de fundação da Academia Brasileira de Letras, marcando, desse modo, uma nova etapa na vida literária brasileira, reforçando as ações associativas dos homens de letras, mas também os laços de dependência entre a província e a capital do país.⁵⁴⁴

⁵³⁸ FARIA, Maraísa Gabriela. Op. Cit. p. 23.

⁵³⁹ PACHECO, Francisco. *Folha do Norte*, 3 de fevereiro de 1896, *Chronica dos Livros*, p.1.

⁵⁴⁰ *Ibidem*.

⁵⁴¹ *Ibidem*.

⁵⁴² *Gazeta da Tarde*, 10 de abril de 1896, p.1.

⁵⁴³ BEZERRA, Carlos Eduardo. Op. Cit. p. 17.

⁵⁴⁴ *Ibidem*. p. 32.

Uma das primeiras notas de falecimento de Caminha foi escrita por Artur Azevedo, jornalista e teatrólogo, irmão de Aluísio Azevedo, no jornal *O País*, de 5 de janeiro de 1897, na qual o jornalista refere-se ao *Bom-Crioulo* como um erro. Azevedo diz:

Bom-Crioulo, o último livro de Adolpho Caminha, foi um erro de que só o absolveria outro romance, naturalmente já planejado e talvez escrito. Não obstante algumas páginas bem coloridas, causou-me náuseas esse estudo grosseiro da pederastia. Nem o genio de um Flaubert poderia tornar aceitável tão repugnante assumpto.⁵⁴⁵

No mesmo dia em que Artur Azevedo publica sua crítica ao *Bom-Crioulo*, acompanhada da nota de falecimento do autor, no jornal *Gazeta de Petrópolis* o articulista Zé Telles, chamava a atenção para o fato de *Bom-Crioulo* ser “um livro de observação, um estudo fino e apurado de um vicioso infame, como o Jovino sabe que existiam nos inferiores da classe que elle e o pobre Caminha tanto honraram e que, também, me desvanço de ter pertencido”.⁵⁴⁶

Frota Pessoa, amigo pessoal de Adolfo Caminha,⁵⁴⁷ na *Gazeta de Notícias* do dia 7 de janeiro de 1897, ao comentar o falecimento do amigo, afirmava ser *Bom-Crioulo* um “estudo vigoroso e são, arrojado e honesto, de uma surpreendente força de analyse e uma nobreza clássica de estylo [...]”⁵⁴⁸, contrapondo-se às críticas de imoralidade que eram feitas à obra. No jornal dizia:

Bom Creoulo, um estudo vigoroso e são, arrojado e honesto, de uma surpreendente força de analyse e uma nobreza clássica de estylo, que o colocou definitivamente no mundo das letras. Quem era esse audacioso que não respeitava os escrúpulos seculares e burgueses de uma sociedade hypocrita e apodrecida e vinha afronta-los com um desprezo de pasmar por suas leis e suas tradições?⁵⁴⁹

Nas notas de falecimento de Adolfo Caminha, percebe-se, portanto, que *Bom-Crioulo* foi o marco de sua carreira. Para alguns, negativo, para outros, grandioso, mas, sem dúvidas, um marco polêmico. No jornal *Don Quixote*, de 9 de janeiro de 1897, outra nota, assinada por Léo, faz menção à obra. O crítico aponta o escândalo que ela teria causado na vida pública do escritor:

⁵⁴⁵ AZEVEDO, Artur. *O País*, 5 de janeiro de 1897, p.1.

⁵⁴⁶ TELLES, Zé. *Gazeta de Petrópolis*, 5 de janeiro de 1897, p.1.

⁵⁴⁷ BEZERRA, Carlos Eduardo. Op. Cit. p. 207.

⁵⁴⁸ PESSOA, Frota. *Gazeta de Notícias*, 7 de janeiro de 1897, p.1.

⁵⁴⁹ Ibidem.

O Bom-Crioulo, atrevido romance naturalista, acabou por torna-lo apontado, sendo a sua obra alvo de discussões e controvérsias, pelo crú e arrojado da descrição de um caso de depravamento moral – infelizmente não raro nem fantasioso – e imprimindo a nota escandalosa à vida pública do moço escritor.⁵⁵⁰

Nota-se ainda que, após a morte de Caminha, ao criticar *Bom-Crioulo*, menciona-se outras obras do autor, como *A Normalista* e *Tentação*, tendência que fica clara na nota de Coelho Neto, publicada meses após a morte do autor no jornal *A Notícia*, de 2 de outubro de 1897. Neto escreveu: “Sempre aplaudi o romancista cearense que nos deu um livro magnífico, *A Normalista*, sinto bastante não poder escrever elogiosamente sobre o novo romance”⁵⁵¹.

Se, por um lado, a recepção do livro foi marcada por condenações ao seu caráter supostamente obsceno, vulgar e repulsivo, apontado por autores como Valentim Magalhães e Cláudio de Souza, por outro, para Zé Telles, Alves de Farias, Dunshee de Abranches e Frota Pessoa, a obra possuía valor literário. Já Artur Azevedo e Francisco Pacheco levam em conta o contexto naturalista em que o autor está inserido, no entanto, consideram a obra fora dos padrões, por isso, talvez, imoral.

No mesmo ano da morte do autor, foi publicado no jornal *O País* de 1897 a oferta de *Bom-Crioulo* como livro-brinde, oferecido aos assinantes do jornal, o que, segundo Faria, ao mesmo tempo que significa uma validação por parte da imprensa, levanta novas polêmicas em torno da obra, considerada, por muitos, pornográfica:

O aparecimento do romance junto a romances de escritores como Olavo Bilac, Aluísio Azevedo e Coelho Neto revelam a validação por parte da imprensa do romance de Adolfo Caminha. Além disso, podemos pensar que, para a época, a colocação como livro-brinde de um romance, considerado por muitos como um livro pornográfico, soava como um escândalo.⁵⁵²

A recepção de *Bom-Crioulo* em finais do XIX como uma obra pornográfica, por parte de alguns críticos literários, evidencia um outro lado da sociedade que é destacado por El Far. Uma obra considerada obscena só era adquirida pelos leitores se esses dialogassem com as preocupações, desejos e conflitos do enredo. Ou seja, a obra de Caminha em 1895, tendia a despertar a curiosidade de um público leitor que, cercado de regras restritivas de conduta sexual, havia encontrado na Literatura assuntos que burlavam as convenções. Porém, o poder de atração

⁵⁵⁰ LÉO, *Dom Quixote*, 9 de janeiro de 1897, p. 1.

⁵⁵¹ NETO, Coelho. *A Notícia*, 2 de outubro de 1897, p.1.

⁵⁵² Ibidem.

da obra não se restringia a seu conteúdo “picante” ou às relações sexuais que eventualmente descrevesse. Para El Far:

[...] não era qualquer enredo obsceno que repercutia entre os consumidores cariocas do Oitocentos ou que conseguia atuar, de forma anacrônica, sobre seus anseios sexuais. O caráter picante de uma história, em vez de estar vinculado somente ao número de relações sexuais descritas encontrava-se ligado também à capacidade da narrativa de dialogar com as preocupações, desejos e conflitos daquela época.⁵⁵³

Ainda que Caminha se pronunciasse contra a “libidinagem literária”⁵⁵⁴ e a composição de “episódios eróticos a título de naturalismo”⁵⁵⁵ *Bom-Crioulo*, em meio a duros julgamentos de leitores e editores, acabou sendo recebido, por parte da crítica e do público, como uma obra pornográfica.

A intenção do autor em promover um ensaio científico, cujo objetivo seria destacar, com respaldo da ciência, as questões inerentes ao comportamento humano e levar aos lares cariocas assuntos dificilmente abordados em grandes espaços de convívio social do século XIX, não condiz com a forma como *Bom-Crioulo* foi recepcionado.

Em contrapartida, podemos afirmar que é possível que, se *Bom-Crioulo* fosse considerado unicamente uma produção de caráter científico, ao revelar traços do comportamento humano, desconsiderando totalmente o romance e o erotismo apresentado no enredo, não tivesse o alcance necessário para publicação e venda. Isso porque a forma como a obra foi recepcionada, no final do século, período de transições e transformações, diz muito sobre a ânsia do público em relação aos assuntos considerados tabus. Ainda que tais temas incomodassem os mais conservadores e gerassem críticas e desaprovações da Academia, foram explorados em obras de grande circulação e vendagem em um contexto histórico marcado pela popularização do livro e da leitura no Brasil.

⁵⁵³ EL FAR, Alessandra. op. cit, p. 270.

⁵⁵⁴ Ibidem. p. 249.

⁵⁵⁵ Ibidem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cientificismo europeu norteou a produção intelectual do Brasil do século XIX de modo que as teorias racialistas serviram como base para justificar a exclusão social e as escolhas políticas tardias em relação à República e à Abolição. Neste período, acreditava-se que o embranquecimento da população resultaria em sua evolução, e pesquisadores como João Batista de Lacerda, Ladislau Netto, Rodrigues Peixoto, Roquette-Pinto produziam pesquisas baseadas em teorias evolucionistas e darwinistas.

A literatura naturalista incorporou estas influências. Adaptar as teorias científicas europeias à realidade do Brasil em finais do século XIX, inclui trazer à cena questões relacionadas a um país escravocrata, que passava por um processo de abolição tardia e de queda da Monarquia, em meio a um processo conturbado de reformas e modernização conservadora. Neste contexto, entre os autores naturalistas encontramos Adolfo Caminha: cearense, oficial da Marinha e republicano. O autor, admitindo a admiração por Émile Zola, produz obras que abraçam questões polêmicas, como em seu romance *A Normalista* (1893), com temáticas em torno do desejo, de práticas sexuais e da gravidez precoce em meio aos valores morais conservadores da sociedade oitocentista. Contudo, a obra de Caminha que mais se destacou, em grande medida por sua temática polêmica (e mesmo escandalosa, segundo os padrões morais e comportamentais vigentes à época), é *Bom-Crioulo* (1895). Adolfo Caminha, ao incluir entre seus personagens um ex-escravo, marinheiro e homossexual, levanta três temáticas principais relacionadas ao cientificismo do período: a influência do meio sobre o comportamento humano; a influência da raça e a homossexualidade como doença.

O Naturalismo traz personagens marginalizados para os seus enredos, justificando seus comportamentos através do meio e da raça e levantando questionamentos acerca da moral de homens negros, homossexuais e pessoas pobres. No Brasil, a ascensão dessa escola literária coincide com o período de popularização dos romances e o crescimento da indústria editorial, que contribuíram para que títulos com temáticas pouco exploradas ganhassem destaque no comércio e despertassem a curiosidade e o interesse dos consumidores. Portanto, o Naturalismo brasileiro é formulado a partir de três fatores importantes: o cientificismo europeu reapropriado e readaptado à realidade brasileira; a popularização do livro e a curiosidade de um público consumidor ampliado por temáticas consideradas obscenas.

Ao longo do romance, os ambientes interferem diretamente no comportamento dos personagens, principalmente de Amaro. Este, como homem negro, tem sua trajetória

diretamente ligada à promiscuidade e ao crime. Bom-Crioulo, que inicia na Marinha com a esperança da liberdade, percebe-se explorado e ainda sujeito a castigos físicos. O personagem desenvolve uma forte paixão por um jovem marinheiro branco, o que, de acordo com padrões científicistas em voga, seria uma perversão e um desvio de conduta sexual.

Aleixo, jovem branco e par romântico de Amaro, tem sua homossexualidade justificada pelo meio, por estar em um ambiente exclusivamente masculino e por ser seduzido por um homem negro violento e voluptuoso, o que coloca o personagem branco como uma espécie de vítima da suposta perversão sexual do homem negro. Ao se deparar com dona Carolina, uma mulher, mesmo que ela seja apresentada a partir de uma estética masculinizada, ele se sente atraído. É possível que a escolha do autor, ao apresentar dona Carolina com tais características, não tenha sido por acaso, pois uma das teorias de finais do século XIX, como vimos através do livro de Pires de Almeida, defendia o tratamento de homossexuais através de mulheres com vestimentas masculinas. Assim, o contato com dona Carolina leva Aleixo a uma relação heterossexual.

Enciumado, ao cometer o crime de assassinato do seu companheiro, Amaro reflete ideias criminológicas baseadas no evolucionismo e no darwinismo social, que estabelecem que o comportamento humano é determinado por forças biológicas. O personagem então praticaria aquilo que estaria “predestinado” por sua herança genética. Ademais, o epicentro de *Bom-Crioulo* está na homossexualidade. A temática pouco abordada à época levanta questionamentos acerca das reais intenções do autor em trazer à cena um casal homossexual. Isto leva, inclusive, a que Caminha tenha sua sexualidade questionada pelos críticos literários, principalmente por seu crítico mais assíduo: Valentim Magalhães.

Podemos afirmar que *Bom-Crioulo*, de modo geral, não foi bem visto no círculo intelectual e literário por sua temática sexual/homossexual. A obra, que sustentou grande volume de vendas, atraindo o interesse do público pelo mesmo motivo que era criticada: por seu caráter escandaloso e quase “aberrativo”, segundo padrões comportamentais então vigentes. Também por isso sua publicação garantia lucros para o mercado editorial em expansão.

Diante das críticas e da forma como *Bom-Crioulo* foi recebido pelo público e pela crítica, Adolfo Caminha, ao expor sua real intenção e inspiração para escrita da obra, deixa claro a influência fundamental de teorias científicistas em sua escrita, entendidas não como apenas suposições, e que a obra, de caráter naturalista, trata de um caso de suposta inversão sexual, e traz a influência do racialismo e da criminologia biológica. Seus personagens e suas ações são justificados pela ciência.

Cabe destacar também nossa intenção ao trazer para a pesquisa histórica uma obra literária de finais do século XIX com abordagens polêmicas para o período. Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* levanta dois questionamentos que nortearam este trabalho: Qual a influência exercida pelo contexto social na obra de arte? Qual a influência exercida pela obra de arte sobre o contexto social?⁵⁵⁶ O autor afirma que uma questão fundamental para análise de uma obra literária é “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce”⁵⁵⁷.

Na expectativa de responder à primeira pergunta colocada por Candido, acerca da influência exercida pelo contexto social na obra de arte, podemos afirmar que, além da influência do cientificismo no contexto intelectual de forma mais abrangente e nas obras naturalistas de forma mais específica, figuram a influência de teorias biologizantes em circulação em uma sociedade patriarcal, escravista e conservadora.

Em relação à segunda questão, mencionada por Antonio Candido, podemos afirmar que *Bom-Crioulo* foi interpretado como uma obra pornográfica e por isso sofreu duras críticas. Adolfo Caminha, ao escrever *Bom-Crioulo*, pretendeu trazer para a literatura brasileira discussões sobre postulados científicos de finais do século XIX, no entanto, os valores morais patriarcais e religiosos se espantavam com a linguagem e os personagens do naturalismo, ao mesmo tempo que o público leitor em expansão, portador de tais valores, era levado pela curiosidade a adquirir a obra.

⁵⁵⁶ CANDIDO, Antonio. Op. Cit. p. 9.

⁵⁵⁷ Ibidem.

FONTES

Livros:

ALMEIDA, Pires de. *Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Laemmert & C, 1906.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2018.

CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo: Ed. Escala, 2010.

_____. *Cartas literárias*. 2. ed. Fortaleza. UFC Edições, 1999.

_____. *A Normalista*. Fortaleza. Verdes Mares Ltda. 1997.

_____. *Tentação*. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura, Domínio Público, UNAMA-Universidade da Amazônia, 1894.

_____. *Tentação/No país dos ianques*, 2ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, Academia Cearense de Letras, 1979.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário da Língua Brasileira*, Ouro Preto, 1832.

Periódicos:

A de R. *A Notícia* Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1897. Kaleidoscopio.1897.

A NOTÍCIA, 6 de janeiro de 1894.

ABRANCHES, Dusche. *Jornal do Brasil*, 25 de dezembro de 1896, Crítica Litteraria. 1896.

C. A. *Gazeta de Notícias*, 13 de novembro de 1893.

CAMINHA, Adolfo. A Chibata, *Jornal Gazeta de Notícias*, 12-13 de novembro de 1888.

_____. Um livro Condenado. *A Nova Revista*, Rio de Janeiro v.1, n.2, p. 40-42, fev, 1896.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1895.

Gazeta da Tarde, 10 de abril de 1896.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1895, p. 2.

LÉO, *Dom Quixote*, 9 de janeiro de 1897.

MAGALHÃES, Valentim. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1895. *Semana Literária*. 1885.

_____. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1895. *Semana Literária*.

NETO, Coelho. *A Notícia*, 2 de outubro de 1897.

O País, 12 de novembro de 1895.

O Pão- da Padaria Espiritual, Fortaleza, 19 de junho de 1896

PACHECO, Francisco. *Folha do Norte*, 3 de fevereiro de 1896, *Chronica dos Livros*. 1896.

PARDAL, Mario. *Gazeta da Tarde*, 26 de março de 1896, *Vida Bohemia*. 1896.

PESSOA, Frota. *Gazeta de Notícias*, 7 de janeiro de 1897. 1897.

TELLES, Zé. *Gazeta de Petrópolis*, 5 de janeiro de 1897.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento - A geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001.
- ALVAREZ, Marcos César. A Criminologia no Brasil ou Como Tratar Desigualmente os Desiguais. *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 45, nº 4, p. 677-704, 2002.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2018.
- AZEVEDO, Artur. *O País*, 5 de janeiro de 1897.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- _____. Adolfo Caminha e o Naturalismo. *Revista O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 14, p. 81-93, 2007.
- BARBOSA, Mario Davi. Originalidade e pessimismo: A recepção da criminologia positiva na obra de Nina Rodrigues. *Revista Liberdades*. São Paulo, nº 8, set./dez., p. 119-146, 2011.
- BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: Um polígrafo na Literatura Brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- BIGLIA, Pablo Ferreira. *Adolfo Caminha e Caio Fernando Abreu: a hermenêutica literária pelo viés da sexualidade*. Dissertação de Mestrado. Ponta Grossa. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade, 2015.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef. Uma moderna história sobre a paixão. In: CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série bom livro).
- CANDIDO, Antonio. A passagem do dois ao três (contribuição para o estudo das mediações na análise literária). In: *Revista de História*. Ano 25, tomo 3, volume 50, n.º 100, São Paulo, out/dez. p.787-799, 1974.
- _____. *O Discurso e a Cidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2015.
- CARULA, Karoline. *Darwinismo, Raça e Gênero: Conferências e Cursos Públicos no Rio de Janeiro (1870-1889)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo, 1998.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo. Cia das Letras, 2006.
- COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007.

CRUZ, Ana Vladia Holanda. *As raízes históricas da política criminal na legislação e nas práticas de atendimento ao adolescente em conflito com a lei*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal, 2014.

DEL OLMO, Rosa. *A Americ Latina e sua Criminologia*. Rio de Janeiro: Revan e Instituto Carioca de Criminologia, 2004.

DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SA, Magali Romero. *Controvérsias evolucionistas no Brasil do século XIX*. A recepção do Darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.

FARIA, Maraísa Gabriela de. *As barbas espantadias do público: uma história da edição, circulação, recepção e fortuna crítica de Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, 2016.

GLICK, Thomas. O positivismo brasileiro na sombra do darwinismo: o grupo ideia nova em desterro. In: DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SA, Magali Romero (Orgs.). *A recepção do Darwinismo no Brasil*, Rio de Janeiro, ed. FIOCRUZ, 2003, p. 181-189.

GOMES JÚNIOR, João. “Frescos” e “bagaxas”: apontamentos acerca do discurso médico sobre a homossexualidade e a prostituição masculina no Rio de Janeiro entre 1900 1930. In: *Simpósio Nacional de História*, Anais, Universidade de Brasília, Brasília-DF, p. 1-11, 2017.

GOMES Monica dos Santos. *As traduoes e recepção de Germinal, de Emile Zola, no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL), Programa de Pós-graduação em Literatura (POSLIT), 2013.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *Evolucionismo do Brasil: ciência e educação nos museus 1870-1915*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008, v.1

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. Tese de doutorado, São Paulo, UNICAMP, Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, 2001.

HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. *Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB*, João Pessoa, vol. 7, n. 1 e 2, p. 171-190, 2005.

LACERDA, Danielle Christine Othon. O crescimento do mercado editorial impulsionado pela literatura de folhetim no século XIX, *7a Conferência Internacional de História Econmica e IX Encontro de Pós-Graduação em História Econmica*, 2018, p. 1-30.

LIMA, Alberto Jorge Correia de Barros; SILVA, Nathália Ribeiro Leite. A Americ Latina e sua criminologia: de seu surgimento  “criminologia da libertação”. *Revista da ESMAL*, Maceió-AL, n1, p. 125-158, 2016.

LUKÁCS, Gyorgy, Narrar ou descrever? In: *Marxismo e teoria da literatura*. 2a Edição, São Paulo: Expressão Popular, p. 154-184, 2010.

LUNA, Francisco Vidal. *Escravidão no Brasil: aspectos econômicos*. São Paulo: EDUSP, 2010.

LUSTOZA SANTOS, Matheus. A feminilidade de Aleixo e a masculinidade de d. Carolina da obra “Bom-Crioulo” inseridas em propostas de trabalho para sala de aula. In: *4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero*. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016, p. 3-13.

MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. *Patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal do Brasil das décadas de 1940 e 1950*. Monografia (Licenciatura em História). UFPA, Curitiba, 2010.

MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio: Os Significados da Liberdade no Sudeste Escravista - Brasil Séc. XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MELLO, Maria Thereza Chaves de. “A Modernidade Republicana”, *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, p. 21. out. 2008.

MENDES, Leonardo. O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90. *Letras & Letras*, Uberlândia, p. 189. v. 24, jul./dez. 2008.

MENDES, Leonardo. O crítico Adolfo Caminha e as batalhas pelo reconhecimento literário. *Revista Fronteira Z*, São Paulo, p.1-10 n. 8, 2012.

MÉRIAN, Jean-Yven. O negro na literatura brasileira versus uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. *Revista Navegações*. Porto Alegre, mar. v.1 n.1, p. 50-60, 2008.

MEYER, Marlyse. *Folhetim - Uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996

NASCIMENTO, Álvaro. *A Ressaca da Marujada*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

QUEVEDO, Cristian Abreu de. *A homoafetividade no romance Bom-Crioulo de Adolfo Caminha: Uma leitura crítica a partir de questões de gênero e sexualidade*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Curitiba: Centro Universitário Campos de Andrade, 2017.

REIS, João José. *Negociação e Conflito*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

SALLES, Ricardo. Da liberdade de se ter escravos à liberdade como direito. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). *Nação e Cidadania no Império: Novos Horizontes*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2007, p. 287-311.

SANTOS, Ricardo Ventura. Mestiçagem, Degeneração e a Viabilidade de uma Nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). *Raça como Questão*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e Literatura: uma relação possível. *Revista Científica*, Curitiba, v.2, p.117-126, jan/dez. 2007.

SCHIFFNER, Tiago Lopes. *A cicatriz dos pobres e a sorte dos ricos: A representação do trabalho e a mobilidade social em O Cortiço (1890) e em Bom-Crioulo (1895)*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.